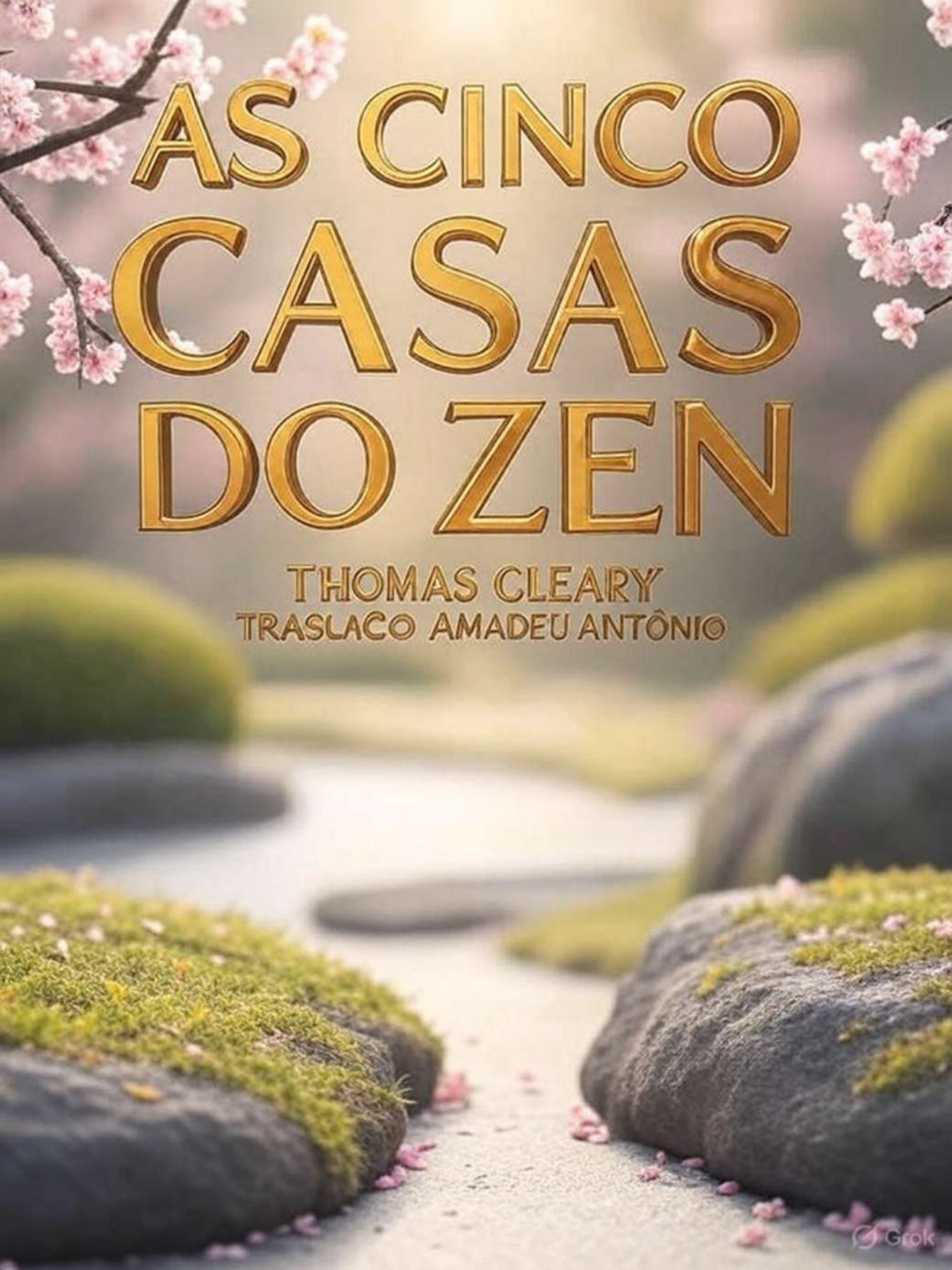


The background of the cover is a soft-focus photograph of a traditional Japanese garden. In the foreground, two large, dark grey rocks are covered in vibrant green moss. A light-colored stone path leads from the bottom center towards the background. Scattered pink cherry blossom petals are visible on the path and around the rocks. In the upper corners, branches of cherry blossoms with delicate pink flowers are visible against a bright, hazy sky.

AS CINCO CASAS DO ZEN

THOMAS CLEARY
TRADUÇÃO AMADEU ANTÔNIO

SHAMBHALA
Boston & Londres
2014

Índice

Introdução
A Casa de Kuei-Yang
Pai-chang
Kuei-shan
Kuei-shan e Yang-shan
Sun-chi
A Casa de Lin-chi
Huang-po
Lin-chi
Yuan-wu
A Casa de Ts'ao-Tung
Yao-shan
Yun-yen
Tung-shan
Hung-chih
A Casa de Tun-men
Hsueh-feng
Yun-men
Ming-chiao
Hsueh-tou
A Casa de Fa-yen
Hsuan-sha
Kuei-ch'en
Fa-yen
Yung-ming
Glossário

Introdução

Quando o budismo lançou raízes na China após o fim da dinastia Han (206 a.C.–219 d.C.), libertou enormes vagas de energia criativa de um povo que tinha estado espiritualmente aprisionado durante séculos. Durante quatrocentos anos, a cultura chinesa dominante fora mantida nos limites sufocantes da ortodoxia confucionista estreita, imposta pela casa governante dos Han como parte do seu controlo sobre o poder político.

Um dos efeitos nada desprezáveis do budismo na China foi o desenvolvimento do taoismo — a tradição espiritual nativa da China — em formatos religiosos e literários altamente elaborados, imitando a extraordinária riqueza intelectual e expressiva do budismo. Mas, mesmo com a rápida expansão do taoismo, a China mais internacionalizada dos séculos posteriores aos Han considerou os ensinamentos budistas imensamente atrativos, e as duas religiões cresceram lado a lado na cultura viva e sincrética que evoluía na nova China.

Enquanto a literatura e o saber budistas expandiam as mentes da elite intelectual chinesa, os adeptos budistas desempenhavam um papel ativo no repovoamento e reconstrução de territórios devastados pela guerra após a desagregação da velha ordem. À medida que, nos séculos seguintes, dinastias relativamente locais e efémeras surgiam e caíam, os senhores da guerra chineses acabaram por imitar os seus homólogos da Ásia Central e começaram a adotar o budismo como uma espécie de religião de Estado.

Em contraste com o confucionismo, o budismo era uma religião internacional, sem preconceitos étnicos ou culturais. Tal como o druidismo na Europa pré-romana, além de ser repositório de muitos tipos de conhecimento, o budismo servia de meio para trocas culturais e diplomáticas internacionais em quase toda a Ásia, mesmo — e talvez especialmente — em tempos em que as guerras devastavam o mundo em geral.

Havia, naturalmente, um reverso na florescência da religião budista na China. Como diz um provérbio Zen: “Um ganho, uma perda.” Tornando-se bem estabelecido, bem financiado e bem reputado, o budismo passou a atrair muitos ociosos e também falsos adeptos gananciosos e ambiciosos. Uns procuravam apoio material, outros diversão intelectual, outros ainda poder político. A abundância de rituais, literatura e métodos

organizacionais que o budismo oferecia era intoxicante para muitos aristocratas e senhores da guerra chineses.

Uma consequência do volume e variedade desconcertantes de literatura budista que chegava à China do sul e centro da Ásia foi o desenvolvimento de escolas de budismo chinês baseadas quer em certos textos importantes, quer em determinadas sistematizações do corpo total de ensinamentos canónicos. Este processo já tinha começado no início do século V e, no final do século VI, a primeira escola sincrética, T'ien-t'ai, tinha absorvido várias escolas anteriores mais limitadas em alcance.

Os três séculos seguintes assistiram à fase mais distinta e sofisticada não só do budismo chinês, mas de toda a cultura chinesa. Esta foi a era da dinastia T'ang (619–906), o auge da civilização e a maior expressão do seu génio complexo.

A cultura T'ang foi fortemente estimulada pelas políticas vigorosas da Imperatriz Wu Tse-t'ien (r. 684–701), uma figura altamente talentosa que promoveu o confucionismo, o taoismo e o budismo para enriquecer os recursos espirituais de toda a civilização. Foram incentivadas discussões e debates entre as três correntes de pensamento, para desencorajar a complacência sob patrocínio estatal e trazer ao de cima o melhor de cada filosofia.

Foi durante a dinastia T'ang que as escolas budistas da Terra Pura, T'ien-t'ai, Hua-yen, Chen-yen (Mantra) e Ch'an (Zen) receberam a sua formulação definitiva pelos grandes mestres da época. A escola da Terra Pura foi elevada a novas alturas de experiência mística pelos escritos extáticos de Shan-tao; os exercícios de meditação T'ien-t'ai foram tecnicamente aprofundados nos comentários de Chanjan; o universo Hua-yen foi magistralmente iluminado nos ensaios de Fa-hsiang; os segredos do budismo tântrico foram condensados na arte esotérica de Huikuo; e a mente interior do budismo Ch'an ou Zen foi revelada de forma direta nas palestras de Hui-neng.

Certos traços distinguiam o Zen das outras escolas. Um dos mais evidentes era a maior diversidade de expressão Zen, enraizada no facto de o Zen clássico ser mais rigoroso na observância do axioma do budismo Mahayana segundo o qual sistemas particulares não podem ser fixados como prescrições universais para a iluminação de todos. Embora o Zen e outras escolas budistas partilhem um vasto leque de

ensinamentos, os seus modos e métodos de seleção expedita, organização e apresentação diferem bastante.

Para ser prática, a abordagem e os métodos têm de ser ajustados às necessidades e capacidades de comunidades e indivíduos. Isto não é uma ideia exclusiva do Zen, mas um princípio básico de todo o budismo. Os princípios e práticas budistas variam ao longo de um largo espectro por esta razão, e essa amplitude e flexibilidade refletiam-se também no costume dos mestres Zen originais de encorajar e estimular a experiência direta individual e evitar o cliché dogmático.

De acordo com a sua natureza pragmática, a interpretação Zen das escrituras budistas abandonou o pensamento mitológico a favor do pensamento analógico. As escrituras budistas não eram tratadas pelos adeptos Zen como textos sagrados necessariamente verdadeiros à letra, mas como compêndios de ideias, perspectivas e exercícios potencialmente úteis, frequentemente expressos em linguagem simbólica deslumbrante. Insistindo na compreensão prática das escrituras — e não na sua mera recitação piedosa —, os grandes mestres Zen interpretavam o simbolismo budista através de uma análise estrutural especial, baseada em aspetos e fases das experiências budistas de despertar e consciência. Esta disciplina era também aplicada ao crescente corpo de literatura própria do Zen, particularmente histórias e poemas.

Por causa da sua natureza e história, não existe currículo fixo nem manual padrão do verdadeiro Zen clássico. A maior parte do material que seria necessário para uma história real do Zen não existe. Isto faz parte do ensinamento original do Zen, que precisa de ser experienciado pessoalmente para ser compreendido, e cujos mestres, por conseguinte, falavam para responder às necessidades dos outros e não falavam muito sobre si mesmos.

Embora não haja um cânone fixo no Zen, alguns escritos e vestígios de ensinamentos clássicos foram preservados. Partes dessa herança foram utilizadas de várias formas ao longo de diferentes renascimentos do Zen, e surgiu também uma imensa literatura secundária de interpretação e desenvolvimento, partes da qual seriam retomadas em movimentos e renascimentos posteriores. Isso acabou por resultar em maneirismos literários extremamente convolutos — ou mesmo involutivos — que contribuíram para o declínio e desaparecimento do Zen iluminista experiencial.

Dentro do vasto corpo de literatura reconhecida como Zen, proveniente de incontáveis mestres e escolas que apareceram e desapareceram ao longo dos séculos, o conjunto que mais se destaca como a principal fonte de exemplos clássicos de Zen é o associado às chamadas **Cinco Casas do Zen**. Historicamente representadas por vários grupos de mestres notáveis, as Cinco Casas surgiram na China durante os séculos IX e X.

As Cinco Casas não eram seitas nem escolas, mas mais tarde passaram a ser vistas dessa forma. Embora os grandes mestres das Cinco Casas fossem professores eminentes, e o conceito teórico das Casas pareça centrar-se nos seus ensinamentos, na realidade quase nada se sabe sobre as suas vidas, internas ou externas, e não se consegue associar-lhes qualquer organização concreta. Em suma, as Casas originais não foram institucionalizadas, os seus ensinamentos não foram dogmatizados e os seus guias e exemplos não foram idolatrados.

As Cinco Casas do Zen Clássico, por ordem de aparecimento histórico, foram: **Kuei-Yang**, nomeada em honra dos mestres Kuei-shan Ling-yu (771–854) e Yang-shan Hui-chi (813–890); **Lin-chi**, nomeada a partir do mestre Lin-chi I-hsuan (m. 866); **Ts’ao-Tung**, nomeada em honra dos mestres Tung-shan Liang-chieh (807–869) e Ts’ao-shan Pen-chi (840–901); **Yun-men**, nomeada a partir do mestre Yun-men Wen-yen (m. 949); e **Fa-yen**, nomeada a partir do mestre Fa-yen Wen-i (885–958).

A presente coletânea de ensinamentos das Cinco Casas do Zen começa com ditos de Pai-chang Huai-hai (720–814), que foi mestre de Kuei-shan Ling-yu, da Casa de Kuei-Yang. Sendo também um antecessor direto da Casa de Lin-chi, Pai-chang é creditado com a regra Zen primitiva “Um dia sem trabalho, um dia sem comida”, que fomentava a independência em relação ao patrocínio secular. Os ditos de Pai-chang estão profundamente impregnados dos ensinamentos das escrituras budistas, característica que também marca as obras subsequentes dos mestres das Casas de Kuei-Yang e de Lin-chi.

Após os ditos de Pai-chang, seguem-se excertos das *Admoestações de Kuei-shan*, um dos primeiros escritos Zen. Durante a dinastia Sung (960–1278), esta obra foi incorporada num manual introdutório popular do budismo e, mais tarde, tornou-se objeto de muito estudo e comentário. Ditos transmitidos oralmente por Kuei-shan e pelo seu sucessor Yang-shan aparecem em muitas antologias clássicas de obras Zen, e numerosos diálogos entre ambos são usados como exemplos em grandes coleções de histórias de ensinamento.

Relativamente pouco se sabe ou está registado sobre mestres posteriores da Casa de Kuei-Yang, que voltou à quietude após algumas gerações. Uma exceção encontra-se num raro registo da obra de Sun-chi, sucessor de Yang-shan, originário da Coreia, cujos ditos só se encontram nos *Anais dos Salões dos Ancestrais*, uma antiga coleção Zen perdida na China mas preservada (e aparentemente ampliada) na Coreia.

Este material é particularmente valioso por conter os usos mais extensos e mais claramente explicados de símbolos circulares, pelos quais a Casa de Kuei-Yang era famosa. Acredita-se que Yang-shan herdou um livro único de símbolos de um mestre antigo. Para evitar apego ao concreto, Yang-shan queimou esse livro, mas mais tarde fez uma cópia de memória para devolver ao mestre de quem o recebera. Nada mais se sabe sobre este sistema, exceto por fragmentos que surgem aqui e ali. As explicações de Sun-chi esclarecem, até certo ponto, o mistério dos símbolos circulares, particularmente ao demonstrar a ligação entre o budismo das escrituras e o Zen.

Depois do Kuei-Yang, a seguinte das Cinco Casas do Zen foi a Lin-chi. A seleção de materiais apresentada aqui começa com excertos do *Método Essencial de Transmissão da Mente* de Huang-po (m. 850), mestre Zen de Lin-chi, que deu o nome à Casa. Diz-se que Huang-po era iluminado por natureza, mas também é considerado um sucessor Zen do grande Pai-chang.

Os ditos de Huang-po são seguidos por excertos do *Lin-chi Lu*, ou “Registo de Lin-chi”, uma das mais extensas coleções de palestras e diálogos de um mestre individual compiladas durante o período clássico do Zen. Refletindo o espírito de Pai-chang e Huang-po no seu ensino, Lin-chi refinou ainda mais algumas das suas construções didáticas formais e aperfeiçoou o uso de técnicas de choque para estimular uma rutura perceptiva direta fora dos padrões convencionais de pensamento.

A Casa de Lin-chi declinou quase de imediato e estava quase extinta após a quarta geração. Foi revivida por um mestre da sexta geração que estudou com mais de setenta mestres Zen, incluindo representantes de todas as Casas existentes, bem como de outras linhagens Zen. Este renascimento do Zen de Lin-chi atingiu o seu maior nível de sofisticação na décima geração com o mestre Zen Yuan-wu (1063–1135), cujo famoso *Essenciais da Mente* também se tornou um clássico do Zen. Apresentam-se aqui excertos desta obra.

A Casa de Ts'ao-Tung surgiu mais ou menos na mesma época que as Casas de Kuei-Yang e Lin-chi. Os registos dos mestres desta Casa estavam dispersos, restando apenas alguns diálogos e poucas composições atribuídas a Tung-shan e Ts'ao-shan. A seleção apresentada aqui começa com ditos dos predecessores de Tung-shan, Yao-shan (745–828) e Yun-yen (781–841). O ensinamento contido na famosa *Canção de Focar o Espelho Precioso* de Tung-shan, aqui traduzida, é dito ter-se originado com Yao-shan e ter sido transmitido a Tung-shan por Yun-yen.

A Casa de Ts'ao-Tung é particularmente conhecida pelo dispositivo didático das Cinco Posições, que se diz ter sido extraído do ensinamento de Yao-shan por Tung-shan e refinado pelo seu sucessor Ts'ao-shan. A presente coletânea inclui a exposição mais notável de Ts'ao-shan sobre este dispositivo, que ilustra principalmente a integração das perspectivas absoluta e relativa na experiência Zen, estendendo o seu uso à análise estrutural de ditos e histórias Zen para definir os estados e estágios de realização que representam.

A escola Ts'ao-Tung extinguiu-se após a morte do último mestre da sexta geração, mas foi revivida por um mestre da sétima geração da Casa de Lin-chi, que tinha recebido os métodos de ensino Ts'ao-Tung do último mestre vivo. Um renascimento subsequente da Casa de Ts'ao-Tung culminou nos ensinamentos de Hung-chih (1091–1157), que viria a ser um dos maiores escritores Zen de todos os tempos, tanto em poesia como em prosa. Seleções das notáveis obras de Hung-chih encerram este capítulo sobre a Casa de Ts'ao-Tung.

A quarta das Cinco Casas é a Yun-men, nomeada em honra de Yun-men, que estudou com um discípulo de Huang-po e alcançou a iluminação antes de conhecer Hsueh-feng, tradicionalmente considerado o seu principal mestre Zen. O próprio Hsueh-feng estudou com Tung-shan da Casa de Ts'ao-Tung, e Yun-men associou-se mais tarde ao sucessor de Tung-shan, Ts'ao-shan. Após completar os seus estudos com Hsueh-feng, Yun-men passou também algum tempo com um sucessor de Kuei-shan, da Casa de Kuei-Yang. Assim, a Casa de Yun-men tinha ligações espirituais com cada uma das Casas mais antigas.

A seleção de materiais sobre o Zen de Yun-men aqui apresentada começa com ditos de Hsueh-feng (822–908), mestre de Yun-men e de muitos outros mestres Zen ilustres da época. Hsueh-feng alcançou a sua primeira realização Zen aos dezoito anos, mas não atingiu a iluminação

completa até aos quarenta e cinco, sendo tradicionalmente citado como exemplo do provérbio: “Um bom vaso leva muito tempo a completar-se.” Mais tarde, atraiu muitos seguidores e diz-se que teve mil e quinhentos discípulos. À data da sua morte, mais de cinquenta sucessores iluminados seus já ensinavam Zen.

Yun-men, que dá nome à Casa, foi um dos mais brilhantes e abstrusos de todos os mestres clássicos. As suas palestras incluem numerosos exemplos de citações e variações da tradição Zen existente, e a meditação sobre histórias e ditos Zen era claramente um dos métodos da sua escola. A tradição afirma, contudo, que Yun-men proibia os seus seguidores de registar as suas próprias palavras, para que não memorizassem ditos em detrimento da experiência direta da realidade. O registo que temos de Yun-men, mais extenso do que o de outros mestres originais das Cinco Casas, é dito ter sido escrito secretamente por um discípulo veterano num manto feito de papel — vestes que, por vezes, eram usadas por monges como exercício de lembrança da perecibilidade das coisas. Esta antologia apresenta várias palestras de Yun-men, nas quais ele dá orientação para os estudos Zen em termos relativamente diretos.

Yun-men teve sessenta e um discípulos iluminados, mas pouco se sabe sobre a maioria deles. Na geração seguinte, no entanto, um sucessor de um dos seus discípulos destacou-se como escritor e intelectual de renome, além de mestre Zen distinto. Tratava-se do grande mestre Ming-chiao (1008–1072), que escreveu extensivamente sobre temas seculares, religiosos e espirituais. Ming-chiao manteve muitos contactos entre a elite intelectual confucionista e desempenhou um papel importante na influência do Zen sobre o surgimento e desenvolvimento do neo-confucionismo da dinastia Sung. Vários dos seus ensaios claros sobre psicologia e espiritualidade são aqui apresentados na secção dedicada à Casa de Yun-men.

Na quarta geração desta Casa, surgiu outra figura gigante, o eminente Hsueh-tou, também grande escritor e poeta notável. Tradicionalmente visto como o revivificador da Casa de Yun-men, Hsueh-tou é particularmente famoso como autor dos comentários poéticos sobre histórias Zen da coleção clássica *Registo do Penhasco Azul*. Outra coleção de poesia também lhe é atribuída, bem como uma antologia de histórias Zen com comentários em prosa da sua autoria, a *Coleção da Cascata*, de que aqui se apresentam excertos para encerrar a secção sobre o Zen de Yun-men.

A última das Cinco Casas do Zen foi a Fa-yen. Uma das primeiras coleções de tradição clássica Zen refere-se a esta Casa como um renascimento da escola Zen de Hsuan-sha (835–908), um dos mestres mais notáveis da dinastia T'ang. Originalmente pescador, Hsuan-sha tornou-se discípulo e colega do grande mestre Zen Hsueh-feng, já mencionado como precursor da Casa de Yun-men.

A seleção de materiais apresentada aqui sobre a Casa de Fa-yen começa com ditos de Hsuan-sha e do seu sucessor Kuei-ch'en, mestre de Fa-yen. Segue-se o texto completo da composição clássica de Fa-yen, *Dez Diretrizes para as Escolas Zen*, na qual o grande mestre — que se diz ter tido mil discípulos e mais de sessenta sucessores iluminados — analisa a deterioração do ensino e da prática Zen contemporâneos face aos princípios fundamentais e ideais originais do Zen.

Entre os muitos herdeiros espirituais de Fa-yen estavam numerosos mestres Zen distintos, incluindo um Mestre Nacional de Koryo, a Coreia unificada, onde esta Casa teria grande impacto. Outro dos seus sucessores ilustres, Mestre Nacional da dinastia Han Posterior na China pós-T'ang, foi determinante na restauração e renascimento da escola T'ien-t'ai do budismo, uma das casas-mãe do antigo Zen. Este mestre foi, por sua vez, sucedido pelo ilustre Yung-ming Yen-shou (905–976), também considerado patriarca do budismo da Terra Pura.

Yen-shou revitalizou o estudo do pan-budismo no contexto Zen e o estudo do Zen no contexto pan-budista. Provavelmente foi o autor Zen mais prolífico de todos os tempos, especialmente conhecido pelo seu compêndio em cem volumes *Registo do Espelho da Fonte*, no qual sintetiza todo o espectro da doutrina budista exotérica, citando extensamente mais de trezentas fontes clássicas.

Esta antologia de materiais das Cinco Casas do Zen encerra com duas seleções da obra de Yen-shou, da Casa de Fa-yen. A primeira é uma crítica sumária de mais de cem desvios culturais do Zen, na linha de trabalhos de Fa-yen e outros. A segunda é um texto instrutivo sobre o equilíbrio entre os dois aspetos básicos da meditação, habitualmente referidos como cessação e contemplação (ou parar e ver) no contexto da prática causal, e como concentração e visão (ou estabilidade e sabedoria) no contexto da realização efetiva. Trata-se de um dos guias mais valiosos para a meditação Zen que se encontram na literatura das Cinco Casas.

A Casa de KUEI-YANG

PAI-CHANG

Ditos

É necessário distinguir a linguagem que se refere à verdade absoluta da linguagem que se refere à verdade relativa. É necessário distinguir as afirmações gerais das afirmações particulares. É necessário distinguir a linguagem de um ensinamento completo da linguagem de um ensinamento incompleto.

O ensinamento completo trata da pureza; o ensinamento incompleto trata da impureza. O ensinamento incompleto explica a impureza nas coisas impuras para eliminar o profano; o ensinamento completo explica a impureza nas coisas puras para eliminar o sagrado.

Antes de o Buda ter exposto os ensinamentos elementares, as pessoas não tinham visão, por isso precisavam de alguém que as refinasse. Se estiveres a falar com mundanos que não ouvem, é preciso ensiná-los a superar os apegos, viver uma vida disciplinada, praticar meditação e desenvolver visão. Mas não é apropriado falar assim para pessoas além de medida.

As pessoas no processo de autopurificação já aceitaram de bom grado a disciplina na íntegra. Possuem o poder da disciplina, da concentração e da visão; por isso, pregar-lhes desta forma chama-se falar fora de tempo, porque não é apropriado à ocasião. Também se chama discurso sugestivo.

As pessoas em processo de purificação devem ser instruídas sobre a impureza nas coisas puras. Devem ser ensinadas a desapegar-se de todas as coisas, existentes ou inexistentes. Devem ser ensinadas a desapegar-se de todo o cultivo e experiência, e até a desapegar-se do desapego.

O processo de purificação é eliminar as influências do hábito. Se as pessoas em processo de purificação não conseguirem libertar-se das doenças da ganância e do ódio, também são mundanos que não ouvem e ainda têm de ser ensinados a praticar meditação e cultivar visão.

Os dois veículos menores põem fim às doenças da ganância e do ódio, removendo-as completamente, mas permanecem no estado de ausência de desejo e consideram isso correto. Este é o reino sem forma; isto é obstruir a luz da iluminação completa, é derramar o sangue do Buda.

Aqui também é ainda necessário praticar meditação e desenvolver mais a visão.

É preciso distinguir as referências à pureza e à impureza. Há muitos nomes para as coisas impuras — ganância, ódio, fascinação, e assim por diante. Há também muitos nomes para as coisas puras — iluminação, nirvana, libertação, e assim por diante. E, no entanto, mesmo no meio destas duas correntes, pureza e impureza — no meio dos padrões de profanidade e santidade, no meio das formas, sons, cheiros, sabores, sensações e coisas, no meio das coisas mundanas e dos fenómenos transcendentais —, a consciência espelhante imediata não deve fixar-se em nada.

Quando estás livre de obsessão e fixação, mas ainda assim permaneces no desapego e consideras isso correto, este é o bem inicial. Isto é permanecer na mente subjugada. Isto é o que um discípulo é. Estás apegado ao meio e não o queres largar. Este é o caminho dos dois veículos menores. Este é um resultado da meditação.

Quando já não te agarras, e ainda assim não permaneces no desapego, este é o bem intermédio. Isto é o Ensino da Meia Palavra. Continua a ser o reino sem forma; embora evites ficar preso ao caminho dos dois veículos menores e evites ficar preso pelo enredamento demoníaco, isto continua a ser uma doença da meditação. Isto é a prisão dos seres iluminadores.

Quando já não permaneces no desapego e nem sequer formules uma compreensão sobre não permanecer, este é o bem final. Isto é o Ensino da Palavra Completa. Evitas ficar preso no reino sem forma, evitas ficar preso na doença da meditação, evitas ficar preso no caminho dos seres iluminadores e evitas ficar preso pelo enredamento demoníaco.

Por causa das barreiras do conhecimento, das barreiras do estado e das barreiras da ação, ver a tua própria natureza de buda é como ver cor à noite. Como se diz, no estágio de budidade, dois tipos de ignorância cessam: a ignorância do conhecimento subtil e a ignorância do conhecimento extremamente subtil.

Se conseguires passar pelas três fases — início, meio e fim —, não serás constrangido por elas. Os ensinamentos budistas comparam isto a um veado que salta três vezes para sair de uma rede. Então és chamado um iluminado para lá do confinamento; nada te pode capturar ou prender. És um dos budas que sucede ao Buda da Lâmpada. Este é o veículo

supremo, o conhecimento mais elevado; isto é estar de pé no Caminho da iluminação. Agora és um buda, com natureza iluminada; és um guia, capaz de exercer uma influência sem obstáculos. Isto é iluminação desimpedida.

Após a iluminação, serás capaz de usar a causalidade da virtude e do conhecimento livremente; isto é construir um veículo para transportar a causalidade. Em vida, não és retido pela vida; na morte, não és obstruído pela morte. Mesmo estando dentro dos agregados de elementos mentais e físicos, é como se uma porta se tivesse aberto, de modo que não és inibido por esses agregados. És livre para partir ou ficar, saindo e entrando sem dificuldade. Se conseguires ser assim, não há questão de estágios ou passos, de superior ou inferior; tudo, até os corpos das formigas, é terra de maravilha pura. É inconcebível.

O que precede ainda é apenas conversa com o propósito de desfazer laços. Como diz a escritura: “Eles próprios são completos; não os firas.” Mesmo termos como Buda e seres iluminadores são feridas. Enquanto falares de qualquer coisa, exista ou não, é tudo ferida. “Exista ou não” refere-se a todas as coisas.

Os seres iluminadores do décimo estágio ainda estão no rio das correntes impuras; criam um ensinamento de corrente pura, definindo as características da pureza e explicando as aflições da impureza.

Antigamente, os dez grandes discípulos do Buda tinham todos a sua individualidade e condição característica; um por um, os seus erros eram esclarecidos pelo Guia. Nos quatro estágios de meditação e nas oito concentrações, até mesmo santos permanecem em absorção durante oitenta mil kalpas; apegando-se dependentemente ao que praticam, estão embriagados pelo vinho das coisas puras.

Assim, os discípulos podem ouvir o ensinamento do Iluminado mas não conseguem conceber o espírito do Caminho supremo. É por isso que se diz que aqueles que cortam as raízes da bondade não têm natureza de buda. Uma escritura diz que isto se chama o poço profundo da libertação, um lugar temível; se a mente recua por um instante, vai para o inferno como uma flecha disparada.

Não podemos falar apenas em termos de recuar ou não recuar, pois seres iluminadores supremos como Manjushri, Avalokiteshvara e Mahasthamaprapta regressam ao estágio de entrar na corrente, misturando-se com vários tipos de pessoas para as guiar. Não podemos

dizer que recuaram ou regrediram; tudo o que podemos dizer, nessas alturas, é que entraram na corrente.

Enquanto a consciência espelhante imediata não se preocupar com nada, exista ou não, e consiga atravessar as três fases e todas as coisas, agradáveis ou desagradáveis, então, mesmo que ouças falar de cem, mil ou mesmo cem milhões de budas a surgirem no mundo, é como se não tivesses ouvido. E, no entanto, não permaneces em não ouvir, e não formas uma compreensão de não permanecer. Então, não se pode dizer que recuas; medições e cálculos não se aplicam a ti. É isto que significa o ditado de que o Buda está sempre no mundo sem se habituar às coisas do mundo.

Dizer que o Buda faz girar a Roda do Ensino e depois recua é caluniar o Iluminado, o Ensino e a Comunidade. Dizer que o Buda não faz girar a Roda do Ensino e não recua também é caluniar o Iluminado, o Ensino e a Comunidade. Como escreveu Seng Chao: “O Caminho da iluminação não pode ser medido; é tão alto que nada existe acima dele, tão vasto que não pode ser limitado, tão profundo que é sem fundo, tão fundo que não pode ser sondado. Mesmo falar dele é como erguer um alvo, convidando uma flecha.”

Quando falamos de consciência espelhante, nem isto está realmente correto. Discernir o puro por meio do impuro. Se disseses que a consciência espelhante imediata é correta, ou então que há algo para além da consciência espelhante, tudo isto é ilusão. Se continuares a permanecer na consciência espelhante imediata, isto também equivale a ilusão; é o que se chama o erro do naturalismo.

Se disseses que a consciência espelhante imediata é o teu próprio Buda, estas são palavras de medição, palavras de cálculo; são como o uivo de um chacal. Isto é estar preso à porta, como estar preso em cola.

Originalmente, não reconheceste que o saber e a consciência inatos são o teu próprio Buda, e por isso foste correr para outro lado à procura do Buda. Por conseguinte, precisaste que um mestre te falasse sobre o saber e a consciência inatos, como um remédio para curar essa doença de busca frenética para fora.

Quando já não procuras para fora, esta doença está curada, e é necessário remover o remédio. Se te agarras fixamente ao saber e à consciência inatos, isto é uma doença Zen, característica de um seguidor fanático. É como água transformada em gelo: todo o gelo é água, mas

não pode ser usado para matar a sede. É uma doença mortal, perante a qual os médicos comuns são impotentes.

Nunca existiu tal coisa como “Buda”, portanto não o entendas como Buda. “Buda” é um remédio para pessoas emocionais; se não tens doença, não deves tomar remédio. Quando o remédio e a doença se dissolvem ambos, é como água pura; a budidade é como uma erva doce misturada na água, ou como mel misturado na água, muito doce e delicioso. E, no entanto, a própria água pura não é afetada.

Não é que não haja nada ali, porque sempre esteve ali. Esta verdade está originalmente presente em todos. Todos os budas e seres iluminadores podem ser chamados pessoas que apontam para um tesouro. Fundamentalmente, não é uma coisa; não precisas de a saber ou entender; não precisas de a afirmar ou negar. Basta parar o dualismo; parar as suposições de ser e não ser, de nem ser nem não ser.

Quando não há vestígios de nenhum dos extremos, então não há falta nem suficiência; isto não é profano nem sagrado, não é luz nem escuridão. Não é ter conhecimento, e no entanto não é faltar conhecimento. Não é prisão nem libertação. Não é qualquer nome ou categoria. Porque não seria isto fala verdadeira? Como podes talhar e polir o vazio para fazer uma imagem de Buda? Como podes dizer que o vazio é azul, amarelo, vermelho ou branco?

Diz-se: “A realidade não tem comparação, porque não há nada a que possa ser comparada; o corpo da realidade não é construído e não cai no âmbito de qualquer categoria.” É por isso que se diz: “A realidade do iluminado é sem nome e não pode ser expressa em palavras; é impossível permanecer na porta vazia da verdade tal como ela é.” Tal como os insetos podem pousar em qualquer lugar menos nas chamas de um fogo, as mentes das pessoas emocionais podem formar ligação com qualquer coisa, exceto com a visão transcendente.

Quando visitas mestres, procurando algum conhecimento ou compreensão, este é o demónio dos mestres, porque dá origem a conversa e opinião.

Se assumes os quatro votos universais, prometendo resgatar todos os seres vivos antes de atingires a budidade, este é o demónio do conhecimento do caminho dos seres iluminadores, porque o voto nunca é abandonado.

Se jejuas e te disciplinas, praticas meditação e cultivas visão, estas são virtudes afligidas. Mesmo que manifestes a realização da iluminação completa e perfeita e resgates inúmeros seres, permitindo-lhes alcançar a iluminação individual, este é o demónio das virtudes, pois desperta ganância e apego.

Se estás completamente livre de ganância no meio de todas as coisas, de modo que a tua essência consciente exista sozinha, permanecendo numa absorção extremamente profunda sem nunca ascender ou progredir mais, este é o demónio da concentração, porque ficarás permanentemente viciado no seu gozo até chegares à extinção última, sem desejos, sereno e imóvel. Isto ainda é trabalho demoníaco.

Se a tua visão não consegue desfazer tantas teias demoníacas, então, mesmo que compreendas cem livros de conhecimento, tudo isso são borras do inferno. Se procuras ser como o Buda, não há forma de o conseguires.

Agora, quando me ouves dizer que não debes apegar-te a nada, seja bom ou mau, existente ou inexistente, tomas isso imediatamente por cair no vazio. Não percebes que abandonar a raiz para perseguir os ramos é cair no vazio. Procurar budidade, procurar iluminação, procurar seja o que for, exista ou não, é abandonar a raiz para perseguir os ramos.

Por agora, come comida simples para sustentar a vida, veste roupa velha para te proteger do frio e, quando tiveres sede, tira água para beber. Para além disto, se não acalentares qualquer pensamento de preocupação com o que quer que seja, esteja presente ou não, então, com o tempo, terás a tua parte de tranquilidade e clareza.

Bons mestres não se agarram ao ser nem ao não ser, tendo abandonado todo o tipo de sugestão demoníaca. Quando falam, não enredam nem prendem os outros. Seja o que for que digam, não lhe chamam explicação de mestre; como ecos num vale, as suas palavras preenchem a terra sem falha. São dignos de confiança e de convívio.

Se alguém disser: «Eu sou capaz de explicar, eu sou capaz de compreender; eu sou o mestre, vós sois os discípulos», isso é o mesmo que sugestão demoníaca e conversa inútil. Uma vez que tendes visto realmente a existência do Caminho, dizer: «Isto é Buda, isto não é Buda, isto é iluminação, isto é extinção, isto é libertação», e assim por diante, é expressar inutilmente conhecimento parcial. Erguer um dedo e dizer: «Isto é Zen! Isto é Tao!» é proferir palavras que enredam e prendem os

outros interminavelmente. Isso apenas aumenta os laços dos buscadores. E ainda há erros de fala mesmo quando não são proferidos.

Sede mestre da mente; não sejais dominados pela mente. No ensino incompleto, há um mestre, há um guia; no ensino completo, não há mestre, e a doutrina não é o senhor. Se ainda não sois capazes de recorrer ao espelho místico, então, por enquanto, recorrei ao ensino completo, e ainda assim tereis alguma familiaridade com ele. Quanto ao ensino incompleto, é adequado apenas para os mundanos que não ouvem.

Por agora, não dependais de nada, quer exista ou não; e não vos demoreis em não depender de nada, e também não façais uma compreensão de não depender ou demorar-vos, tampouco. Isso chama-se grande sabedoria.

Apenas um buda é um grande mestre, porque não há segunda pessoa. Os restantes são todos chamados forasteiros, e o que dizem é sugestão demoníaca.

Neste momento, o ponto é explicar o dualismo. Não sejais afetados pela ganância por nada, quer exista ou não. No que diz respeito a desatar laços, não há palavras ou declarações especiais para ensinar as pessoas.

Se disserdes que há algumas declarações particulares para ensinar as pessoas, ou que há alguma doutrina particular para dar às pessoas, isso é heresia e sugestão demoníaca.

Deveis distinguir ensinamentos completos e incompletos, palavras proibitivas e não proibitivas, palavras vivas e mortas, expressões de cura e doença, metáforas negativas e positivas, e expressões generalizantes e particularizantes.

Dizer que é possível atingir o budado pela cultivo, que há prática e há realização, que esta mente é iluminada, que a mente em si é Buda, é o ensino de Buda. Isso é o ensino incompleto. Estas são palavras não proibitivas, expressões generalizantes, palavras de uma carga de uma libra ou uma onça. Estas palavras dizem respeito a extirpar coisas impuras. Estas são palavras de metáfora positiva. Estas são palavras mortas. Estas são palavras para pessoas comuns.

Dizer que não é possível atingir o budado pelo cultivo, que não há cultivo nem realização, que não é nem mente nem Buda, é também o ensino de Buda. Estas são palavras do ensino completo, palavras proibitivas,

palavras particularizantes, palavras de uma carga de dez mil libras, palavras de metáfora negativa e instrução negativa, palavras que dizem respeito a extirpar coisas puras. Estas são palavras para alguém de posição no Caminho. Estas são palavras vivas.

Enquanto houver formulações verbais, desde a entrada no fluxo até ao décimo estágio de iluminação, tudo está na categoria de contaminação pelo pó da doutrina. Enquanto houver formulações verbais, tudo está no reino de aflição e problema. Enquanto houver formulações verbais, tudo pertence ao ensino incompleto.

O ensino completo é obediência; o ensino incompleto é transgressão. No estágio de budado, não há nem obediência nem transgressão; nem os ensinamentos completos nem os incompletos são admitidos.

Discerni o terreno através dos rebentos; discerni o puro através do impuro. Sede apenas conscientes, como um espelho, neste momento. Se avaliardes a consciência espelhada do ponto de vista da pureza, não é pura, mas a ausência de consciência espelhada também não é pura, nem é impura. Nem é sagrada ou profana. Além disso, não é uma questão de ver a impureza da água e falar dos problemas da impureza na água. Se a água fosse pura, nada poderia ser dito; na verdade, a fala sujaria a água.

Se houver uma pergunta sem pergunta, há também explicação sem palavras. Um buda não explica a verdade em prol dos budas. No mundo da realidade onde tudo é igualmente talidade, não há Buda; ninguém resgata seres vivos. Um buda não permanece no budado; isso chama-se o verdadeiro campo de bênçãos.

Deveis distinguir palavras de anfitrião e hóspede. Se fordes afetados pela ganância por algo, quer exista ou não, sereis confundidos e perturbados por tudo. A vossa própria mente torna-se então o rei dos demónios, e as suas funções percetivas estão na categoria de demónios ilusórios.

Se a vossa consciência espelhada imediata não se demorar em nada, existente ou inexistente, mundano ou transcendente; e ainda assim não fizer uma compreensão de não demorar-se e nem sequer se demorar na ausência de compreensão, então a vossa própria mente é Buda, e as suas funções percetivas estão na categoria de seres iluminados.

Mestre de todas as condições mentais, as suas funções percetivas estão no reino dos fenómenos passageiros.

É como ondas que falam da água; ilumina miríades de formas sem esforço. Se puderdes perceber calmamente, penetrareis a essência oculta e penetrareis todo o tempo. Como se diz: «Quando a psicologia não tem influência na percepção, o poder último permanece, servindo de guia em todos os lugares».

A consciência natural das pessoas é pegajosa, porque não pisaram os degraus para a iluminação. Ficaram presas a várias coisas durante muito tempo. Mesmo ao participarem da essência oculta, não a podem usar como remédio. Mesmo ao ouvirem palavras além da conceção, não podem acreditar completamente.

É por isso que Gautama Buda passou quarenta e nove dias em contemplação silenciosa debaixo da árvore onde foi iluminado. A sabedoria é obscura, difícil de explicar; não há nada a que possa ser comparada.

Dizer que as pessoas têm natureza de buda é caluniar os budas, o seu Ensino e as suas Comunidades. Dizer que as pessoas não têm natureza de buda é também caluniar os budas, o seu Ensino e as suas Comunidades.

Dizer que há natureza de buda chama-se calúnia por apego. Dizer que não há natureza de buda chama-se calúnia por falsidade. Como se diz, dizer que a natureza de buda existe é calúnia por presunção, e dizer que não existe é calúnia por repúdio; dizer que a natureza de buda tanto existe como não existe é calúnia por contradição, e dizer que a natureza de buda nem existe nem não existe é calúnia por argumento sem sentido.

KUEI-SHAN

Admoestações

ENQUANTO ESTIVERDES sujeitos a uma vida presa pela força do hábito, não estais livres do fardo do corpo. O ser físico que vos foi dado pelos vossos pais veio à existência através da interdependência de muitas condições; enquanto os elementos básicos assim vos sustentam, estão sempre em desacordo uns com os outros.

A impermanência, o envelhecimento e a doença não dão às pessoas um tempo fixo. Pode-se estar vivo de manhã, morto à noite, mudando de mundos num instante. Somos como a geada da primavera, como o

orvalho da manhã, de repente desaparecidos. Como pode uma árvore que cresce num penhasco ou uma videira pendurada num poço durar para sempre? O tempo passa a cada momento; como podeis ser complacentes e desperdiçá-lo, vendo que a vida após a morte está apenas a um sopro de distância?

Interiormente esforçai-vos por desenvolver a capacidade da atenção plena; exteriormente espalhai a virtude da não-contenção. Livrai-vos do mundo do pó para buscar a emancipação.

Ao longo das eras, seguistes objetos, nunca vos voltando para olhar para dentro. O tempo escorre; meses e anos são desperdiçados.

Buda definiu primeiro preceitos para começar a remover os véus da ignorância. Com padrões e refinamentos de conduta puros como gelo e neve, os preceitos refreiam e concentram as mentes dos principiantes no que respeita ao que parar, ao que sustentar, ao que fazer e ao que não fazer. Os seus detalhes reformam todo o tipo de grosseria e decadência.

Como podeis compreender o veículo supremo de significado completo sem terdes prestado atenção aos princípios morais? Cuidado para não passardes uma vida inteira em vão; arrependimentos posteriores são inúteis.

Se nunca tomastes os princípios dos ensinamentos a peito, não tendes base para despertar para o caminho oculto. À medida que avançais em anos e envelheceis, a vossa vaidade não vos permitirá associar-vos com companheiros dignos; conheceis apenas arrogância e complacência.

Demorando-vos no mundo humano, eventualmente produzis embotamento e grosseria. Sem saber, tornais-vos fracos e senis; ao encontrardes eventos, enfrentais uma parede. Quando os mais jovens vos fazem perguntas, não tendes nada a dizer que os guie. E mesmo se tiverdes algo a dizer, não tem nada a ver com as escrituras. No entanto, quando sois tratados sem respeito, imediatamente denunciáis a falta de polidez da geração mais jovem. Pensamentos de raiva inflamam-se, e as vossas palavras afligem todos.

Um dia deitar-vos-eis doentes, deitados de costas com miríades de dores a oprimir-vos. Pensando e ponderando da manhã à noite, o vosso coração estará cheio de medo e pavor. O caminho à frente é vago, sem limites; não sabeis para onde ireis.

Aqui finalmente sabereis arrepender-vos dos vossos erros, mas de que serve tentar cavar um poço quando já tendes sede? Arrepender-vos-eis

de não vos terdes preparado mais cedo, agora que é tarde e as vossas falhas são tantas.

Quando chega a hora de partir, desmoronais-vos, aterrorizados e tremendo. A gaiola quebrada, o pardal voa. A consciência segue o que fizestes, como um homem carregado de dívidas, arrastado primeiro pelo mais forte. Os fios da mente, desgastados e difundidos, tendem a cair no que for mais urgente.

O demónio assassino da impermanência não para momento a momento. A vida não pode ser prolongada; o tempo é pouco fiável. Ninguém em qualquer reino do ser pode escapar a isso. A submissão à existência física tem continuado assim por eras incalculáveis.

O nosso arrependimento é que todos nascemos numa era de imitação. A era dos santos está distante, e o Budismo é decadente. A maioria das pessoas é preguiçosa.

Se passardes a vossa vida toda meio adormecidos, em que podeis confiar?

Se apenas quiserdes sentar-vos imóveis com as mãos cruzadas e não valorizardes nem um momento de tempo, se não trabalhardes diligentemente nas vossas tarefas, então não tendes base para realização. Como podeis passar uma vida inteira em vão?

Quando falardes, que se relacione com as escrituras; em discussão, segui o vosso estudo dos antigos. Sede retos e nobres de comportamento, com um espírito elevado e sereno.

Numa longa jornada, é essencial ir com bons companheiros; purificai os vossos olhos e ouvidos uma e outra vez. Quando ficardes em algum lugar, escolhei a vossa companhia; ouvi o que não ouvistes uma e outra vez. Esta é a base do ditado: «Foram os meus pais que me geraram; foram os meus companheiros que me criaram».

A companhia dos bons é como caminhar através do orvalho e da névoa; embora não encharquem a vossa roupa, com o tempo fica impregnada de humidade. A familiaridade com o mal aumenta o falso conhecimento e visões, criando mal dia e noite. Experimentais consequências imediatamente, e após a morte afundais-vos. Uma vez perdida a vida humana, não retornareis jamais, nem em dez mil éones. Palavras verdadeiras podem ofender o ouvido, mas não impressionam o coração? Se limpardes a mente e cultivardes a virtude, ocultai as vossas pegadas

e escondei o vosso nome, preservai o fundamental e purificai o espírito, então o clamor cessará.

Se quiserdes estudar o Caminho pela meditação intensiva e fazer um salto súbito para além dos ensinamentos expeditos, deixai a vossa mente fundir-se com o porto oculto; investigai as suas subtilezas, determinai as suas profundezas mais profundas e realizai a sua verdadeira fonte.

Quando despertais subitamente para a base verdadeira, esta é a escada que leva para fora do materialismo. Isto destrói os vinte e cinco domínios do ser nos três reinos da existência. Sabei que tudo, dentro e fora, é todo irreal. Surgindo de transformações da mente, todas as coisas são meramente nomes provisórios; não ponhais a mente nelas.

Enquanto os sentimentos não se prenderem às coisas, como podem as coisas obstruir as pessoas? Deixando-as ao fluxo onnipresente da realidade, não as corteis, mas também não as continueis. Quando ouvis som e vedes forma, tudo é normal; quer no mundo relativo quer no absoluto transcendente, a função apropriada não falta.

Se houver pessoas de capacidade média que ainda não sejam capazes de transcender tudo de uma vez, deixai-as concentrar-se no ensino, investigando de perto as escrituras e examinando escrupulosamente o significado interno.

Não ouvistes dizer: «A videira que se agarra ao pinheiro sobe às alturas; apenas baseada na fundação mais excelente pode haver bem-estar generalizado»? Cultivai cuidadosamente a frugalidade e o autocontrolo. Não sejais vãmente remissos, e não ides longe demais. Então, em todos os mundos e em todas as vidas, haverá causa e efeito sublimes.

Cessai a conceptualização; esquecei os objetos; não sejais parceiro dos pós. Quando a mente está vazia, os objetos estão quiescentes. Afirmar o domínio; não sigais o sentimentalismo humano. Os enredos dos resultados das ações são impossíveis de evitar. Quando a voz é gentil, o eco corresponde; quando a figura é reta, a sombra é reta. Causa e efeito são perfeitamente claros; não tendes preocupação?

Este corpo ilusório, esta casa de sonhos: aparências no vazio. Nunca houve um começo; como poderia um fim ser determinado? Aparecendo aqui, desaparecendo ali, subindo e afundando, desgastados e exaustos, nunca capazes de escapar ao ciclo, quando haverá alguma vez descanso? Cobiçando o mundo, corpo-mente e o nexo causal compõem a substância da vida.

Do nascimento à velhice, nada é ganho; submissão à ilusão vem da ignorância fundamental. Tomai cuidado que o tempo está a passar; não podemos contar com um momento. Se passardes esta vida em vão, o mundo vindouro será obstruído. Indo de ilusão em ilusão é tudo devido a sentidos indulgentes; vão e vêm através de rotinas mundanas, rastejando pelo mundo tríplice. Chamais mestres iluminados sem demora; aproximai-vos daqueles de virtude elevada. Analisai e compreendei corpo e mente; limpai as silvas.

O mundo é inerentemente evanescente, vazio; como podem as condições oprimir-vos? Sondai a essência da verdade, com iluminação como guia. Soltai mente e objetos ambos; não recordeis, nem recolheis. Com os sentidos livres de cuidados, atividade e descanso são pacíficos, quietos; com a mente unificada não despertada, miríades de coisas todas descansam.

KUEI-SHAN E YANG-SHAN

Ditos e Diálogos

KUEI-SHAN DISSE: «A mente de um Viajante do Caminho é simples e direta, sem artificialidade. Não há rejeição nem apego, nem mente errante enganadora. Em todos os momentos, ver e ouvir são normais. Não há mais detalhes. Além disso, não se fecha os olhos nem se tapa os ouvidos; enquanto os sentimentos não se prenderem às coisas, isso bastará.

«Sábios desde tempos imemoriais apenas explicaram os problemas da poluição. Se alguém não tiver toda essa consciência falsa, emocional e intelectual opiniosa, e habituação conceptual, é claro como água de outono, puro e não forçado, plácido e desinibido. Tais pessoas chamam-se Viajantes do Caminho, ou pessoas livres».

Foi perguntado a Kuei-shan: «Há algum cultivo adicional para pessoas que despertaram subitamente?»

Kuei-shan respondeu: «Se despertarem verdadeiramente, realizando o fundamental, sabem intuitivamente quando acontece. A questão do cultivo ou não é dúplice. Suponhamos que principiantes tenham atingido condicionalmente um momento de despertar súbito para a verdade inerente, mas ainda haja energias habituais de longa data que não podem ser limpas todas de uma vez. Devem ser ensinados a limpar os fluxos de consciência que manifestam atividade habitual. Isso é cultivo,

mas não pode haver uma doutrina particular para que pratiquem ou se devotem.

«Tendo entrado no princípio através da audição, como o princípio ouvido é profundo e subtil, a mente é naturalmente completamente clara e não se demora no reino da confusão. Mesmo se houver centenas e milhares de subtilezas para criticar ou elogiar os tempos, deveis ganhar estabilidade, cingir os lombos e saber como ganhar a vida por vós próprios antes de poderdes realizá-las.

«Em essência, o terreno noumenal da realidade não admite uma única partícula, mas a metodologia de miríades de práticas não abandona nada. Se penetrardes diretamente, então o sentido do comum e do sagrado desaparece, revelando concretamente o verdadeiro constante, onde princípio e facto não estão separados. Isso é o budado do ser-como-é».

Kuei-shan perguntou a Yun-yen: «Qual é o assento da iluminação?»

Yun-yen disse: «Liberdade da artificialidade».

Yun-yen perguntou então a Kuei-shan a mesma questão. Kuei-shan respondeu: «A vaidade de todas as coisas».

Kuei-shan perguntou a Yang-shan: «Dos quarenta rolos da Escritura do Nirvana, quantos são fala de Buda, e quantos são fala do diabo?»

Yang-shan respondeu: «São todos fala do diabo».

Kuei-shan disse: «Doravante ninguém será capaz de fazer nada contra ti».

Yang-shan perguntou: «Como evento temporário, onde foco a minha ação?»

Kuei-shan disse: «Só quero que a tua percepção seja correta; não te digo como agir».

Kuei-shan passou um jarro de água a Yang-shan. Quando Yang-shan estava prestes a pegá-lo, Kuei-shan retirou-o e disse: «O que é?»

Yang-shan respondeu: «O que vês?»

Kuei-shan disse: «Se pões assim, porque então procuras de mim?»

Yang-shan disse: «Isso é assim, mas como questão de humanidade e retidão, também é o meu próprio negócio derramar alguma água para ti».

Kuei-shan entregou então o jarro a Yang-shan.

Kuei-shan perguntou a Yang-shan: «Como compreendes origem, permanência, mudança e extinção?»

Yang-shan disse: «No momento do surgimento de um pensamento, não vejo que haja origem, permanência, mudança ou extinção».

Kuei-shan retorquiu: «Como podes descartar fenómenos?»

Yang-shan replicou: «Sobre o que acabaste de perguntar?»

Kuei-shan disse: «Origem, permanência, mudança e extinção».

Yang-shan concluiu: «Então, o que chamas descartar fenómenos?»

Kuei-shan perguntou a Yang-shan: «Como compreendes a mente imaculada?»

Yang-shan respondeu: «Montanhas, rios e planícies; sol, lua e estrelas».

Kuei-shan disse: «Só obténs os fenómenos».

Yang-shan replicou: «Sobre o que acabaste de perguntar?»

Kuei-shan disse: «A mente imaculada».

Yang-shan perguntou: «É apropriado chamá-la fenómenos?»

Kuei-shan disse: «Estás certo».

Yang-shan perguntou a Kuei-shan: «Quando centenas e milhares de objetos vêm sobre nós todos de uma vez, então o quê?»

Kuei-shan respondeu: «Verde não é amarelo, longo não é curto. Tudo está no seu lugar. Não é da minha conta».

Um buscador perguntou a Kuei-shan: «Qual é o Caminho?»

Kuei-shan respondeu: «Nenhuma mente é o Caminho».

O buscador queixou-se: «Não compreendo».

Kuei-shan disse: «Deves obter uma compreensão do que não compreende».

O buscador perguntou: «O que é isso que não compreende?»

Kuei-shan disse: «É apenas tu, ninguém mais!» Então continuou: «Deixai as pessoas do tempo presente apenas realizarem diretamente aquilo que não compreende. Esta é a vossa mente; este é o vosso Buda. Se ganhades algum conhecimento ou compreensão externa e o

considerardes o Caminho do Zen, estais fora de contacto por agora. Isso chama-se transportar lixo para dentro, não transportar lixo para fora; polui o vosso campo mental. É por isso que digo que não é o Caminho». Yang-shan perguntou a Kuei-shan: «Qual é a morada do verdadeiro Buda?»

Kuei-shan disse: «Usando a subtileza de pensar sem pensamento, pensai de volta à infinidade das chamadas da consciência. Quando o pensamento chega ao fim, regressai à fonte, onde essência e forma são eternas e fenómeno e noumeno são não-duais. O verdadeiro Buda é o ser-como-é».

Yang-shan disse numa palestra: «Deveis cada um olhar para dentro de vós próprios em vez de memorizar o que digo. Por éones sem começo, tendes-vos afastado da luz e mergulhado na escuridão, por isso as ilusões estão profundamente enraizadas e dificilmente podem ser extirpadas todas de uma vez. É por isso que usamos técnicas expeditas temporariamente estabelecidas para remover a vossa consciência grosseira. Isto é como usar folhas amarelas para parar o choro de uma criança fingindo que são ouro; não é realmente verdade, pois não?»

Yang-shan disse numa palestra: «Se houver um pedido por isso, há uma transação; sem pedido, sem transação. Se eu falasse da fonte do Zen, não encontraria um único associado, quanto mais um grupo de quinhentos a setecentos seguidores. Se eu falar de uma coisa e outra, então eles esforçam-se para a absorver. É como enganar crianças com um punho vazio; não há nada realmente lá.

«Estou agora a falar-vos claramente sobre assuntos referentes à santidade, mas não foqueis as vossas mentes neles. Apenas virai-vos para o oceano da vossa própria essência e trabalhai de acordo com a realidade. Não precisais de poderes espirituais, porque estes são ramificações da santidade, e por agora precisais de conhecer a vossa mente e chegar à sua fonte.

«Apenas obtende a raiz, não vos preocupeis com os ramos — eles estarão naturalmente lá algum dia. Se não tiverdes obtido a raiz, não podeis adquirir os ramos mesmo se estudardes, usando o vosso intelecto e emoções. Não vistes como o Mestre Kuei-shan disse: ‘Quando as mentalidades do mortal comum e do santo terminam, o ser revela a verdadeira normalidade, onde facto e princípio não estão separados; isso é o budado do ser-como-é’?»

SUN-CHI

Estudos Simbólicos Círculos

O CÍRCULO é um símbolo do nirvana como refúgio. Também é chamado o sinal da natureza de buda noumenal. Todas as pessoas, gente comum assim como sábios, estão relacionadas com isto: embora o sinal não difira, a ilusão e a compreensão não são as mesmas; é por isso que há mortais comuns e há sábios. Por outras palavras, aqueles que percebem o significado do símbolo são chamados sábios, enquanto aqueles que o percebem mal são chamados pessoas comuns.

Assim, quando Nagarjuna estava no sul da Índia, para expor o Ensino a uma multidão, manifestou uma transformação de aparência, de tal modo que o seu corpo parecia a lua pairando sobre a sua cadeira; apenas a sua voz era ouvida a ensinar, e a sua forma corporal era invisível.

Um grande senhor na multidão, de nome Aryadeva, disse às pessoas: «Reconheceis este sinal?»

As pessoas responderam: «Não. Seria necessário um sábio avançado para compreender, não seria?»

Ora, o sentido mental de Aryadeva já estava calmo, e ele de facto via o sinal, partilhando silenciosamente a compreensão.

Assim, disse à multidão:

«Este sinal auspicioso é o mestre ilustrando a natureza de buda; não é o corpo próprio do mestre.

A imagem da concentração sem forma é como a lua cheia; significa natureza de buda».

Antes mesmo de o grande senhor ter terminado de falar, o mestre manifestou o seu próprio corpo na cadeira e disse em verso:

Manifestação física do símbolo da lua cheia

É usada para ilustrar o corpo dos budas;

Explicar que a Verdade não tem tal forma

É tornar claro que não é um objeto de sentido.

Se alguém usar o símbolo do orbe lunar para colocar uma questão, a palavra boi é escrita dentro do círculo para responder.

Um círculo com um boi dentro é o símbolo do boi comendo a erva da tolerância. Também é chamado o símbolo de atingir a iluminação vendo a essência.

Qual é o raciocínio? A Escritura diz:

«Há uma erva nas Montanhas Nevadas chamada Tolerância; uma vaca que a come produz ghee». Também diz: «Se as pessoas ouvirem a exposição do grande nirvana, então veem a natureza de buda». Assim, a erva simboliza o ensino sublime, o boi simboliza o potencial para iluminação súbita, e o ghee simboliza o budado. Portanto, se o boi come a erva, produz ghee; se as pessoas compreenderem o ensino, atingem o despertar correto. Por isso, o símbolo do boi comendo a erva da tolerância também é chamado o símbolo de perceber a essência e atingir a iluminação.

Um círculo com três animais por baixo é o símbolo dos três veículos buscando o vazio. Porquê? Quando pessoas nos três veículos ouvem a exposição do verdadeiro vazio, visam conscientemente a ele, não tendo ainda experimentado o verdadeiro vazio. Assim, isto é representado por três animais abaixo do círculo.

Se este símbolo for usado para colocar uma questão, é respondido com a obtenção da iluminação através da percepção gradual da essência.

O círculo com um boi dentro é o símbolo do boi branco em terreno aberto. O terreno aberto representa o estágio do budado; também é chamado vazio último, ou vazio no sentido absoluto. O boi branco representa a inteligência sutil do corpo espiritual. Assim, é representado por um boi entrado num círculo.

Porquê colocar três animais por baixo do símbolo do orbe lunar, e depois responder com um boi dentro do símbolo do orbe lunar? Os três animais abaixo do símbolo do orbe lunar representam os três veículos, enquanto o boi único no centro do símbolo do orbe lunar representa o veículo unitário. Assim, quando os veículos temporários são trazidos à tona, a resposta é a manifestação da realidade, levando à realização experiencial.

Anteriormente, foi dito que um boi no círculo é o símbolo de um boi comendo a erva da tolerância; também foi dito que um boi no círculo é um símbolo do boi branco em terreno aberto. O símbolo é o mesmo, mas as explicações são diferentes; contudo, apesar da diferença nas

explicações, o círculo e o boi não são diferentes. A questão então é: se não são diferentes, porquê o símbolo é expresso duas vezes?

A resposta é que, embora o círculo e o boi não difiram, a relativa rapidez de perceber a essência difere. É por isso que o mesmo círculo e boi aparece em contextos diferentes.

Em termos da diferença na rapidez de perceber a essência entre o boi que come a erva da tolerância e o boi branco em terreno aberto, qual é o lento e qual é o rápido?

O boi comendo a erva da tolerância ilustra a percepção súbita da realidade, como na Escritura do Ornamento Floral, por isso é rápido. O boi branco em terreno aberto ilustra a resolução última dos três veículos num só. Assim, embora as explicações não sejam as mesmas, o princípio que é realizado não é diferente. Por isso, os mesmos símbolos são usados, para mostrar que princípio e conhecimento não diferem. Não significa que as derivações sejam exatamente as mesmas.

Um círculo com um boi por cima é um símbolo de cultivar a causa em conformidade com o resultado. Porquê? Embora a inspiração inicial possa produzir o despertar correto, no entanto, as ações e o insight de alguém não são iguais aos do budado. Este símbolo é para ilustrar como a aplicação não vai além do estágio; o antigo ditado sobre «caminhar nas pegadas daqueles que chegam à realidade» é representado por este símbolo.

Se este símbolo for usado para colocar uma questão, a resposta é um disco lunar com um sinal de bem-estar dentro. O círculo com o sinal de bem-estar dentro simboliza o cumprimento completo da causa e do resultado.

Porquê o sinal de bem-estar dentro do círculo ser uma resposta ao boi por cima do círculo? Porque o boi sobre o círculo simboliza cultivar a causa de acordo com o resultado, enquanto o sinal de bem-estar dentro do círculo simboliza o término da causa e o cumprimento do resultado. Quando a causa é trazida à tona, o resultado é ilustrado em resposta.

Um círculo com um boi por baixo simboliza a prática espiritual em busca do vazio. Isto é chamado a cabana de cana em frente ao portão.

Seres iluminados buscam o vazio, por isso a Escritura fala de «cultivar a prática iluminada por três éones incalculáveis, suportando o insuportável e realizando o impossível, buscando incansavelmente». É o que este

símbolo ilustra; se for usado para colocar uma questão, a palavra rei é escrita dentro de um círculo em resposta.

Um círculo com um rei dentro simboliza o testemunho gradual da realidade. Porquê? Se seres iluminados, através de éones de cultivo prático, destruírem todos os demónios, só então atingirão o conhecimento não contaminado da realidade e entrarão experiencialmente no estado de budado. Então não há mais hábitos a obstruí-los. São como reis sábios que superaram todos os rebeldes, por isso os seus países estão pacíficos e não têm mais inimigos a interferir.

Os dois pares de símbolos seguintes representam descartar o irreal para apontar para o real.

Um círculo com um boi por cima e um humano dentro simboliza a compreensão conceptual dos ensinamentos deixados pelo Buda. Por outras palavras, se as pessoas se apoiarem no ensino universal do veículo unitário exposto pelo Buda e forem capazes de analisar e explicar verdadeiramente, sem erro, e no entanto não realizarem o seu próprio insight noumenal, dependem completamente das explicações de outro. É o sentido deste símbolo.

Se este símbolo for usado para colocar uma questão, é respondido removendo o boi de cima do círculo, deixando um círculo com um humano dentro.

Um círculo com um humano dentro simboliza perceber a raiz e regressar à fonte. A Escritura diz: «Regressai o espírito para habitar na caverna do vazio, superando o que é difícil de subjugar, livrando-vos dos laços dos demónios; sentados isolados em terreno aberto, o aglomerado de consciência é completamente nirvânico». É o que este simboliza.

Porquê remover o boi por cima mas não o humano dentro do círculo? Porque o humano dentro do círculo representa o insight noumenal, enquanto o boi por cima do círculo representa a compreensão conceptual. Mesmo se as pessoas se apoiarem nos ensinamentos e analisarem as obras de todo o cânone budista, enquanto não tiverem atualizado o seu próprio insight noumenal, é tudo compreensão conceptual. Quando a interpretação conceptual não surge, então o insight noumenal aparece, por isso apagamos o boi por cima do círculo e não o humano dentro dele. É por isso que a Escritura diz: «Apenas livrai-vos da doença, não da prescrição».

Porquê as pessoas comuns não poderem aprender a verdade através dos ensinamentos? Se as pessoas tiverem sabedoria, o que precisam dos ensinamentos? Se forem pessoas comuns com mentes discriminatórias, não derivam benefício de depender das doutrinas.

Então, os ensinamentos budistas canónicos têm algum uso? Não é que ninguém possa tornar-se iluminado através dos ensinamentos, mas a interpretação conceptual é simplesmente irreal. É por isso que Buda repreendeu Ananda: «Mesmo se memorizares fluentemente os princípios puros dos cânones de todos os budas das dez direcções, isso apenas aumentará a argumentação frívola». Por isso, devemos realizar que a interpretação conceptual dos ensinamentos não tem benefício.

Porquê os ensinamentos dizerem: «Aqueles que ouvem os ensinamentos de Buda todos atingem a santidade»? São pessoas de faculdades mais desenvolvidas que despertam imediatamente através dos ensinamentos, atualizando diretamente o insight noumenal, seguro e claro. Para aqueles de faculdades menores que não despertam através do Ensino, a compreensão conceptual não tem uso. Mas se pessoas de faculdades menos desenvolvidas deixarem o Ensino influenciar as suas vidas, esperando outro tempo, quem diria que não há benefício? Aqueles que ouvem os ensinamentos todos atingem a santidade; o mais pequeno pedaço de bondade é um partir para chegar ao budado — quanto mais o é o amplo aprendizado em escrituras e tratados!

Um círculo com um humano dentro e um boi por baixo simboliza confundir o vosso reflexo com a vossa cabeça. Qual é o raciocínio? Se as pessoas não realizarem o seu próprio Buda interior e Terra Pura mas acreditarem num Buda e Terra Pura nalgum outro reino, buscam de todo o coração o renascimento na Terra Pura para ver o Buda e ouvir o Ensino. Portanto, praticam diligentemente boas ações e cantam os nomes do Buda e as características da Terra Pura. É o que este simboliza. Foi o que o Mestre Chih ridicularizou quando disse: «Aqueles que não compreendem que a mente em si é Buda são como montados num burro à procura de um burro».

Se este símbolo for usado para colocar uma questão, o boi por baixo é removido em resposta.

O círculo com um humano dentro simboliza virar as costas ao vosso reflexo para reconhecer a vossa cabeça.

Porquê remover o boi por baixo do círculo e não o humano dentro? Quando as pessoas ainda não despertaram o verdadeiro conhecimento e

não chegaram ao verdadeiro vazio, focam-se em buscar uma Terra Pura e um Buda noutra dimensão, para que possam renascer na Terra Pura, ver o Buda e ouvir o Ensino. Se as pessoas virassem a atenção para dentro, despertassem o conhecimento e atingissem o verdadeiro vazio, então o Buda e a Terra Pura dentro de si mesmos apareceriam de imediato, sem terem de buscar uma Terra Pura ou Buda fora da mente. Por isso, o humano dentro do círculo não é removido, apenas o boi por baixo do círculo.

O que é o Buda dentro de si mesmo, e a Terra Pura dentro de si mesmo? Se as pessoas despertarem o verdadeiro conhecimento e chegarem ao verdadeiro vazio, então o verdadeiro conhecimento é Buda, e o vazio é a Terra Pura. Se compreenderdes isto através da experiência, onde mais buscaríeis uma Terra Pura e um Buda? É por isso que a Escritura diz: «Se vais continuar a ouvir um Buda externo, porquê o teu Buda interior não ouve a sua própria escuta?»

Há mais cinco símbolos, em quatro pares.

Um semicírculo é um símbolo de «trazer uma caixa, buscando uma tampa», também chamado o símbolo da meia-lua aguardando a plenitude. Se isto for usado para colocar uma questão, outra meia-lua é adicionada em resposta. Assim, a questão traz uma caixa buscando uma tampa, enquanto a resposta coloca uma tampa na caixa. Como a caixa e a cobertura se encaixam uma na outra, manifestam o sinal da lua cheia, o círculo representando a essência de todos os budas.

Um círculo vazio é um símbolo de segurar um jade procurando um par. Se este símbolo for usado para colocar uma questão, uma certa palavra é escrita dentro do círculo para responder. Assim, a questão traz um jade buscando o seu par, e aquele que responde reconhece a gema e age em conformidade.

Um círculo com um gancho dentro simboliza pescar pela continuidade. Se isto for usado para colocar uma questão, o carácter para humano é adicionado ao lado do carácter para gancho, formando um carácter buda. Assim, o questionador pesca pela continuidade, e aquele que responde segue para completar um vaso precioso.

Um círculo com buda dentro simboliza ter completado o vaso precioso. Se isto for usado para colocar uma questão, o carácter para terra é escrito dentro do círculo para responder.

Um círculo com terra dentro simboliza o selo místico. Isto está completamente além de todos os símbolos precedentes e não está contido nos conceitos dos ensinamentos.

Três Significados do Budado

1. Atingir o Budado Realizando o Noumeno
2. Atingir o Budado pelo Cumprimento da Aplicação
3. Atingir o Budado na Manifestação

Atingir o budado realizando o princípio, ou noumeno, significa que com a instrução de um mestre virais a atenção para focá-la na fonte da vossa própria mente, onde basicamente não há nada concreto. Isto é atingir o budado sem passar por um processo gradual de miríades de práticas. É por isso que a Escritura diz que se atinge a verdadeira iluminação na primeira inspiração, e um antigo disse que o budado não está longe — basta virar a atenção, e aí está.

No contexto de atingir o budado realizando o noumeno, se falardes de essência não há coisa alguma lá, mas se falardes das três encarnações, há um buda e dois bodhisattvas, um iluminado e dois seres iluminados. Embora haja três personificações, no presente caso de obtenção do budado percebendo a essência, a conquista do budado é portanto atribuída a Manjushri. É por isso que os antigos disseram que Manjushri é a mãe de todos os budas, porque todos os budas nascem de Manjushri, pois Manjushri representa o verdadeiro conhecimento. Todos os budas realizam a iluminação por meio do verdadeiro conhecimento, por isso Manjushri é a mãe de todos os budas.

Quanto a atingir o budado pelo cumprimento da aplicação, isto significa que mesmo quando descobrires o verdadeiro princípio da realidade noumenal, ainda seguis os compromissos práticos do Bem Universal, praticando o cultivo extensivo do caminho do bodhisattva estágio por estágio. «Atingir o budado pelo cumprimento da aplicação» refere-se à abrangência da aplicação e ao cumprimento completo do conhecimento e da compaixão.

Por esta razão, um antigo disse: «O fim último da aplicação prática é o lugar original». Assim, sabemos que quando a aplicação prática está completa, regressa à origem. A origem é o princípio, o noumeno.

Este princípio realizado na obtenção do budado pelo cumprimento da aplicação prática não é diferente do princípio realizado na obtenção do

budado pela realização do noumeno. Embora o princípio não seja diferente, este último é chamado atingir o budado pelo cumprimento da aplicação prática porque chegamos ao resultado colocando a causa em efeito.

Ao referir-se à obtenção do budado pelo cumprimento da aplicação prática, se falarmos em termos das qualidades da fruição, falamos apenas de atingir o budado pela prática de Samantabhadra, ou Bem Universal. Mas se falarmos em termos das três encarnações, há também um buda com dois bodhisattvas acompanhantes.

No entanto, embora haja três personificações, agora porque estamos a lidar particularmente com a obtenção do budado pelo cumprimento da prática, o mérito da obtenção do budado está em Samantabhadra, por isso os antigos disseram que Samantabhadra é o pai dos budas. Quando se diz que todos os budas nascem de Samantabhadra, este Samantabhadra ou Bem Universal significa miríades de práticas; todos os budas realizam a iluminação através das suas miríades de práticas, por isso Samantabhadra é o pai de todos os budas.

Quando falamos de um buda e dois bodhisattvas, Vairochana Buda representa o princípio, ou noumeno, enquanto Manjushri bodhisattva representa o conhecimento, e Samantabhadra bodhisattva representa a prática. Porque este princípio, conhecimento e prática são a mesma essência, nenhum pode ser dispensado.

O um buda e dois bodhisattvas, além disso, são tanto centrais como auxiliares uns dos outros. Em termos da supremacia da essência básica, Vairochana é central. Em termos da realização do conhecimento vindo a essência, Manjushri é central. Em termos do poder da virtude das miríades de práticas, Samantabhadra é central. Assim, Li T'ung-hsuan disse: «Todos os budas atingem a iluminação através dos grandes seres Manjushri e Samantabhadra», contudo também disse: «Manjushri e Samantabhadra são os filhos mais novos e mais velhos de todos os budas». Por isso, obviamente, as três personificações são tanto centrais como auxiliares umas das outras.

Quanto à obtenção do budado na manifestação, depois de se ter realizado o princípio e a prática estar completa, agora que a própria obtenção prática do budado está feita, manifesta-se oito aspectos da obtenção do budado para outras pessoas.

Os oito aspetos da obtenção do budado são: descida do céu da satisfação para o ventre; habitar no ventre; emergir do ventre; viver num

palácio; deixar o lar; despertar; ensinar; e passar para o nirvana. A obtenção do budado tem oito aspetos pelos quais isto é chamado obtenção do budado na manifestação.

Deve-se realizar que os oito aspetos de atingir o budado são das encarnações de gozo e projeção, não da realidade. É por isso que a Escritura diz: «Budas não emergem no mundo, nem se extinguem; é pelo poder do seu compromisso básico que manifestam o estado de liberdade». Esta Escritura aponta para o Buda real dentro dos budas de gozo e projeção. A Escritura também diz: «Passaram éones infinitos desde que atingi o budado», indicando que Shakyamuni Buda já tinha completado a sua prática e despertado completamente éones infinitos antes e estava a manifestar a obtenção da iluminação em prol de outras pessoas.

A Casa de LIN-CHI HUANG-PO

Transmissão da Mente

OS BUDAS E todos os seres vivos são apenas uma mente; não há outra realidade. Esta mente, desde a ausência de começo, nunca nasceu e nunca passou. Não é nem azul nem amarela; não tem forma nem aparência. Não pertence à existência ou à não-existência; não conta como nova ou velha. Não é nem longa nem curta, nem grande nem pequena. Transcende todas as medições limitantes, todas as etiquetas, todos os vestígios, todas as oposições. Este mesmo ser é isso; quando agita os pensamentos, vira-se para longe disso. É como o espaço, que não tem fronteiras e não pode ser medido.

Esta mente única é em si Buda. Buda e seres sencientes não são diferentes; é só que os seres sencientes buscam externamente, agarrando aparências, perdendo quanto mais buscam. Se tentardes que Buda busque Buda, ou usar mente para agarrar mente, nunca tereis sucesso.

O que não realizais é que se parardes os pensamentos e esquecerdes as ruminações, o Buda aparece espontaneamente.

Esta mente em si é Buda; budas são seres sencientes. Como seres sencientes, esta mente não é diminuída; como budas, esta mente não é

aumentada. Mesmo as seis perfeições, miríades de práticas, e inumeráveis virtudes são inerentes e não precisam de ser adicionadas pelo cultivo; quando as circunstâncias apropriadas são encontradas, são empregadas, e quando essas circunstâncias terminam, descansam.

Se não acreditardes com certeza que isto é Buda, e quiserdes cultivar prática ligada a formas para buscar aplicação efetiva, isto é tudo ilusão, contrário ao Caminho. Esta mente em si é Buda; não há outro buda e outra mente. Esta mente é clara e pura como o espaço, sem aparência alguma; quando estimulais a mente e agitais pensamentos, virais-vos para longe da essência da sua realidade.

Isto é apego a aparências; nunca houve budado apegado a aparências. Se cultivardes as miríades de práticas das seis perfeições em busca do budado, isto é um procedimento gradual, mas nunca houve budado como procedimento gradual. Basta realizar a mente única, e não há nada mais a atingir. Isto é o verdadeiro Buda.

Budas, seres sencientes e a mente única não são diferentes, como o espaço sem adulteração ou corrupção, como o orbe do sol iluminando os quatro quadrantes. Quando o sol nasce, a sua luz permeia a terra, mas o espaço nunca é brilhante. Quando o sol se põe, a escuridão cobre a terra, mas o espaço nunca é escuro. Estados de luz e escuridão alternam, mas a natureza do espaço permanece aberta e vazia, imutável.

Assim é também com budas, seres sencientes e mente. Se contemplardes budas como formas de pura iluminação e libertação, e contemplardes seres sencientes como formas de viver e morrer confusos na escuridão, com esta compreensão nunca jamais atingireis a iluminação, porque estais apegados a aparências.

É apenas esta mente única; não há nada mais a atingir. A mente em si é Buda. As pessoas que estudam o Caminho hoje não compreendem a essência desta mente, por isso concebem outra mente por cima desta mente, buscando o budado externamente, cultivando práticas apegadas a aparências. Tudo isto é errado; não é o caminho para a iluminação.

«Apoiar respeitosamente todos os budas no universo não é tão bom como apoiar respeitosamente um único Viajante do Caminho sem mente». Porquê assim? Sem mente significa total não-subjetividade, a essência do ser-como-é. Interiormente, é imóvel como uma árvore, inabalável como uma rocha; exteriormente, é livre de bloqueio e resistência como o próprio espaço. Não há nem sujeito nem objeto, nem

direção nem localização, nem forma nem aparência, nem ganho nem perda.

As pessoas que se esforçam não ousam entrar neste ensino, temendo cair no vazio sem lugar para descansar; retiram-se, intimidadas. Todas elas buscam longe e largo pelo conhecimento. É por isso que aqueles que buscam conhecimento são numerosos como cabelos, enquanto aqueles que realizam o Caminho são raros como chifres.

Manjushri representa o princípio; Samantabhadra representa a prática. O princípio aqui é o princípio do verdadeiro vazio sem resistência; a prática aqui significa ação infinita desprendida de aparências. Avalokiteshvara representa a compaixão universal; Mahasthamaprapta representa o conhecimento universal. Vimalakirti significa Nome Puro: pureza refere-se à essência; nome refere-se às características; essência e características não são diferentes, daí o título Nome Puro. O que os vários grandes bodhisattvas representam está todo dentro da humanidade. Não está separado de uma mente; basta realizá-lo.

As pessoas que estudam o Caminho hoje não valorizam a iluminação dentro das suas próprias mentes, por isso agarram-se a aparências fora da mente e agarram objetos; tudo isto é contrário ao Caminho.

Quanto às «areias do Rio Ganges», Buda explicou que as areias não se regozijam quando budas, bodhisattvas, Indra, Brahma ou qualquer dos deuses andam sobre elas, e as areias não se zangam quando bois, cabras, insetos e formigas andam sobre elas. As areias não têm desejo por joias e perfumes e não têm aversão a esterco e sujidade. Uma mente como esta é uma mente sem mente. Isto é o último; se os estudantes do Caminho não mergulharem diretamente na ausência de mente, mesmo se cultivarem práticas por éones a fio, nunca atingirão o Caminho. Capturados pelas práticas dos Três Veículos, serão incapazes de atingir a libertação.

Há, no entanto, diferenças na rapidez de realizar esta mente. Há aqueles que atingem imediatamente a ausência de mente ao ouvir o ensino, e há aqueles que atingem a ausência de mente apenas ao alcançar as Dez Fés, as Dez Moradas, as Dez Práticas, ou as Dez Dedicções. Mas quer leve muito tempo ou pouco tempo, quando atingirdes a ausência de mente, então parais; não há mais nada a cultivar ou realizar.

Na verdade, não há nada atingido, mas isto é realmente verdadeiro, não irreal. A realização da obtenção num instante e a obtenção no décimo estágio são iguais; não há mais profundo ou superficial.

É só que quando passais por éones sofreis trabalho doloroso irracionalmente. Fazer o mal e fazer o bem são ambos apego a aparências. Se fizerdes o mal apegados a aparências, sujeitais-vos a círculos viciosos irracionalmente. Se fizerdes o bem apegados a aparências, sofreis as dores de trabalho laborioso irracionalmente. Nada disto é tão bom como reconhecer imediatamente a realidade básica por vós próprios assim que ouvis falar dela.

Esta realidade é mente; não há verdade fora da mente. Esta mente em si é verdade; não há mente fora da realidade. A mente é inerentemente sem mente; e não há também alguém sem mente. Se tentardes com mente ser sem mente, então a mente está lá.

É apenas uma questão de acordo silencioso; está além de toda a concepção. É por isso que se diz que não há caminho para falar disso, não há caminho para pensar nisso.

Esta mente é pura na fonte. Budas e seres humanos comuns ambos a têm. Todos os seres vivos são um e o mesmo corpo com todos os budas e bodhisattvas; é apenas por causa de diferenças nos seus pensamentos subjetivos que criam todo o tipo de atividades, com os seus vários resultados.

Basicamente, não há nada concreto no budado; é apenas percepção aberta, clareza serena e felicidade subtil. Quando o realizais profundamente em vós mesmos, isto é diretamente isso — cumprimento completo, sem mais falta. Mesmo se vos esforçardes em exercícios espirituais por três éones incalculáveis, passando por todos os estágios e graus, quando chegardes a esse instante de realização, tereis apenas realizado o Buda dentro de vós; não tereis adicionado nada. Pelo contrário, vereis os vossos éones de esforço como o comportamento confuso de sonhos.

É por isso que o Tathagata disse:

«Na suprema iluminação perfeita não adquiri nada. Se tivesse adquirido algo, Dipankara Buda não me teria dado direção». Também disse: «Esta verdade é imparcial, sem alto ou baixo; isto chama-se iluminação». Esta é a mente pura na fonte, imparcial em relação a seres sencientes, budas, mundos, montanhas e rios, formas, sem-forma, tudo através do universo, sem imagem de outro ou de si mesmo.

Esta mente pura na fonte é intrinsecamente sempre completamente clara e plenamente consciente, mas as pessoas mundanas não a realizam;

apenas reconhecem a percepção e a cognição como mente, por isso estão envoltas pela percepção e cognição. É por isso que não veem a própria essência da sua luminosidade espiritual. Se apenas fossem diretamente sem mente, essa mesma essência apareceria por si mesma, como o sol nascendo no céu, iluminando por todo o lado, sem mais obstrução.

Assim, estudantes do Caminho, apenas reconhecendo as ações e movimentos da percepção e cognição, esvaziam a sua percepção e cognição, por isso as suas mentes não têm estrada para percorrer, e não atingem penetração. Basta reconhecer a mente básica na percepção e cognição, realizando ao mesmo tempo que a mente básica não pertence à percepção e cognição e no entanto não está separada da percepção e cognição.

Basta não conceber opiniões e interpretações por cima da percepção e cognição, e não agitar pensamentos na percepção e cognição. Não busqueis mente separada da percepção e cognição, tampouco, e não tentais chegar à realidade rejeitando a percepção e cognição. Quando não estais nem imersos nem removidos, nem demorando nem agarrando, livres e independentes, então nada não é um local de iluminação.

As pessoas mundanas que ouvem dizer que os budas todos comunicam a verdade da mente pensam que significa que há alguma verdade especial na mente para realizar ou agarrar, por isso acabam usando mente para buscar mente. Não realizam que mente em si é a verdade, e a verdade em si é mente. Não serve usar mente para buscar mente, pois assim nunca a realizareis, nem em um milhão de anos. É melhor ser sem mente imediatamente, e então encontrais a realidade fundamental.

É como a história do lutador que não sabia que uma gema tinha sido incrustada na sua testa, e a procurava noutro lugar. Foi por todo o lado mas ultimamente não a encontrou, até que alguém que sabia a apontou, no que ele próprio viu a gema original como sempre tinha sido.

Assim é que as pessoas que estudam o Caminho se afastam da sua própria mente original, não a reconhecendo como Buda, e acabam buscando externamente, empreendendo práticas e exercícios, dependendo de um processo para realização.

Mesmo se buscarem diligentemente por éones, nunca atingem o Caminho. É melhor ser sem mente imediatamente, realizando com certeza que todas as coisas são originalmente sem existência, inagarráveis, baseadas em nada; não habitam em lugar algum e não são

nem subjetivas nem objetivas. Se não agitardes pensamentos errantes, realizareis imediatamente a iluminação.

LIN-CHI

Ditos

AS PESSOAS QUE ESTUDAM o Budismo no presente dia devem por agora buscar visão e compreensão verdadeiramente precisas. Então a vida e a morte não vos influenciarão, e sereis livres para partir ou ficar. Não precisais de buscar o extraordinário, pois o extraordinário virá por si mesmo.

Os dignos de antigamente todos tinham meios de emancipar as pessoas. O que eu ensino às pessoas apenas requer que não assumais as confusões dos outros. Se precisardes de agir, então agi, sem mais hesitação ou dúvida.

Quando os estudantes de hoje não realizam isto, onde está o problema? O problema está em não confiar espontaneamente. Se não confiardes em vós mesmos completamente, então apressadamente ireis junto com o que quer que aconteça em todas as situações; como sois causados a sofrer mudanças por essas miríades de situações, não podeis ser independentes.

Se fostes capazes de parar a mentalidade em que cada pensamento corre atrás de algo, então não sereis diferentes de um mestre Zen ou de um buda. Quereis saber o que é um mestre Zen ou um buda?

Simplesmente aquilo que está imediatamente presente, ouvindo o Ensino. É apenas porque os estudantes não confiam completamente que buscam externamente. Mesmo se obtiverem algo buscando, é tudo excelência literária; nunca atingem o significado vivo dos mestres.

Não vos enganeis; se não o encontrardes agora, repetireis as mesmas rotinas por miríades de éones, mil vezes mais, seguindo e apanhando objetos que vos atraem, nascidos nas barrigas de burros e bois.

De acordo com a minha visão, não somos diferentes de Shakyamuni Buda. Hoje, nas vossas várias atividades, o que vos falta? A luz espiritual que corre através dos vossos seis sentidos nunca foi interrompida. Se puderdes ver desta forma, sereis simplesmente livres de fardos toda a vossa vida.

O mundo é instável, como uma casa em chamas. Não é um lugar onde ficais por muito tempo. O assombro assassino da impermanência vem sobre vós num instante, não importa se sois ricos ou pobres, velhos ou jovens. Se quiserdes não ser diferentes de um mestre Zen ou de um buda, basta não buscar externamente.

A luz pura da vossa mente num único momento de pensamento é o Buda do corpo da realidade na vossa própria casa. A luz não discriminatória da vossa mente num único momento de pensamento é o Buda do corpo de recompensa na vossa própria casa. A luz não diferenciada da vossa mente num único momento de pensamento é o Buda do corpo de projeção na vossa própria casa. Estes três tipos de encarnação não são outros senão a pessoa que está a ouvir o ensino aqui e agora, mas é apenas não buscando externamente que se tem estas funções efetivas.

De acordo com professores de escrituras e tratados, as três encarnações são o modelo último, mas na minha visão não é assim. Estas três encarnações são nomes, palavras; são também três tipos de dependência. Um antigo disse: «As encarnações são estabelecidas baseadas no significado; as terras são discutidas baseadas na substância». A encarnação da natureza da realidade e a terra da natureza da realidade são obviamente reflexos de uma luz; agora deveis conhecer a pessoa que está a manipular os reflexos da luz — esta é a fonte raiz dos budas. Em todo o lado é o vosso caminho para casa.

O facto é que o vosso corpo físico não pode expor o Ensino ou ouvir o Ensino. Os vossos pulmões, estômago, fígado e vesícula não podem expor o Ensino ou ouvir o Ensino. O espaço não pode expor o Ensino ou ouvir o Ensino. Então, o que pode expor o Ensino e ouvir o Ensino? É o imediatamente presente, claramente óbvio, completamente sem forma luz solitária; isto é o que pode expor o Ensino e ouvir o Ensino. Se puderdes ver desta forma, não sereis diferentes de um mestre Zen ou de um buda.

Basta não permitir mais interrupções em qualquer momento, e tudo o que vedes é Isso. Apenas porque os sentimentos surgem, o conhecimento é bloqueado; mudanças nas concepções resultam em mudanças nas atualidades. É por isso que repetis as mesmas rotinas no mundo e sofreis uma variedade de misérias.

Na minha visão, nada não é extremamente profundo; nada não é libertado. A realidade da mente não tem forma mas permeia as dez direções. Nos olhos chama-se ver, nos ouvidos chama-se ouvir, no nariz

cheira, na boca fala, nas mãos agarra, e nos pés pisa. Basicamente é uma única luz espiritual, diferenciada numa combinação sêxtupla. Uma vez que toda a mente é como nada, sois libertados onde quer que estejais.

O que quero dizer quando digo isto? É apenas porque sois incapazes de parar toda a mentalidade de buscar que vos enganchais em ações e estados inúteis de outras pessoas que viveram há muito tempo.

Se tomardes a minha visão, sentar-vos-eis à cabeça das encarnações psíquicas e físicas de Buda: aqueles no décimo estágio, com corações cumpridos, serão como trabalhadores migrantes; aqueles que atingiram iluminação equivalente e inefável serão como pessoas em grilhões e correntes; santos e auto-iluminados serão como esterco de latrina; iluminação e nirvana serão como estacas para amarrar burros.

Porquê assim? Tendes estes obstáculos apenas porque não realizastes o vazio dos éones. Os verdadeiros Viajantes do Caminho nunca são assim; apenas dissolvem a sua história de acordo com as condições, vestindo de acordo com as circunstâncias, agindo quando precisam de agir, e sentando quando precisam de sentar, sem qualquer ideia de buscar os frutos do budado.

Porquê serem assim? Um antigo disse: «Se vais contrair atividades para buscar o budado, então o budado é um sinal maior de nascimento e morte».

O tempo deve ser valorizado! Apenas tentais aprender Zen ou Tao na superfície como algo fora de vós mesmos, aprendendo a reconhecer termos e slogans, buscando «budado», buscando «mestria», buscando «mestres», considerando-os conceptualmente. Não vos enganeis — tendes apenas um pai e uma mãe, então o que mais buscais? Virai a atenção de volta para vós mesmos e observai.

Um antigo disse: «Yajnadatta perdeu a cabeça, mas quando a sua busca parou, então não teve problemas». O que deveis fazer é ser normal; não agi imitativamente.

Há um tipo de careca que não sabe o bem do mal, que vê espíritos e fantasmas, aponta isto e retrata aquilo, e faz alarido sobre sol e chuva. Todos os que são assim terão de pagar as suas dívidas, um dia engolindo pílulas de ferro quente em frente ao rei do submundo. Uma vez que homens e mulheres de boas famílias fiquem encantados por este

tipo de raposa, inventam maravilhas, cegos ao facto de que um dia serão cobrados pelas suas refeições.

É absolutamente necessário para vós buscar obter insight e compreensão genuinamente precisos. Então podeis viajar livremente em qualquer lugar e evitar ser confundidos pelo tipo comum de encantador espiritual.

É o sem obsessão que é nobre. Basta não agir de maneira contrivada; simplesmente sede normal. Quando ides buscar noutra parte fora de vós mesmos, toda a vossa abordagem já está errada. Apenas tentais buscar o budado, mas o budado é apenas um nome, uma expressão — conheceis o que está a fazer a busca?

Os budas e mestres Zen de todos os tempos e lugares emergiram apenas por causa da busca pela verdade. Os buscadores do presente dia também estão em busca da verdade. Apenas quando atingirdes a verdade estareis feitos; até a terdes atingido, repetireis os vossos antigos caminhos.

O que é a verdade? A verdade é a realidade da mente. A realidade da mente é sem forma e permeia as dez direcções. Está a ser usada presentemente, mesmo à frente dos vossos olhos, contudo as pessoas não confiam nela suficientemente, por isso aceitam termos e expressões, buscando avaliar o Budismo conceptualmente na palavra escrita. Estão tão longe como o céu da terra.

Que verdade estou a falar? Estou a falar da verdade do terreno da mente, que pode entrar no comum e no sagrado, no puro e no poluído, no absoluto e no convencional, e no entanto não é absoluto ou convencional, comum ou sagrado, mas é capaz de dar nomes a todo o absoluto, convencional, comum e sagrado. Alguém que realizou isto não pode ser rotulado pelo absoluto ou pelo convencional, pelo comum ou pelo sagrado. Se puderdes agarrá-lo, então usai-o, sem o rotular mais. Isto chama-se o ensino místico.

O meu ensino é diferente do de todos os outros. Mesmo se Manjushri e Samantabhadra aparecessem diante de mim, cada um manifestando uma encarnação para perguntar sobre o ensino, assim que me dirigissem a palavra, eu já os teria distinguido. Enquanto sento em paz, se mais seguidores do Caminho vierem ver-me, eu discerni-los todos completamente. Porquê assim? Porque a minha visão é distinta: externamente não agarro o comum ou o sagrado; internamente não me

demoro no fundamental; vendo completamente através, já não duvido ou erro.

Não há lugar para esforço de esforço no Budismo; é apenas uma questão de ser normal e sem obsessão, cuidando das funções corporais, vestindo e comendo, deitando quando cansado. Os tolos riem-se de mim; são os sábios que compreendem isto. Um antigo disse: «Aqueles que trabalham no exterior são todos ignorantes».

Por agora, sede o mestre onde quer que estejais, e então onde quer que vos encontréis é a realidade, e as situações que surgem não vos podem mover. Mesmo se tiverdes energia habitual existente que vos impeliria a ações más, naturalmente torna-se um oceano de libertação.

Os estudantes de hoje não conhecem a verdade de todo. São como cabras farejando à volta, pegando no que encontram nas bocas. Não podem distinguir o servo do mestre, o hóspede do anfitrião. Pessoas como esta entram no caminho com a atitude errada; não podem entrar em situações clamorosas, no entanto chamam-se a si mesmos verdadeiros renunciantes. Na verdade, são realmente mundanos.

Quanto aos renunciantes, devem dominar a verdade constante e a autenticidade do insight e da compreensão. Devem distinguir Buda do demónio, devem distinguir o real do falso, e devem distinguir o comum do sagrado. Se puderem fazer estas distinções, podem ser chamados verdadeiros renunciantes.

Aqueles que não podem distinguir demónio de Buda estão na verdade a deixar uma casa para entrar noutra. Podem ser ditos criar karma; não podem ser chamados verdadeiros renunciantes. Agora há uma confusão de Buda e demónio, como água e leite misturados. Só podem ser separados por um especialista.

Quanto aos Viajantes com olhos iluminados, derrubam tanto demónio como Buda. Se amardes o sagrado e desprezardes o comum, estais a flutuar no oceano do nascimento e da morte.

O que são o Buda e o demónio?

Um momento de dúvida na mente é um demónio. Se realizardes que todas as coisas não nascem, e a mente é como uma projeção ilusória, de modo que não há mais uma única partícula, um único fenómeno, mas em todo o lado é pureza imaculada, isto é Buda.

No entanto, Buda e demónio representam os dois reinos da pureza e da impureza; na minha própria visão, não há nem Buda nem ser mortal, não há nem antiguidade nem presente; aqueles que o obtêm fazem-no de imediato, sem levar um certo tempo. Não há cultivo, não há realização, não há ganho, não há perda. Em todos os momentos não há nada mais. Mesmo se houvesse algo além disto, eu diria que é como um sonho, como uma projeção. Isto é o que sempre digo.

A luz solitária imediata claramente escutando é desobstruída em todo o lado, permeando as dez direções, livre no meio dos três reinos, entrando nas diferenciações nos objetos sem ser mudada. Num instante entra no cosmos das realidades: encontrando budas, fala sobre budas; encontrando mestres Zen, fala sobre mestres Zen; encontrando santos, fala sobre santos; encontrando fantasmas, fala sobre fantasmas. Dentro de um único pensamento, vagueia por terras em todo o lado ensinando pessoas; o seu puro brilho omnipresente permeia as dez direções.

Agora sabeis que basicamente não há nada com que se obcecar. É só porque não confiais completamente que os vossos pensamentos correm em busca. Ignorando a vossa própria cabeça, procurais outra cabeça, incapazes de vos parar.

Bodhisattvas do caminho completo todo de uma vez manifestam os seus corpos no cosmos das realidades, desdenhando o comum e buscando o sagrado dentro de terras puras. Tipos como este ainda não esqueceram o agarrar e o rejeitar; a atenção plena da poluição e da pureza ainda está lá. A visão da escola Zen não é assim; é agora mesmo, nenhum outro tempo.

O que digo é toda medicina temporária para curar doença; não há doutrina real de todo. Se puderdes ver desta forma, sois um verdadeiro renunciante; podeis usar mil onças de ouro por dia.

Não deixeis apressadamente que os mestres vos deem um selo de aprovação, alegando: «Eu compreendo Zen, eu compreendo Tao». Podem falar com fluidez, mas estão a criar karma infernal.

Estudantes genuínos do Caminho não procuram as falhas do mundo; o que é mais urgente é buscar insight e compreensão reais verdadeiros. Se atingirdes insight real verdadeiro, deve ser completo e claro antes de terminardes.

Essenciais da Mente

QUANDO O FUNDADOR do Zen veio para a China da Índia, não estabeleceu formulações escritas ou faladas; apenas apontou diretamente para a mente humana. Apontar diretamente refere-se apenas ao que é inerente em todos: o ser inteiro aparecendo responsivamente de dentro da casca da ignorância, não é diferente dos sábios de tempos imemoriais. Isso é o que chamamos a natureza inerente natural, real, fundamentalmente pura, luminosa e sublime, engolindo e cuspidando todo o espaço, o único reino sólido sozinho e livre dos sentidos e objetos.

Com grande capacidade e grande sabedoria, apenas desprendei-vos do pensamento e cortai os sentimentos, transcendendo completamente as convenções comuns. Usando o vosso próprio poder inerente, tomai-o diretamente mesmo onde estais, como largar a vossa pegada sobre um penhasco de uma milha de altura, libertando-vos e não dependendo mais de nada, causando que toda a obstrução por visões e compreensão seja completamente removida, de modo que sejais como um homem morto sem respiração, e alcanceis o terreno original, atingindo grande cessação e grande repouso, que os sentidos fundamentalmente não conhecem e que consciência, percepção, sentimentos e pensamentos não alcançam.

Depois disso, nas cinzas frias de um fogo morto, é claro em todo o lado; entre os tocos de árvores mortas tudo ilumina: então fundis-vos com a transcendência solitária, inabordavelmente alta. Então não há mais necessidade de buscar mente ou buscar Buda: encontrai-los em todo o lado e descobris que não são obtidos de fora.

Os cem aspetos e mil facetas da iluminação perene são todos apenas isto: é mente, por isso não há necessidade de ainda buscar mente; é Buda, por isso porque vos preocupais em buscar Buda mais? Se fizerdes slogans de palavras e produzirdes interpretações por cima de objetos, então caireis num saco de antiguidades e afinal nunca encontrareis o que procurais.

Este é o reino da verdadeira realidade onde esqueceis o que está na vossa mente e parais de olhar. Num campo selvagem, sem escolher, pegando no que vem à mão, o significado óbvio do Zen é claro nas cem ervas. Na verdade, o bambu verde, os cachos de flores amarelas, cercas, paredes, telhas e seixos usam o ensino do inanimado; rios, pássaros, árvores e bosques expõem o sofrimento, o vazio e a ausência de eu. Isto baseia-se na única realidade verdadeira, produzindo

compaixão incondicional, brilhando com poder supremo maravilhosamente não forçado na grande luz de jóia do nirvana.

Um antigo mestre disse: «Encontrar um companheiro no Caminho, passar uma vida juntos, toda a tarefa de estudo está feita». Outro mestre disse: «Se eu pegar numa única folha e entrar na cidade, movo toda a montanha». É por isso que um antigo adepto foi iluminado ao ouvir o som de seixos batendo no bambu, enquanto outro foi despertado ao ver árvores de pessegueiro em flor. Um mestre Zen atingiu a iluminação ao ver o mastro de bandeira de um centro de ensino do outro lado de um rio. Outro falou do bastão do espírito.

Um adepto ilustrou a realização Zen plantando uma enxada no chão; outro mestre falou de Zen em termos de semear os campos. Todas estas instâncias estavam a trazer à tona este ser verdadeiro indestrutível, permitindo que as pessoas visitassem um grande mestre verdadeiro libertado sem mover um passo.

Executando o ensino não falado, atingindo eloquência desobstruída, assim estudaram para sempre por todo o lado de todas as coisas, abraçando o universo todo-inclusivo, desprendendo-se tanto de definições abstratas como concretas de budado, e realizando transcendentemente Zen universal, todo-permeante no meio de todas as atividades.

Porquê necessariamente considerar lugares sagrados, moradas de mestres, ou organizações e formas religiosas pré-requisito para familiaridade pessoal e obtenção de realização?

Uma vez um buscador perguntou a um grande mestre Zen: «Eu, fulano, pergunto: qual é a verdade do Budismo?» O mestre disse: «Tu és fulano». Nesse momento o buscador foi iluminado. Como se diz: «O que vem de ti regressa a ti».

Um antigo digno, trabalhando nos campos na juventude, estava a quebrar torrões de terra quando viu um grande torrão, que esmagou brincando com um golpe feroz. Ao estilhaçar-se, foi subitamente grandemente iluminado.

Depois disto agiu livremente, tornando-se uma pessoa insondável, muitas vezes manifestando maravilhas. Um velho mestre trouxe isto à tona e disse: «Montanhas e rios, na verdade toda a terra foi estilhaçada pelo golpe deste homem. Fazer oferendas aos budas não requer muita incenso». Como são verdadeiras estas palavras!

O Caminho último é simples e fácil, no entanto profundamente profundo. Desde o início não estabelece degraus — ficar como uma parede de uma milha de altura chama-se o alimento básico. Por isso budas antigos foram conhecidos por executar este ensino pelo silêncio.

Ainda assim há adeptos que não os deixariam ir por aí, muito menos se entrassem no maravilhoso e buscassem o misterioso, falassem de mente e discorressem sobre natureza, tendo camisas suadas coladas à carne, incapazes de as remover — isso apenas pareceria ainda mais decrépito.

O exemplo dos fundadores Zen iniciais foi excepcionalmente notável. As estratégias práticas dos mestres clássicos eram imediatamente libertadoras. Como dragões correndo, tigres correndo, como a terra girando e os céus revolvendo, em todas as circunstâncias vivificavam as pessoas, ultimamente sem arrastar lama e água.

Assim que penetraram o ponto último na verdade, aqueles desde tempos imemoriais que realizaram grande iluminação foram rápidos como falcões, velozes como gaviões, cavalgando o vento, ofuscantes ao sol, as suas costas roçando o céu azul.

Penetrai diretamente para a liberdade e fazei com que não haja o menor obstáculo em qualquer momento, vinte e quatro horas por dia, com a realização permeando em todas as direções, enrolando e desenrolando, capturando e libertando, não ocupando nem o posto de sábio, muito menos estando na corrente comum.

É claro como o coração, compreendendo o presente e o passado. Pegando numa lâmina de erva, podeis usá-la para o corpo de Buda; pegando no corpo de Buda, podeis usá-lo como uma lâmina de erva. Desde o primeiro não há superioridade ou inferioridade, não há agarrar ou rejeitar.

É simplesmente uma questão de estar vivo para enfrentar a situação: por vezes tirais a pessoa mas não o mundo; por vezes tirais o mundo mas não a pessoa; e por vezes ambos são tirados; e por vezes nenhum é tirado.

Transcendendo convenção e seita, completamente claro e livre, como poderíeis apenas querer prender as pessoas, puxar a lã sobre os seus olhos, virá-las, descarrilá-las? É necessário chegar à realidade e mostrar-lhes a coisa fundamental em cada um delas, que é independente e não forçada, que não tem nada a ver com isso, e que é grande libertação.

É por isso que os antigos, enquanto no meio da atividade no mundo, primeiro a iluminavam, e assim que houvesse o menor obstáculo, cortavam-no inteiramente. Mesmo assim dificilmente podiam encontrar alguém que conseguisse aprender isto — como poderiam comparar-se a estas pessoas que arrastam umas às outras pelas ervas, atraem umas às outras para avaliações e juízos de palavras e ações, fazem ninhos, e enterram os filhos e filhas dos outros?

Claramente sabemos que estas últimas pessoas estão a «molhar a cama com os olhos abertos», enquanto aquelas pessoas claras nunca fariam tais slogans e convenções. Com um espírito robusto e poderoso que espanta todos, deveis visar herdar verdadeiramente esta escola de Zen: com cada exclamação, cada golpe, cada ato, cada objetivo, enfrentais a realidade absolutamente e aniquilais toda a falsidade. Como se diz: «Uma vez usada a espada afiada, deveis afiá-la imediatamente».

Quando o vosso insight penetra livremente e a sua aplicação é clara, então ao entrar em ação no meio de todo o tipo de complexidade e complicação, vós próprios podeis virá-la livremente sem colar ou demorar e sem estabelecer quaisquer visões ou manter qualquer estado, fluindo livremente: «Quando o vento sopra, as ervas dobram-se».

Quando entrais na iluminação na prática real, penetrais na fonte profunda, cultivando isto até realizardes a liberdade da mente, não abrigando nada no vosso coração. Aqui mesmo a compreensão não pode atingi-lo, muito menos a não compreensão.

Basta ser assim vinte e quatro horas por dia, desimpedido, livre de escravidão. Desde o primeiro não mantenhais pensamentos de sujeito e objeto, de eu e sentidos, ou mesmo de Budismo. Este é o reino de sem mente, sem fabricação, sem objeto — como poderia ser sondado ou medido por brilho mundano, conhecimento, inteligência ou aprendizado, sem a base fundamental?

O fundador Zen trouxe realmente este ensino quando veio para a China da Índia? Apenas apontou diretamente para a natureza inerente em cada um de nós, para nos deixar sair completamente, claro e limpo, e não ser manchado por tanto falso conhecimento e falsa consciência, concepções delusórias e juízos.

O estudo deve ser estudo verdadeiro. Um verdadeiro mestre não vos leva para um ninho de ervas mas corta diretamente através para que vos encontreis com a realização, livrando-vos da camisa suada colada à vossa pele, tornando o coração vazio e aberto, sem o menor sentido do

comum ou do sagrado. Como não buscais fora, a verdade real está lá, repousando pacificamente, imutável. Ninguém vos pode empurrar para longe, nem mil sábios — tendo atingido um estado puro, limpo e nu, passais para o outro lado do éone vazio, e mesmo os budas pré-históricos são os vossos descendentes. Porque falar de buscar dos outros?

Os mestres Zen eram todos assim, desde os fundadores. Tomai o exemplo do Sexto Grande Mestre: era um lenhador analfabeto no sul da China, mas quando veio e encontrou o Quinto Grande Mestre, no seu primeiro encontro abriu o coração e claramente passou para a liberdade.

Assim, mesmo que os santos e sábios estejam misturados com os outros, deve-se empregar meios apropriados para apontar claramente o que é inerente em todos, independentemente do seu nível de inteligência.

Uma vez que fundis as vossas pegadas no fluxo do Zen, passai os dias silenciando a vossa mente e estudando com todo o ser, sabendo que esta grande causa não é obtida de mais ninguém. É apenas uma questão de suportar bravamente e fortemente, sempre progredindo, dia a dia livrando, dia a dia melhorando, como ouro puro fundido e refinado centenas e milhares de vezes.

Como é essencial para sair dos póis e é básico para ajudar as pessoas, é mais necessário ser completamente penetrante e livre em todos os sentidos, alcançando a paz sem dúvida e realizando grande potencial e grande ação.

Este trabalho reside na conduta interior de alguém: na mistura variada da vida quotidiana de miríades de circunstâncias, no burburinho poeirento, no meio de altos e baixos e condições, aparecer e desaparecer sem ser virado por nada disso. Em vez disso, podeis virá-lo. Cheio de vida, imune a influências externas, esta é a vossa própria medida de poder.

Ao alcançar silêncio vazio, congelado, não há dualidade entre ruído e quietude. Mesmo quando se trata de palavras extraordinárias, declarações maravilhosas, atos únicos e perspectivas absolutas, apenas nivelai-as com uma medida. Ultimamente não têm certo ou errado, é tudo em como as usais.

Quando tiverdes continuado a moer e polir-vos assim por muito tempo, sereis livres no meio do nascimento e da morte e olhareis para a honra inútil da sociedade e o lucro ruinoso como poeira no vento, fantasmas em

sonhos, flores no céu. Passando desprendido pelo mundo, não sereis então um grande santo que deixou os pós?

Sempre que o mestre Zen conhecido como o Quebrador de Ossos era perguntado uma questão, respondia apenas: «O osso está quebrado». Isto é como uma pílula de ferro, inegavelmente estrita. Se puderdes compreendê-lo completamente, sereis um verdadeiro leão da escola Zen.

Uma vez um grande Mestre Nacional de Zen perguntou a outro mestre Zen: «Como vedes todas as palavras extraordinárias e expressões maravilhosas?» O mestre Zen disse: «Não tenho fondness por elas». O Mestre Nacional disse: «Isto é o vosso próprio negócio».

Quando o estudo Zen alcança este ponto, é puro, limpo e seco, não suscetível a enganos humanos.

A Casa de TS'AO-TUNG YAO-SHAN

OS MESTRES GUIAS ENSINAM apenas preservação; se surgir ganância ou raiva, deveis afastá-la, não deixando que vos toque. Se quiserdes saber como fazer isto, então deveis suportar como uma árvore morta ou uma rocha.

Não há realmente ramificações a atingir, mas mesmo assim, deveis ver por vós mesmos. Não serve negar completamente a expressão verbal. Estou agora a falar convosco para revelar aquilo que não tem fala; que originalmente não tem características como orelhas ou olhos.

Alguém perguntou: «Como é que há seis cursos de existência mundana?»

Yao-shan disse: «Embora eu esteja dentro deste círculo, basicamente não sou afetado».

Alguém perguntou: «Como é quando alguém não compreende as aflições dentro do seu ser?»

Yao-shan disse: «Como são as aflições? Quero que penseis nisso. Há mesmo um tipo que apenas memoriza palavras no papel; a maioria deles está confusa pelas escrituras e tratados. Eu nunca li as escrituras ou tratados. Tendes mentes flutuantes simplesmente porque estais confusos pelas coisas e passais por mudanças, perdidos, interiormente instáveis.

Mesmo antes de terdes aprendido uma única frase, meia expressão, uma escritura ou um tratado, já falais assim sobre 'iluminação', 'nirvana', o

mundano e o transmundo; se compreenderdes desta forma, então isto é nascimento e morte. Se não estiverdes presos por este ganho e perda, então não há nascimento e morte. Vedes mestres de disciplina a falar sobre coisas como 'naihsargika' e 'dukkata' — isto acima de tudo é a raiz do nascimento e da morte!

«Mesmo assim, quando examinais o nascimento e a morte completamente, não pode ser agarrado. Dos budas acima aos insetos abaixo, todos têm estas diferenças de longo e curto, bom e mau, grande e pequeno. Se não vem de fora, onde há algum preguiçoso cavando infernos para vos esperar?

«Quereis conhecer o caminho do inferno? É ferver e assar agora mesmo. Quereis conhecer o caminho dos fantasmas famintos? É presentemente ser mais falso do que verdadeiro, por isso as pessoas não podem confiar em vós. Quereis conhecer o caminho da animalidade? É presentemente desconsiderar a humanidade e a justiça e não distinguir amigo de estranho — precisais de vestir pele e chifres, de ser abatidos e pendurados de cabeça para baixo? Quereis conhecer humanos e anjos? É conduta pura presente. Para garantir que escapareis de cair nos outros estados, acima de tudo não abandoneis isto.

«Isto não é facilmente atingido. Deveis ficar no cimo do pico da montanha mais alta e caminhar no fundo do oceano mais profundo. Não é fácil aplicar isto, mas só quando o tiverdes feito tereis um pouco de realização.

«Todos os que vêm à frente hoje são pessoas de muitas obsessões; estou à procura de um simplório, mas não encontro um. Não memorizeis apenas ditados em livros e considereis isso a vossa própria visão e conhecimento, olhando de cima para os outros que não compreendem. Pessoas como esta são todas hereges incorrigíveis. Esta mentalidade simplesmente não acerta o alvo; deveis examinar cuidadosamente e compreender completamente.

«Este tipo de conversa ainda está dentro dos limites do mundo. Não desperdiceis as vossas vidas. Neste ponto há ainda mais subtileza e detalhe; não o considereis ocioso, pois deveis conhecê-lo. Tomai cuidado».

YUN-YEN

Ditos

UM DIA YUN-YEN disse a um grupo: «Há uma prole da casa de alguém que pode responder a qualquer pergunta».

Tung-shan perguntou: «Quantos livros tem ele na casa?»

Yun-yen disse: «Não há nem uma única letra».

Tung-shan perguntou: «Então como obteve tanto conhecimento?»

Yun-yen disse: «Nunca dormindo, dia ou noite».

Enquanto Yun-yen varria o chão, Kuei-shan disse: «Demasiado ocupado!»

Yun-yen disse: «Deveis saber que há um que não está ocupado».

Kuei-shan disse: «Então há uma segunda lua».

Yun-yen ergueu a vassoura e disse: «Que lua é esta?»

Kuei-shan baixou a cabeça e partiu. Hsuan-sha ouviu falar disto e disse: «Precisamente a segunda lua!»

Enquanto Yun-yen fazia sandálias de palha, Tung-shan disse-lhe: «Se eu pedir permissão, posso obtê-la?»

Yun-yen respondeu: «A quem destes a vossa?»

Tung-shan disse: «Eu não tenho nenhuma».

Yun-yen disse: «Se tivésseis, onde a colocaríeis?»

Tung-shan nada disse.

Yun-yen perguntou: «Que tal aquilo que pede permissão; é isso permissão?»

Tung-shan disse: «Não é permissão».

Yun-yen desaprovou.

Yun-yen perguntou a uma freira: «O vosso pai ainda está vivo?»

Ela disse: «Sim».

Yun-yen perguntou: «Que idade tem ele?»

Ela disse: «Oitenta anos».

Yun-yen disse: «Tendes um pai que não tem oitenta anos; sabeis?»

Ela respondeu: «Não é este ‘o que vem assim’?»

Yun-yen disse: «Isso é apenas um descendente!»

Um monge perguntou: «Como é quando alguém cai no reino dos demónios no momento em que um pensamento ocorre?»

Yun-yen disse: «Porquê viestes do reino dos budas?»

O monge não teve resposta.

Yun-yen disse: «Compreendeis?»

O monge disse: «Não».

Yun-yen disse: «Não digais que não compreendeis; mesmo se compreenderdes, estais apenas a bater à volta do arbusto».

TUNG-SHAN

Canção de Focar o Espelho Precioso

O ENSINO do Ser-Como-É

Foi insinuado pelos iluminados;

Agora que o tendes,

Deveis mantê-lo bem.

Uma taça de prata cheia de neve

E uma garça escondida ao luar

São semelhantes mas não os mesmos;

Colocai-os juntos, e são distintos.

O significado não está nas palavras,

No entanto responde ao potencial emergente.

Há uma tendência para criar clichés,

Escorregando para retrospeção, num impasse.

Rejeição e apego estão ambos errados;

É como uma bola de fogo. Mesmo pô-lo em forma literária

Submete-o à contaminação.

A meio da noite é exatamente quando é brilhante;

Ao amanhecer não aparece.
Agindo como guia para as pessoas,
A sua função remove misérias.
Embora não seja forçado,
Não é sem fala.
É como olhar para um espelho precioso,
Forma e reflexão contemplando-se mutuamente:
Vós não sois isso;
É vós. É como um bebé,
Com todas as suas faculdades,
Nem indo nem vindo,
Nem subindo nem ficando,
Balbuciando e balbuciando,
Falando sem dizer nada,
Nunca ficando concreto
Porque a sua fala não é correta.
Nas seis linhas do hexagrama Fogo,
Relativo e absoluto integram-se;
Empilhados, fazem três;
Conclusão da transformação faz cinco.
É como o sabor de uma erva de cinco sabores,
Como o implemento de raio.
O subtil está contido no absoluto;
Inquirição e resposta surgem juntas,
Transmitindo a fonte assim como o processo,
Incluindo integração assim como o caminho.
Fundir é auspicioso;
Não o violeis.

Naturalmente real, no entanto subtil,
Não está na confusão ou na iluminação.
Sob as condições certas, no momento certo,
Brilha brilhante em tranquilidade serena.
É tão minuto que cabe onde não há espaço;
É tão imenso que está além de direção e localização.
O menor desvio
Significa falha de afinação.
Agora há súbito e gradual,
Nos quais são estabelecidas abordagens à fonte.
Uma vez que as abordagens à fonte são distinguidas,
Então há diretrizes e regras.
Quando a fonte é alcançada, a abordagem assim terminada,
A verdadeira eternidade ainda flui.
Estar exteriormente quieto enquanto interiormente agitado
É ser como um potro amarrado, um rato preso.
Sábios de outrora tiveram pena disto
E deram ensinamentos para isso.
O modo como a confusão vai,
Mesmo o preto é considerado branco;
Quando a imaginação confusa termina,
A mente na sua simplicidade realiza-se a si mesma.
Se quiserdes conformar-vos ao caminho perene,
Por favor observai precedente antigo:
Quando prestes a cumprir o budado,
Alguém meditou debaixo de uma árvore por dez éones,
Como um tigre ferido, como um cavalo amarrado.
Por causa da existência do baixo,

Há mobília preciosa e roupas finas;
Por causa da existência do invulgar,
Há gatos de casa e gado.
Com habilidade um arqueiro pode acertar num alvo
A cem passos de distância,
Mas o encontro de pontas de flechas
Não tem nada a ver com habilidade.
Quando um homem de madeira começa a cantar,
Uma mulher de pedra levanta-se para dançar. Isto não pode ser
alcançado por percepção subjetiva;
Como poderia ser pensado? Um ministro serve o governante,
Um filho obedece ao pai:
Não obedecer é desobediência,
Não servir não é ajudar.
Praticai desconhecido, trabalhai em segredo,
Sendo como alguém que é ignorante.
Se puderdes alcançar continuidade,
Isto chama-se mestria da mestria.

Segredo do Elixir da Mente

Tenho um remédio chamado elixir da mente;
Por anos foi refinado no forno das aflições,
Até que reconheci a sua cor imutável na matriz
Brilhando com radiância iluminando o universo.
Abre o olho da realidade para ver com precisão minuciosa;
Pode mudar o mortal comum num sábio instantaneamente.
Para discernir o real e o falso para completar o trabalho,
Vede à refinamento em todos os momentos.

Não tem forma ou aparência; não é quadrado ou redondo.

Não há coisas em palavras; não há palavras em coisas.

Exploração deliberada é contrária à verdadeira função;

Quando meditando sem intenção, tudo é Zen.

Nem morre nem se excita;

Tudo está ao seu comando.

Mesmo a terra, onde quer que o lugar,

Quando posta neste forno é Isso.

A minha ideia é não ter ideia particular;

O meu conhecimento é não ter conhecimento particular.

Não há uniformidade, não há indiferença;

Quando a aparência não muda, é mais difícil discernir.

Quando nada mais aparece dentro,

Não useis nada para estabilizá-lo;

Fusão experiencial com vazio real Não é cultivo.

Diálogos de Tung-shan Tung-shan perguntou a um monge: «De onde vindes?»

O monge respondeu: «De uma viagem a uma montanha».

Tung-shan perguntou: «E chegastes ao pico?»

O monge disse: «Sim».

Tung-shan perguntou: «Havia alguém no pico?»

O monge respondeu: «Não».

Tung-shan disse: «Então não chegastes ao pico».

O monge retorquiu: «Se não cheguei ao pico, como poderia saber que não havia ninguém lá?»

Tung-shan disse: «Eu tinha duvidado deste sujeito».

Enquanto Tung-shan comia alguma fruta com Tai, líder da assembleia, pos esta questão: «Há uma coisa que suporta o céu e a terra;

absolutamente preto, está sempre no meio da atividade, no entanto a atividade não pode contê-lo. Onde está a falha?»

Tai respondeu: «A falha está na atividade».

Tung-shan mandou remover a bandeja de fruta.

Yun-chu construiu uma cabana no pico da montanha e não desceu ao salão comunal por dias. Tung-shan perguntou-lhe: «Porquê não tendes vindo às refeições recentemente?»

Yun-chu disse: «Um anjo vem todos os dias trazendo-me uma oferenda».

Tung-shan disse: «Eu pensava que éreis um homem iluminado, mas ainda tendes tal visão. Vinde ver-me esta noite».

Nessa noite Yun-chu foi a Tung-shan, que o chamou pelo nome. Quando Yun-chu respondeu, Tung-shan disse: «Não penseis bem, não penseis mal — o que é isto?»

Yun-chu regressou à sua cabana e sentou em silêncio e quietude completos, de modo que o anjo não o pôde encontrar. Depois de três dias assim, o anjo desapareceu.

Quando Ts'ao-shan deixou Tung-shan, Tung-shan perguntou-lhe: «Para onde ides?»

Ts'ao-shan disse: «Para um lugar imutável».

Tung-shan retorquiu: «Se é um lugar imutável, como pode haver qualquer ida?»

Ts'ao-shan respondeu: «A ida também é imutável».

Auto-Admoestação de Tung-shan Não busqueis fama ou fortuna, glória ou prosperidade. Apenas passai esta vida como é, de acordo com as circunstâncias. Quando o fôlego se vai, quem está no comando? Depois da morte do corpo, há apenas um nome vazio. Quando as vossas roupas estão gastas, reparai-as uma e outra vez; quando não tendes comida, trabalhai para prover. Quanto tempo pode durar um corpo fantasmagórico? Aumentaríeis a vossa ignorância por causa das suas preocupações ociosas?

As Cinco Posições de Tung-shan: Elucidação de Ts'ao-shan O estado absoluto é relativo; quando é discernido no relativo, isto é cumprimento de ambos os significados.

O facto de o estado absoluto ser relativo é porque não é o oposto de nada. Mas mesmo que não seja o oposto de nada, no entanto está lá.

Quando não há função no absoluto, então é relativo; função total é completude. Isto é «ambos os significados».

O que é «total»? Aquele que não olha para trás é aquele que atingiu. O estado absoluto não vem da iluminação: é assim quer um buda emergja no mundo ou não. É por isso que todos os sábios recorrem ao estado absoluto para atingir a realização.

O estado relativo dentro do absoluto é inerente a este estado; acima de tudo, não causeis perturbação.

Quando os estudantes escolhem libertação solitária fora das coisas e se levantam perante os sábios e declaram que isto é o estado absoluto, ultimamente completo, na realidade estão a limitar o estado absoluto.

Dizeres como este são o que os antigos referiam como os traços de passagem ainda restantes. Ainda não atingiram o não dito dentro do dito. Diz-se, além disso, que isto não é o estado absoluto, porque há algo dito nas palavras. Isto poderia ser chamado integração defeituosa; não pode ser chamado integração mútua.

O estado relativo, embora relativo, ainda cumpre ambos os significados; discernido dentro das condições, isto é o não dito dentro do dito.

Isto é porque nenhum objetivo é definido na função; quando nenhum objetivo é definido, isso significa que realmente não é função fixa.

O estado relativo, embora relativo, ainda cumpre ambos os significados em que não há coisa e não há apego na função; isto é ambos os significados. Embora seja esclarecido na função, porque não é violentado na fala, aqui pode-se falar todo o dia e no entanto é como se não se tivesse falado.

O estado relativo é na verdade completo; isto também envolve estar desapegado no meio das condições.

Pode haver emergência no absoluto; isto é o dito dentro do não dito.

Emergência no absoluto não toma condições; isto é como o dizer de Yao-shan: «Tenho uma declaração que nunca foi falada a ninguém».

Tao-wu disse: «Vêm juntos». Aqui compreendeu subtilmente. Há muitos exemplos como este. As coisas devem vir em combinação, sem confusão de nobre e base. Isto chama-se o dito dentro do não dito. Também, em referência a «Tenho uma declaração que nunca foi falada a ninguém», quando aqueles que se envolvem em diálogo vêm à tona, devem evitar rejeição e apego; tanto rejeição como apego são devidos à ignorância do que está lá.

O não dito dentro das declarações não define nobreza, não cai em esquerda ou direita; por isso chama-se emergência no absoluto.

Emergência no absoluto torna claro que o absoluto não está envolvido em condições. Para citar mais ditados, é como «Como é quando o feijão preto não germinou?» ou «Há alguém que não respira» ou «Antes da concepção, há algo a dizer?» Isto é onde os budas das dez direções emergem. Estes exemplos são referidos como falar do não dito.

Há também emprestar fenómenos para uso temporário. No estado de emergência dentro do absoluto, aquele que responde deve esclarecer a compreensão das coisas dentro do relativo; não se pode esclarecê-lo enquanto mergulhado no estado absoluto.

Se quiserdes saber como isto é expresso, é como quando o meu falecido mestre Tung-shan perguntou a um estudante da Coreia: «Onde estavas antes de atravessares o mar?» Não houve resposta, por isso Tung-shan disse por ele: «‘Agora mesmo estou no mar, e onde estou!’»

É também como quando Tung-shan disse em nome de um ancião que estendeu o seu bastão e foi perguntado de onde veio: «Está a ser estendido agora mesmo! Há alguém que o possa manejar?»

Nestes exemplos, embora o reconhecimento seja atingido dentro de objetos condicionais, não é o mesmo que o passado, quando a mestria não tinha sido atingida. Pessoas posteriores podem ter relegado isto para desenvolvimento cultivado, considerando isso o transcendental.

Por exemplo, os estudantes escolhem este dizer em resposta a uma pergunta sobre o significado do fundador do Zen — «Digo-vos quando uma vaca solitária dá à luz um bezerro» — e dizem que isto é emergência dentro do estado absoluto. Este tipo de dizer não pode de modo algum ser considerado emergência dentro do absoluto. Poderia ser chamado diálogo no caminho místico; é a mesma coisa — isto é um caminho particular. Não pode ser chamado integração tampouco, porque

é óbvio; mesmo se hóspede e anfitrião interagirem, só pode ser chamado integração defeituosa.

Pode haver emergência dentro do relativo; isto é o não dito dentro do dito.

Emergência dentro do relativo inclui condições, como no dizer «O que podemos chamar àquilo que é agora mesmo?» Como não houve resposta, Tung-shan disse por si mesmo: «Não pode deixar de o obter». Há muitos mais exemplos assim; isto é referido como o não dito dentro do dito.

A fala vem de elementos, som e carne, que não definem lugar ou direção, certo ou errado. É por isso que se diz ser compreendido em contexto relacional. Isto é emergência dentro do relativo.

Há muitos ditados correspondentes. Por exemplo: «O que veio assim?» E: «Quando mente e objetos são ambos esquecidos, então o que é isto?» Também: «Quando concentração e insight são aprendidos igualmente, vedes claramente a natureza de buda». Estes exemplos também, dos quais há muitos, são referidos como o não dito dentro do dito.

Emergência dentro do relativo é esclarecer a essência dentro das coisas, como no dizer «O que veio assim?» e «Quando mente e objetos são ambos esquecidos, então o que é isto?» Esta categoria de dizer refere-se à conquista para esclarecer o estado, ilustrando o estado em termos do trabalho.

Aqui também eu costumava citar exemplos correspondentes. «O que veio assim?» é um exemplo de um dizer: embora seja reconhecido dentro de condições, em contexto relacional, isso não é o mesmo que antes. Também, com o exemplo de «‘Quando concentração e insight são aprendidos igualmente, vedes claramente a natureza de buda’ — qual é este princípio?» no início citaria ditados correspondentes. Quanto ao dizer «Quando mente e objetos são ambos esquecidos, então o que é isto?» — porque este é um exemplo de entre as doutrinas, não é o mesmo que estudo místico. O que se deve fazer, ao lidar com exemplos doutrinários, é passar por eles para o portal da fonte. Este é o lado exotérico do misticismo.

No caso do dizer «Ao expirar, não dependo de condições; ao inspirar, não habito em elementos mentais ou materiais», isto é tudo sobre trabalho; não é o mesmo que reconhecimento dentro de condições. Aqui

também eu costumava citar exemplos correspondentes do anfitrião retirando-se para o absoluto, dizendo: «Há alguém que não tem respiração de saída ou entrada», para fazer os outros conhecerem o absoluto.

Há, além disso, um estado último de pureza imaculada que inclui trabalho, que também pode ser chamado emergência dentro do relativo. Isto é difícil de discernir; deve ser escolhido.

Por exemplo, um monge perguntou a Tung-shan: «Qual é o ensino místico?» Tung-shan respondeu: «Como a língua de um homem morto». Outro perguntou: «O que é apresentado como oferenda vinte e quatro horas por dia?» Ele disse: «Nenhuma coisa». Isto diz-se ser emergência dentro do relativo, mas estes dois exemplos não devem ser chamados emergência dentro do estado relativo. É necessário distingui-los individualmente. O dizer sobre o «ensino místico» poderia ser considerado o mesmo que trabalho e conquista, mas nenhum dizer pode ser referido como o relativo ou como integração. Já foi tornado bastante claro. Isto é usar o trabalho para ilustrar o estado; usar o estado para ilustrar o trabalho é o mesmo que isto.

Pode haver integração mútua: aqui não dizemos que há o dito ou o não dito. Aqui devemos simplesmente prosseguir diretamente. Aqui é necessário ser perfeitamente fluido; as coisas devem ser perfeitamente fluidas.

Com integração mútua, a força das palavras não é nem relativa nem absoluta, implicando nem ser nem não-ser, por isso parecem completas. Só se pode prosseguir diretamente; prosseguir significa que não estabelecemos um objetivo. Quando não definem um objetivo, as palavras estão no seu mais subtil.

A incompletude da cena é uma questão de sentido comum.

Um exemplo é o dizer de Tung-shan sobre a história de Wen-shu e beber chá: «Seria possível fazer uso disto?» E como Ts'ui-wei disse: «O que bebeis todos os dias?»

No entanto, palavras no Caminho são todas defeituosas; as pessoas devem dominar expressões faladas e prosseguir diretamente à frente. O dito é vir assim; o não dito é ir assim. Entre adeptos, não é que não haja fala, mas não entra no dito ou no não dito. Isto chama-se fala integrada. Fala integrada não tem objetivo óbvio algum.

A integração não cai no dito ou no não dito, como no dizer de Yao-shan sobre usar uma espada, que é um dizer integrado. Observai a força das palavras no momento: por vezes é imediata e direta, e por vezes é vazio dentro da diferenciação. Se não compreenderdes isto subtilmente, estais longe, longe.

Para citar exemplos de ditados integrados, há o dizer de Wen-shu sobre beber chá, e também o dizer: «Para onde foi este homem agora mesmo?» Yun-yen disse: «E então? E então?» Também disse: «Que tal agora mesmo?» Há muitos, muitos exemplos assim.

Há também integração dentro do trabalho e conquista, que se assemelha ao transcendental. É tratado de acordo com a situação: por exemplo, se ficardes presos num estado de pura eterealidade, então tendes de realizar que ainda há coisas a acontecer; ide quando precisardes de ir, parai quando precisardes de parar. Adaptando fluidamente de inúmeráveis maneiras, não sejais grosseiros.

Agora então, as forças das palavras tanto do que pergunta como do que responde respondem uma à outra. Nenhuma está além do âmbito das Cinco Posições. As palavras podem ser grosseiras ou finas, no entanto, e as respostas podem ser superficiais ou profundas. É por isso que Tung-shan articulou o que não está nas palavras; em todos os casos isto foi considerado uma necessidade em resposta às condições, é tudo.

«Pessoas de grande ignorância», sendo completas em essência, não são as mesmas que «incorrigíveis». Os «incorrigíveis» sofrem mentalmente quando sabem que há algo a fazer; no entanto, mesmo que sofram mentalmente, realizam serviço. Sofrer mentalmente significa não continuar a pensar em mestres Zen, budas ou no próprio pai e mãe.

«Pessoas podres» não recorrem ao carregamento total de fardo, por isso não erguem qualquer ídolo.

«Pessoas de grande conservação» têm os pés presos profundamente na lama, por isso manter a sua disciplina não é uma questão pequena.

A integração deve ser como o dizer de Wen-shu sobre beber chá e como a resposta de Tung-shan ao dizer de Yun-yen sobre cavar gengibre, assim como o dizer do Mestre An sobre o salão de ensino e a conversa de Yao-shan e Ch'un Pu-na sobre lavar Buda. Para a integração mais maravilhosa de todas, nada é melhor que a resposta de Yao-shan a Tao-wu sobre usar uma espada, ou o dizer de Pai-chang «O que é?» quando

estava a deixar o salão e a congregação estava prestes a dispersar. Quando Yao-shan ouviu este dizer de longe, disse: «Está aqui».

A integração na escuridão usa o trabalho para iluminar as coisas, e usa as coisas para iluminar o trabalho; usa erros para ilustrar realizações, e usa realizações para ilustrar erros, igualmente desta forma. O que quer que Yao-shan, Tung-shan e todos os outros dignos produzissem que ia além para o absoluto eram apenas expressões maravilhosas de conversa mística, é tudo. Quando subsequentemente chegavam àqueles que tinham atingido um pouco de poder, atraíam-nos para o absoluto, no qual contexto este tipo de dizer é comumente usado.

Porque tenho tanto para fazer, não tive tempo para entrar em detalhes, e só expliquei um pouco. Não deveis menosprezar isto; se ainda ficardes congelados ou presos em algum lugar, deveis cortar para a certeza ali mesmo. Deveis praticar diligentemente, para que esta coisa nunca seja permitida morrer. Não a reveleis descuidadamente, mas se encontrardes alguém que é puro e simples, que é um vaso extraordinário, então não deve ser ocultado.

Hung-chih

Sermões

VAZIO NO ENTANTO CONSCIENTE, a luz original brilha espontaneamente; tranquilo no entanto responsivo, a grande função manifesta-se. Um cavalo de madeira relinchando no vento não caminha os passos do momento presente; um boi de barro emergindo do mar lavra a primavera do éone do vazio.

Compreendeis?

Onde um homem de jade acena, maravilha ainda maior está no caminho de volta.

Uma única clareza contínua, a noite precisamente a meio; a lua, fresca, cospe geada. Quando luz e escuridão se fundem sem divisão, quem distingue relativo e absoluto nisso?

Assim se diz: «Embora o absoluto seja absoluto, no entanto é relativo; embora o relativo seja relativo, no entanto é completo». Neste momento preciso, como discernis?

Como claro — olhos gémos brilhantes antes de qualquer impulso!

Como imponente — o corpo eterno fora das formas!

Cada átomo de cada terra é o eu; não há lugar para se esconder.

Em todo o lado que ides, encontrais Isso; tal pessoa tem olhos. Nas cem ervas, aos portões de uma cidade agitada, impossível de misturar, não ides com o fluxo; impossível de categorizar, não vazais de todo.

Quando não há lugar para colocar a mente, isto não pode ser visto e descrito, não pode ser agarrado e manipulado. A totalidade de todas as formas é igual à sua função; todo o espaço cósmico é igual ao seu corpo.

Ultimamente livre em ação, é o ser imortal dentro das espécies; habilmente responsivo, está no meio do mundo material, no entanto diferente.

É por isso que um mestre professor disse: «A verdadeira natureza é o Tesouro da Terra da mente. Sem cabeça nem cauda, desenvolve seres de acordo com as condições; é provisoriamente referido como conhecimento».

Agora, qual é o conhecimento provisório que desenvolve seres de acordo com as condições? Compreendeis? «Não penseis estranho como vos ofereci vinho repetidamente desde que nos sentámos, pois depois de nos separarmos dificilmente nos encontraremos novamente».

Permanecendo sozinho e imutável, agindo abrangentemente e inexaurivelmente, não desdenheis os fenómenos enchendo os vossos olhos. Deveis confiar que no mundo, que é apenas mental, as mil montanhas todas apontam para o cume, e os cem rios todos terminam no mar.

Se compreenderdes desta forma, enrolais as telas e removeis as persianas. Se não compreenderdes desta forma, fechais as portas e criais uma barreira. Quer discutindo compreensão ou não compreensão, ignorantes não são rápidos.

Iluminação escondida dentro do círculo — um dragão hibernando murmura nas nuvens envolvendo árvores murchas. Clareza verdadeira além de medida — o padrão na lua põe uma face alma no orbe noturno.

A rota antes da lançadeira pode ser discernida por uma mulher de pedra; o talismã sob o cotovelo pode ser usado por um homem de madeira. Assim todo o espaço pode ser selado com um carimbo, omitindo nada no cosmos inteiro.

Compreendeis? Quando os seis sentidos transmitem significado claro, o mundo inteiro está livre de qualquer poeira.

Quando cada partícula de cada terra é o Eu, não há lugar para se esconder; quando se encontra Isso em todo o lado, está-se dotado de percepção. Não misturado por fenómenos ou arrastado por eventos, não suscetível a categorização, totalmente livre de vazamento, sabeis que a grande função se manifesta na ação de adeptos Zen.

Um antigo mestre era metade louco e metade maluco. Outro costumava cantar e dançar sozinho. Compreendeis? Quando usais o vento para avivar um fogo, não é necessário muito esforço. Inquiri!

Quando os seis sentidos regressam à sua fonte, são completamente efetivos e claros, sem comparação. Quando os elementos físicos regressam à sua fonte, todo o corpo é puro, sem uma partícula de poeira. Assim gereis cortar a causação, interromper a sua continuidade, fundir todo o tempo, e obliterar todas as diferenças.

Compreendeis?

«O pássaro espiritual sonha no ramo que não brota;

A flor do despertar floresce na árvore que não lança sombra».

Uma única partícula de matéria envolve mundos infinitos; um único instante de pensamento transcende éones infinitos. Um único corpo manifesta seres infinitos; uma única atualidade inclui budas infinitos. É por isso que se diz: «Consciência completa universal é o meu santuário; corpo e mente vivem em paz no conhecimento da igualdade essencial».

Este estado não pode ser limitado espacial ou temporalmente. Eu e outro combinam, fundindo-se como água e leite; centro e periferia interpenetram, refletindo-se mutuamente como imagens em espelhos.

Como verbalizais guardar os vossos movimentos para evitar ferir seres vivos?

Quando não há flutuação de um estado de mente para o próximo, então não há perda de direção de um passo para o próximo.

Vindo de lugar nenhum, indo para lugar nenhum, chegando à igualdade do princípio de unidade, vemos as aparências vazias de todas as coisas. Onde as nuvens da manhã se dispersaram, o sol é brilhante; quando a chuva noturna passou, os riachos do vale estão inchados. O corpo de percepção, independente, perpetuamente habita numa talidade,

respondendo à realidade autonomamente, um turbilhão de miríades de formas. Então não precisais de pensar deliberadamente mais; há naturalmente alguém fornecendo apoio a todos igualmente.

Aqueles de vós que atingistes o Grande Repouso: se não aceitardes comida, isso é a queda da nobreza.

Extinto sem passar, fundis-vos conscientemente com o espaço; vivo sem nascer, funcionais subtilmente em concerto com todas as coisas. Sem rasto antes do tempo, estais em casa após a encarnação. O grou sonha no ninho, frio; levemente claro, há a lua na floresta verde escura. Quando o dragão murmura, a noite dura muito; persistentes são as nuvens envolvendo a árvore murcha.

Neste momento preciso, não há nascimento ou morte, não há vir ou ir, mas subtilmente existe um caminho para agir; compreendeis?

Névoa envolve os juncos azul-verdes —
neve sobre a areia.

Vento brinca com as plantas aquáticas brancas —
outono no rio.

O Barqueiro disse a Chia-shan: «Não deve haver traços onde vos ocultais, mas não vos oculteis onde não há traços. Em trinta anos com o meu mestre, compreendi apenas isto».

Na erva invulgar no penhasco frio, realizais uma tarefa mesmo enquanto sentados; sob a lua brilhante e nuvens brancas, emanais reflexos a cada passo.

Neste momento preciso, como agis?

O recôndito vazio não tem nada a ver
com a própria ideia de um cadeado;
Que negócio têm pessoas dualistas
com envolvimento transcendental?

As nuvens são naturalmente livres, sem intenção; o céu é abrangente, sem limites. O Caminho responde universalmente, sem imagem; o espírito está sempre em paz, sem pensar. Segui isto, e não vedes os seus traços; ide ao encontro dele, e não o vedes vir. Todo o cânone

budista apenas equivale a louvores dele; os budas de todos os tempos só podem observar do lado.

A lâmpada é brilhante, o salão vazio; como uma tecelã opera o tear, o caminho da lançadeira é fino. A água é luminosa, a noite quieta; um pescador aperta o seu manto de junco à volta dele, a luz da lua no barco fria.

Alguma vez chegastes a este estado, este tempo? Se não, não o trazeis à tona em confusão.

Pressionar sementes de sésamo para obter óleo e cozinhar grão em cereal são assuntos para graduados de Zen. Na prática do Caminho é importante ser equânime; porquê seria necessário lutar para mudar num instante?

O nosso sustento é naturalidade; o nosso modo familiar é o assunto em mãos. Seguindo a corrente, indo com o vento, o barco de regresso aterra na margem. Pessoas livres riem alto; o seu humor é transmitido àqueles que compreendem.

Não há tanto no Budismo. Apenas requer que as pessoas façam o corpo e a mente vazios todo o tempo, não vestindo nem um fio, aberto, relaxado e independente, a luz espiritual do estado original não sendo ofuscada de todo.

Se praticardes desta forma, de modo que atinjais harmonia espontânea em todos os lugares e responsividade em todos os momentos, sem a menor coisa a obstruir-vos, de modo que possais pôr todos os sábios atrás de vós, só então podeis ser chamados um praticante de Zen.

Se dependerdes dos outros, aceitando os juízos dos outros e permitindo-vos ser confundidos pelos outros, não sois um asno cego seguindo uma multidão?

Sendo este o caso, do que se trata, afinal? É só que não ides para trás; se regressardes, podeis. Quem há para contender no meio das ondas nebulosas dos lagos?

Presença subtil, profundamente calma, não é na verdade nada; percepção verdadeira, maravilhosamente efetiva, não é na verdade algo. Ide em frente e dai um passo atrás entre eles e olhai: onde as nuvens brancas terminam, as montanhas verdes são finas. Investigai!

Pureza aberta é ilimitada, no entanto o conhecimento acompanha-a. Responsividade universal não tem método convencional, no entanto o

espírito está coordenado com ela. Quando o conhecimento está aberto, percebe espontaneamente, alerta e desperto; a função do espírito é contínua, sem esforço deliberado. Então podeis irradiar grande luz todo o tempo em todo o lado, fazendo trabalho iluminado.

É por isso que se diz: «Montanhas e rios não apresentam barreira; a luz penetra em todo o lado». E não lestes o dizer «Se as pessoas quiserem entrar no reino dos budas, devem tornar as suas mentes claras como o espaço, desprendendo-se de todas as aparências e fixações, causando que a mente seja desobstruída onde vira»?

Como agis de modo a atingir esta união?

Água e lua, calmas, enfrentam-se uma à outra;

A brisa nos pinheiros, clara, nunca parou.

Porquê aqueles que engoliram os budas de todos os tempos não poderem abrir as bocas? Porquê aqueles que viram através de todo o mundo não poderem fechar os olhos?

Eu removi muitas doenças para vós todos de uma vez; mas como podeis ficar completamente bem? Compreendeis? Quebrando as cores da gama de Montanha Flor subindo ao céu, libertando o som do Rio Amarelo alcançando o mar.

Se o anfitrião não souber que há um hóspede, então não há modo de responder ao mundo; se o hóspede não souber que há um anfitrião, então não há visão além dos sentidos materiais.

Como é alguém que foi? Completamente silencioso, sem rasto. Que tal alguém que regressou? Perfeitamente claro; algo está a acontecer.

Cavar o lago, não espereis pela luz da lua; quando o lago está completo, a luz da lua naturalmente estará lá.

Em objetos efémeros, passado, presente e futuro movem-se de renovação para renovação. Dentro de terra sólida, energia positiva inicial brota subtilmente em movimento. Peregrinando sem habitar, vira-se discretamente a roda do potencial; vivo sem nascimento, transcende-se inefavelmente fenómenos ilusórios.

É assim que pedimos emprestado espaço para o nosso corpo e usamos tudo para a nossa função, respondendo ao convite de todo o mundo sem stress, compreendendo completamente o vazio dentro do carimbo de unidade sem exclusão.

Mas como compreendeis experiencialmente a vida sem nascimento?

Compreendeis?

Se quiserdes saber o que acontecerá na primavera,

As flores de ameixeira de inverno simplesmente não sabem.

Cada chama do fogo éonico é uma brasa de eventos; no vazio do vazio éonico há um pedestal de consciência. Não há mais beleza e fealdade para fazer falhas; beleza e fealdade ambos vêm daqui.

Pelas formas de combinações de objetos e mente, marionetas atuam as suas partes num palco. Quebrando através da tela pintada, vinde de volta; os campos de casa são amplos e claros.

Usai a luz da origem para lavar a escuridão da longa noite da ignorância; usai o conhecimento do cosmos para quebrar as dúvidas de éones incontáveis. Nascimento e morte continuam em profusão, mas não alcançam a casa da verdadeira pureza; condições enredantes são problemáticas, mas não alcançam o reino da clareza completa. Deixai-as mudar fora, enquanto vós como indivíduo permaneceis vazios dentro. Caminhando para o círculo do Caminho, compreendeis e esqueceis fenómenos ilusórios.

É por isso que um antigo disse: «Há algo antes do universo; sem forma, originalmente quiescente, é o mestre de miríades de formas, nunca murchando através das quatro estações».

Mas dissei-me, o que é isto?

Uma baleia bebe toda a água do oceano,

Expondo os ramos de coral.

O branco é incolor, mas é colocado antes de todas as cores; a água é insípida, no entanto todos os sabores são melhores com ela. O Caminho não tem raiz, mas permeia o universo; o Ensino não tem forma fixa, e pode ser isto ou aquilo. Um vale está sempre vazio, mas o eco pode responder a uma chamada; um espelho é em si claro, enquanto as reflexões correspondem às formas.

Se realmente atingirdes tal corpo e mente, a vossa grande função, completamente livre, não pode ser explorada. Mas dissei-me, quem é que não pode ser explorado?

Compreendeis?

Subtilmente transcendendo no início do pensamento, permanecendo independente antes de miríades de impulsos.

O corpo não é uma coleção de átomos mas um ser imponente, maravilhoso. A mente não é enredos emocionais e intelectuais mas uma consciência solitária incognoscível.

A substância está além de toda a obstrução. A função é muito independente. Sem ir ou vir, nem óbvio nem oculto, resposta à forma e som estão vazios de oposição ou dependência.

A graça salvadora nos bolos e biscoitos cabe a nós membros da guilda fazendo o nosso negócio.

Quando rico em miríades de virtudes, mesmo se coisas efêmeras forem muito proeminentes, estais inteiramente livres de poeira.

Deliberadamente parando fala e pensamento para mergulhar absolutamente em silêncio tranquilo, o vosso modo interior de ser brilha espontaneamente, e vagueais independente no reino da verdadeira eternidade.

Quando o tomais, é cristalino; mil diferenças e dez mil distinções não o podem misturar. Quando o pondeis de lado, está livre de todos os atributos; nenhum rasto pode ser encontrado em qualquer lugar ou tempo.

É por isso que os antigos falavam de ser impossível de prender, impossível de chamar de volta, não categorizado mesmo pelos sábios antigos, não tendo lugar fixo mesmo agora.

Mas dissei-me, como se comporta alguém para atingir tal realização?

Compreendeis?

«Caminhando para onde o riacho termina, sentando e vendo quando as nuvens surgem».

Quando as pessoas são equânimes, não falam; quando a água é nivelada, não flui. Quando o vento está calmo, as flores ainda caem; quando os pássaros cantam, as montanhas parecem ainda mais profundas.

Assim a realidade natural não tem falta ou excesso; não interpoleis nada de todo.

No reino da pureza e frescura, todo o recipiente de ar fresco está imerso no outono. Quando corpo e mente são clarificados, o rosto nebuloso da meia-noite abraça a lua. Espiritualidade espontânea, aberta e sempre vazia, cortais o condicionamento do nascimento e da morte e partis de avaliações subjetivas do que é e do que não é.

Chegastes a tal estado, e sois capazes de vos comportar de tal maneira?

«Quando tiverdes derrubado a árvore de cássia na lua,

A luz pura deve ser ainda mais».

Chegai verdadeiramente ao vazio do tempo, e compreendeis-vos a vós mesmos; quando não caís no ser ou não-ser, transcendeis nascimento e morte.

O barco noturno, carregando a lua, pesca o rio da liberdade; a herança da clareza pura é exatamente assim.

Afeição congela para formar o corpo; pensamentos assentam para formar o mundo; daí em diante bobais no mar do nascimento e da morte.

Quando vedes através da fonte espiritual, cuja profunda quietude não é misturada, então sabereis que ilusões e bolhas não apresentam obstáculo.

Quando o tempo é outono nos sentidos e as condições dos elementos grosseiros desintegram, uma realidade sempre permanece, com clareza perfeita.

Fundido na luz da lua brilhante, a neve e os juncos são confusos ao olho; enviado por uma brisa pura, o regresso do barco noturno é rápido.

Cor esvazia, assim tomando o selo da linhagem de budas e mestres Zen; luz dissolve a escuridão, perpetuando a lâmpada que ilumina o mundo.

Neste momento não caís no pensamento; nesta situação podeis, no entanto, virar livremente.

É por isso que o Barqueiro disse: «Que não haja traços onde vos escondeis, mas não vos escondeis onde não há traços. Em trinta anos com Yao-shan, compreendi apenas isto».

Agora dizei-me, o que foi compreendido? Compreendeis?

A tartaruga regressa ao seu palácio oceânico; a maré da noite recua;

Enquanto a lua passa o rio das estrelas, a alma da noite é clara.

Intelecto aberto e luminoso, espírito calmo e penetrante, frio claro transforma a noite; uma lua gélida atravessa o céu.

É assim que um praticante Zen deve comportar-se, os quatro quadrantes e oito direções todos cristalinos. Investigai!

Vazio, vazio, absolutamente sem rasto, não ofuscado por nem um ponto; quando profundamente quieto, livre de palavras, potencial unificado espontaneamente entra em operação.

Neste ponto mesmo os budas passados e futuros não presumem reclamar professorado; neste ponto mesmo os fundadores do Zen não reclamam ser mestres.

Compreendeis?

A agulha dourada está sob duplo cadeado;

O caminho da harmonização é subtilmente todo-inclusivo.

Magnífico, distinguido, revela-se unicamente em miríades de formas;

Claro, evidente, é encontrado em todas as coisas. Eu não vejo qualquer outro externo; o outro não vê qualquer eu externo. Outro não está fora do eu, por isso objetos de sentido desaparecem; eu não está fora do outro, por isso sentimentos de percepção são derramados.

É por isso que se diz: «O mundo é assim, os seres são assim; cada partícula é assim, e cada pensamento é assim».

Mas dissei-me, como agis de modo a atingir tal realização?

Compreendeis?

Potencial unificado subtilmente operando, o cubo do Caminho é quieto;

Miríades de reflexos de imagens fluindo, o espelho da mente é vazio.

A Casa de YUN-MEN HSUEH-FENG

Ditos

TODO O UNIVERSO, todo o mundo, sois vós; pensais que há algum outro? É por isso que a Escritura do Progresso Heroico diz: «As pessoas perdem-se a si mesmas, perseguindo coisas; se pudessem virar as coisas, seriam o mesmo que Buda».

Deveis perceber a vossa natureza essencial antes de atingir a iluminação. O que é perceber a natureza essencial? Significa perceber a vossa própria natureza original.

Qual é a sua forma? Quando percebeis a vossa própria natureza original, não há objeto concreto para ver.

Isto é difícil de acreditar, mas todos os budas o atingem.

Termos para a mente única são natureza de buda, verdadeira talidade, a essência escondida, o corpo espiritual puro, o pedestal de consciência, a alma verdadeira, o inocente, cognição espelhada universal, a fonte vazia, a verdade última, e consciência pura.

Os budas do passado, presente e futuro, e todos os seus discursos escriturais, estão todos na vossa natureza original, inerentemente completa. Não precisais de buscar, mas deveis salvar-vos a vós mesmos. Ninguém o pode fazer por vós.

Olhai, olhai para estes adultos viajando aos confins da terra! Onde quer que ides, quando alguém vos pergunta o que se passa, imediatamente dizeis olá, dizeis adeus, ergueis as sobrancelhas, rolais os olhos, dais um passo à frente e recuais. Transmitindo este tipo de mau hálito, no minuto em que começais entraís numa caverna de raposa selvagem. Tomando o servo pelo mestre, não sabeis poluição de pureza.

Enganando-vos a vós mesmos no presente, no fim das vossas vidas acabareis por não ser nada mais que um bando de raposas selvagens.

Compreendeis? Como isto produz boas pessoas? Tendo recebido o abrigo de Shakyamuni Buda, destruís a sua herança sagrada. Que tipo de atitude é esta? Por toda a China, o Budismo está a morrer bem diante dos nossos olhos. Não penseis que isto é uma questão ociosa! Enquanto sento aqui, não vejo um único indivíduo que se qualifique como iniciado na mensagem Zen de tempos imemoriais. Sois apenas uma coleção aleatória, uma gangue arruinando o Budismo. Os antigos chamar-vos-iam pessoas que repudiam a sabedoria. Tereis de rejeitar isto antes de poderdes atingir a realização.

Para atingir esta questão requer força de caráter; não continueis a correr para mim repetidamente, dependendo de mim, buscando declarações e pedindo ditados. Para um homem do caráter requerido, isso é fazer tolos das pessoas. Sabeis o bem do mal? Terei de expulsar este bando de ignorantes com a minha bengala!

Se imediatamente realizardes ser-assim, isso é melhor e mais económico; não vos deixeis vir a mim por uma declaração.

Compreendeis? Se sois um descendente do fundador do Zen, não comereis comida que outro já mastigou.

O que é mais, não vos deveis constranger. Agora mesmo, o que vos falta? O negócio do indivíduo responsável tem sido tão claro como o sol brilhante no céu azul por todo o tempo. Nunca houve nada a obstruí-lo; então porquê não o sabeis?

Se eu vos dissesse que para compreender teríeis de dar meio passo, exercer o menor esforço, ler uma única palavra da escritura, ou perguntar explicitamente questões aos outros, eu estaria a enganar-vos e ameaçar-vos.

O que é isto aqui e agora?

Incapazes de o obter, e também incapazes de recuar para vós mesmos e examinar completamente para ver por vós mesmos, só sabeis ir a «velhos mestres» ignorantes e confusos para memorizar ditados.

Que relevância há? Sabeis que isto não é algo verbal?

Digo-vos, se memorizardes uma única frase de um ditado, sereis um sprite de raposa selvagem por todo o tempo. Compreendeis?

YUN-MEN

Ditos

A OPORTUNIDADE de pregar o Caminho é certamente difícil de manejar; mesmo se concordardes com ele numa única frase, isto ainda é fragmentação. Se prosseguirdes ao acaso, isso é ainda mais inútil.

Em Zen, mesmo se apresentardes o vosso estado numa frase, isto ainda é inutilmente incomodar-se a demorar no pensamento. Métodos Zen, com as suas técnicas interativas, têm variações e diferenças incontáveis; se tentardes avançar, o vosso erro reside em perseguir as expressões dos outros.

Que tal a preocupação perene? Podeis chamar isto completo, podeis chamar imediato? Podeis chamar mundano ou transcendental? Melhor não mal interpretar isto! Quando me ouvís falar desta forma, não vireis

imediatamente para onde não há nem completude nem imediatidade para calcular e calcular.

Aqui, é necessário que sejais vós a realizá-lo; não apresenteis ditados de um mestre, ditados de imitação, ou ditados calculados onde quer que ides, fazendo-os passar pela vossa própria compreensão.

Não mal interpreteis. Agora mesmo, qual é o assunto?

Melhor não dizer que vos estou a enganar hoje. Para começar, não tenho escolha senão fazer alarido à vossa frente, mas se eu fosse visto por alguém com olhos claros, seria motivo de riso. Agora mesmo não o posso evitar, por isso deixai-me perguntar-vos a todos: O que alguma vez foi o assunto? O que vos falta?

Mesmo se eu vos disser que não há nada o assunto, já vos enterrei, e no entanto deveis chegar a este estado antes de o realizardes. E não corrais com a boca a fazer perguntas ao acaso; enquanto a vossa própria mente estiver pouco clara, ainda tendes muito trabalho a fazer no futuro.

Se as vossas faculdades e pensamentos trabalharem devagar, então por agora examinai os métodos e técnicas estabelecidos pelos antigos, para ver quais são os seus princípios.

Quereis atingir a compreensão? As ideias subjetivas que vós mesmos tendes entretido por éones imensuráveis são tão densas e espessas que quando ouvis alguém dar uma explicação, imediatamente concebeis dúvidas e perguntais sobre o Buda, perguntais sobre o Ensino, perguntais sobre transcendência, perguntais sobre acomodação.

Enquanto buscais compreensão, tornais-vos mais afastados dela. Perdeis o momento em que tentais pôr a mente nele; quanto mais quando falais! Significaria isso que não tentar pôr a mente nele é certo? O que mais é o assunto? Tomai cuidado!

Se eu trouxesse à tona uma única frase que vos permitisse atingir a compreensão imediatamente, isso já seria espalhar sujeira nas vossas cabeças. Mesmo se compreenderdes todo o mundo de uma vez quando um único cabelo é pegado, isto é escavar carne e fazer uma ferida. No entanto, deveis chegar a este estado antes de o realizardes. Se não tiverdes, então não tentais fingir entretanto.

O que deveis fazer é recuar e calcular o vosso próprio ponto de vista: que lógica há nisso?

Não há realmente nada de todo para vos dar a compreender, ou para vos dar a maravilhar, porque cada um de vós tem o seu próprio negócio.

Quando a grande função aparece, não toma qualquer esforço da vossa parte; agora não sois diferentes dos mestres Zen e budas.

É só que as vossas raízes de fé são rasas e finas, enquanto os vossos maus hábitos são densos e espessos.

Subitamente ficais todos excitados e ide em longas viagens com as vossas taças e sacos; porquê suportais tal inconveniência? Que insuficiência há em vós? Sois adultos; quem não tem lote? Mesmo quando atingis compreensão individualmente por vós mesmos, isto ainda não é estar no topo das coisas; por isso não deveis aceitar as enganações dos outros ou os juízos dos outros.

O minuto em que vedes algum monge velho abrir a boca, deveis fechá-lo imediatamente. Em vez disso agis como moscas verdes num monte de esterco, lutando para o consumir. Reunindo-vos em grupos para discussão, aborreceis os outros miseravelmente.

Os antigos proferiam uma frase ou meia declaração para ocasiões particulares, por causa da impotência de pessoas como vós, para abrir caminhos de entrada para vós. Se souberdes disto, ponde-os de lado e aplicai um pouco do vosso próprio poder; não tendes um pouco de familiaridade?

Ai, o tempo não espera por ninguém; quando expirais, não há garantia de que inspirareis novamente. Que outro corpo e mente tendes para empregar no lazer noutro lugar? Simplesmente deveis chegar! Tomai cuidado.

Tomai todo o universo de uma vez e ponde-o nas vossas pestanas.

Quando me ouvis falar desta forma, podeis vir excitados e dar-me uma bofetada, mas relaxai por agora e examinai cuidadosamente a questão de se tal coisa existe ou não e o que significa.

Mesmo se compreenderdes isto, se vos deparardes com um membro de uma escola Zen, provavelmente tereis as pernas partidas.

Se sois um indivíduo independente, quando ouvis alguém dizer que um antigo adepto está a ensinar em algum lugar, cuspireis diretamente na cara dessa pessoa por poluir os vossos ouvidos e olhos.

Se não tiverdes esta capacidade, assim que ouvis alguém mencionar algo como isto, aceitai imediatamente, de modo que já caístes no secundário. Não vedes como o Mestre Te-shan costumava arrastar o seu bastão no momento em que via monges entrar no seu portão, e expulsá-los? Quando o Mestre Mu-chou via monges vir pelo seu portão, dizia: «O assunto está à mão; devia dar-vos uma surra!»

Que tal o resto? O conjunto geral de ladrões falsos come o cuspo de outras pessoas, memorizando um monte de lixo, uma carga de porcaria, depois correndo com a boca como burros onde quer que vão, gabando-se de que podem posar questões em cinco ou dez ditados. Mesmo se puderdes posar questões da manhã à noite e dar respostas da noite à manhã, até ao fim do tempo, alguma vez sonhareis ver?

Onde está o empoderamento para as pessoas? Sempre que alguém dá um banquete para monges Zen, pessoas como esta também dizem que obtiveram comida para comer. Como valem a pena falar? Algum dia, na presença da morte, a vossa explicação verbal não será aceite.

Alguém que atingiu pode passar os dias seguindo o grupo na casa de outro, mas se não tiverdes atingido, não sejais um falso! Não serve passar o tempo à vontade; deveis ser mais completamente atentos.

Os antigos tinham muitas maneiras complexas de ajudar. Por exemplo, o Mestre Hsueh-feng disse: «Toda a terra sois vós!» O Mestre Chia-shan disse: «Encontrai-me nas cem ervas; reconhecei o imperador no mercado agitado». Luo-p'u disse: «Assim que um único átomo vem à existência, toda a terra está contida nele. Há um leão em cada cabelo, e isto é verdade de todo o corpo». Tomai estes e pensai neles, uma e outra vez; eventualmente, após um longo, longo tempo, naturalmente encontrareis um caminho para penetrar.

Ninguém pode fazer esta tarefa por vós; cabe a cada indivíduo sozinho.

Os velhos mestres que emergem no mundo apenas agem como testemunhas da vossa compreensão. Se tiverdes penetrado, um pouco de raciocínio não vos confundirá; se realmente não tiverdes atingido ainda, então mesmo o uso de expedientes para vos estimular não funcionará.

Todos vós tendes gasto calçado viajando à volta, tendo deixado os vossos mentores e anciãos, os vossos pais. Deveis aplicar algum poder percetivo antes de atingirdes a realização. Se não tiverdes penetração, se vos deparardes com alguém com métodos realmente efetivos que

devota a vida sem rancor a ir para a lama e água para ajudar os outros, alguém que vale a pena associar e que perturba a complacência, então pendurai as vossas taças e sacos por dez ou vinte anos para atingir penetração.

Não vos preocupeis que possais não ter sucesso, porque mesmo se não o atingirdes na vida presente, ainda não perdereis a vossa humanidade na vida futura. Assim também poupareis energia nesta busca; não traireis toda a vossa vida em vão, nem traireis aqueles que vos apoiaram, os vossos mentores e anciãos, os vossos pais.

Sendo este o caso, qual é o assunto, afinal? É só que não ides para trás; se regressardes, podeis. Quem há para contender no meio das ondas nebulosas dos lagos?

Deveis ver por vós mesmos que não há ninguém para substituir por vós, e o tempo não espera por ninguém. Um dia a luz dos vossos olhos cairá no chão; como podeis prevenir que isso aconteça? Não sejais como lagostas largadas em água a ferver, mãos e pés debatendo-se. Não haverá espaço para serdes falsos falando grande conversa.

Não desperdiceis o tempo ociosamente. Uma vez perdida a humanidade, nunca a podeis restaurar. Isto não é uma pequena questão. Não dependais do imediato presente. Mesmo um homem mundano disse: «Se ouvirdes o Caminho de manhã, estaria bem morrer nessa noite» — então o que dizer de ascetas como nós — o que devemos praticar? Deveis realmente ser diligentes. Tomai cuidado.

É óbvio que os tempos são decadentes; estamos no fim da era da imitação. Nestes dias os monges vão para o norte dizendo que vão curvar-se a Manjushri e vão para o sul dizendo que vão visitar o Monte Heng. Aqueles que vão em viagens como esta são mendicantes apenas de nome, consumindo em vão as esmolas dos crédulos.

Que dor! Quando lhes perguntais uma questão, estão totalmente no escuro. Apenas passam os dias adequando o seu temperamento. Se houver alguns de vós que mal aprenderam muito, memorizando maneiras de falar, buscando ditados semelhantes onde quer que ides pela aprovação dos residentes anciãos, menosprezando os de mente elevada, agindo de maneiras que vos empobrecem espiritualmente, então não digais, quando a morte vem bater à vossa porta, que ninguém vos disse.

Se sois um principiante, deveis ativar o vosso espírito e não memorizar ditados em vão. Muito falso não é tão bom como um pouco de verdade; ultimamente só vos enganareis a vós mesmos.

MING-CHIAO

Ensaaios

AQUILO QUE TEM FORMA emerge daquilo que não tem forma; aquilo que não tem forma emerge daquilo que tem forma. Portanto o caminho da espiritualidade suprema não pode ser buscado no ser e não pode ser sondado no não-ser; não pode ser perdido através do movimento e não pode ser ganho através da quietude.

O caminho dos sábios é vazio? Então de onde vem a renovação contínua da vida? O caminho dos sábios não é vazio? O que vive que não morre? Compreender com precisão tanto o vazio como o não-vazio no caminho dos sábios seria desejável.

Agora, para provar o vazio experiencialmente, não há nada melhor que compreender aquilo que tem forma. Para compreender aquilo que tem forma, não há nada melhor que conhecer aquilo que não tem forma. Se conhecerdes aquilo que não tem forma, então podeis ver na luz do espírito. Quando podeis ver na luz do espírito, então podeis falar sobre o caminho.

O caminho é onde o espírito se desenvolve, e é de onde a consciência vem. A consciência é uma fonte de grandes problemas. Dizer que o caminho dos sábios é vazio é afundar num vazio de difusividade, de modo que a doença se torna ainda mais doente. Quem no mundo pode curar isto?

O ensino dos sábios está no caminho. O caminho dos sábios está no despertar. Despertar significa iluminação; não despertar significa não ser iluminado. Não ser iluminado é o que separa a maioria das consciências da santidade.

Despertar não significa acordar gradualmente; significa estar completamente acordado. Despertar completo é a consumação da tarefa dos sábios. Estar acordado chama-se budado; é comparado a um veículo. Pelo despertar, completa-se o caminho dos sábios; por este veículo chega-se ao reino dos sábios. Isto é verdade para todos os sábios, passado e futuro.

O despertar dos sábios reside dentro da consciência normal das pessoas comuns, mas as pessoas comuns acordam todos os dias sem nunca o realizarem. Mesmo que estejam acordadas, ainda estão a sonhar; mesmo que conscientes, ainda estão confusas. É por isso que os sábios se deram ao trabalho de o apontar para elas, esperando que buscassem o despertar, induzindo-as a dirigirem-se para ele, esperando que o atingissem.

Contemplar a mente chama-se o caminho; elucidar o caminho chama-se educação. A educação é o trilho deixado pelos sábios; o caminho é a raiz universal de todos os seres vivos.

As pessoas há muito mal compreenderam a raiz seriamente; se os sábios nada fizessem sobre isso, todos acabariam ignorantes. É por isso que os sábios deram às pessoas grande iluminação.

A mente não tem exterior, e o caminho não tem interior, por isso não há ninguém que não esteja no caminho. Os sábios não são egoístas; o caminho não abandona as pessoas; os sábios dão tudo o que o caminho envolve. Portanto a sua educação penetra tanto a escuridão como a luz, tanto o mundano como o transmundano; nada não é penetrado.

Penetração significa unificação. Unificação é um meio de retificação, para que todos tenham as mesmas virtudes que os sábios.

Para iluminação espiritual universal, o caminho é supremo; para funções subtis de poderes espirituais, a mente é suprema. Quando se trata de perseguir ilusões e atividades vinculantes, nada é pior que perder a raiz. Quando se trata de vaguear em rotinas mundanas, nada é pior que morte e renascimento. Quando se trata de reconhecer as falhas e males das pessoas comuns, ninguém é mais habilidoso que os sábios. Quando se trata de endireitar a base para todas as pessoas, nada é melhor que estabelecer educação.

Quando a correção é estável, há iluminação. Quando a iluminação é estável, há sublimação. Quando a sublimação é estável, o caminho é consumado nisso.

Portanto a educação é o grande início da iluminação dos sábios do caminho para salvar o mundo. A educação é a grande função inconcebível pela qual os sábios tiram vantagem de oportunidades oportunas para responder a potenciais.

Assim é que pessoas de grande potencial vão pelo caminho imediato, enquanto as de potencial menor vão pelo caminho gradual. O caminho

gradual refere-se ao provisório; o caminho imediato refere-se ao real. O real chama-se o Grande Veículo, o provisório chama-se o Veículo Menor.

Os sábios disseminaram o grande e o pequeno entre pessoas de todos os tipos de potenciais, por isso escuridão e luz foram compreendidas.

Ouvir o imediato no ensino gradual ou ouvir o gradual no ensino imediato são também maneiras pelas quais os sábios são mais subtis que anjos ou humanos e insondáveis para anjos ou humanos. Os sábios ensinam o provisório para induzir as pessoas a dirigirem-se para o real; os sábios ilustram o real para que as pessoas se aproveitem do provisório.

Portanto o provisório e o real, o parcial e o completo, sempre se concernem mutuamente.

Dentro do provisório, há o provisório manifesto e o provisório escondido. O uso dos sábios do provisório manifesto envolve ensino superficial, um pequeno caminho, para fornecer um pequeno lugar de repouso para crentes. O uso dos sábios do provisório escondido envolve outros caminhos, outros ensinamentos, cooperando com o bom e o mau, para fornecer a não crentes condições remotas para atingir a iluminação. O provisório manifesto é óbvio, mas o provisório escondido é insondável.

Quanto ao real, é a verdade final. Na realidade da verdade final, outros e eu são um. Porque outros e eu são um, os sábios são assim por causa de todos os seres.

Se falarmos sobre o ensino provisório dos sábios, pareceria ser a grande expediência que permeia toda a bondade no mundo, todos os caminhos dos filósofos, para salvar o mundo e ajudar as pessoas. Se falarmos sobre o ensino real dos sábios, pareceria ser o caminho universal que permeia o universo e limita todas as coisas, descobrindo a verdade e cumprindo a natureza para todo o mundo.

Quanto aos sábios, a sua sapiência está em não morrer ou renascer no entanto mostrando morte e mostrando nascimento, o mesmo que outras pessoas, sem ninguém ver porquê assim. Isto não significa apenas pessoas de tempos antigos com espiritualidade e conhecimento altamente desenvolvidos. É por isso que a sua educação inclui o caminho do espírito assim como o caminho humano; há virtudes comuns, e há virtudes extraordinárias — é impossível encaixar tudo numa generalização, e isto não pode ser discutido nos mesmos termos que caminhos mundanos. A obtenção reside na penetração mental; a perda reside na comparação de traços.

Sentimentos emergem da natureza, enquanto a natureza está oculta nos sentimentos. Quando a natureza está oculta, o caminho da realidade última é inoperante. É por isso que os sábios usam a natureza para o seu ensino para educar as pessoas.

Atividades e movimentos na sociedade começam dos sentimentos. As confusões das massas são retificadas pela natureza. Como pode a sociedade não examinar os aspetos positivos e negativos dos sentimentos e da natureza? Elas sabem o bem e o mal mas não como o bem e o mal começam e terminam; é isso conhecimento completo? É conhecimento completo saber o fim mas não o início?

Só o conhecimento consumado dos sábios sabe o início e o fim, sabe o subtil e o não existente, e vê o que permeia morte e nascimento, escuro e claro, e faz imagens e formas.

O mundo é mais extenso, mas surge dos sentimentos. O universo é mais enorme, no entanto está contido dentro da natureza.

Portanto nada é mais poderoso que sentimento e natureza.

Sentimento é o início do ser. Quando há ser, então há afeição. Quando há afeição, então há desejo. Quando há desejo, então homens, mulheres e todos os seres nascem e morrem nisso. As experiências de morte e vida, bom e mau, tipicamente mudam; começam e terminam, ciclicamente passando e regenerando incessantemente.

Natureza é a obtenção do não-ser. Não-ser último não significa não-existência; emerge no nascimento e submerge na morte, sem si mesmo morrer ou nascer.

A razão para a tranquilidade do caminho dos sábios é óbvia: só sentem o que é adequado.

Agora então, sentimento é artifício, e é consciência; quando o tendes, isso faz afeição, simpatia, intimidade. Mas intimidade faz distância, e distância faz para bem e mal inconsistentes. Quando perdeis sentimento, isso faz para engano, para astúcia, para maldade, para desordem, para ganância, para vício, para perda de mente e destruição de natureza.

Quanto à natureza, é realidade, é talidade, é perfeição, é inocência, é pureza, é serenidade. Quando vos aproximais dela, tornais-vos sábios e retos. A curto prazo, torna as pessoas decentes e retas; a longo prazo, faz espíritos santificados e grandes sábios. Isto é o que subjaz ao facto

de os sábios educarem as pessoas com ensino sobre natureza, não sentimento.

Sentimento e natureza existem nos seres sempre, como sempre. Quando tentais descobri-los, não os podeis agarrar; mesmo se tentais cortá-los, não terminam. Céu e terra têm um fim, mas a alma da natureza não se extingue.

Diferentes estados de existência mundana podem alternar e mudar, mas o fardo do sentimento não se dissolve. Portanto a sociedade tem de distinguir entre os significados de sentimento e natureza. Se as pessoas forem educadas com base no sentimento, permanecem dentro do nascimento e da morte. Se as pessoas forem educadas com base na natureza, vão além da morte e nascimento. A educação do sentimento é de curto alcance; a educação da natureza é de longo alcance. Se fingirdes estar além da morte e renascimento e tomardes uma visão niilista deles, então sois ignorantes do padrão da natureza e cortais a fonte da regeneração contínua.

Conhecimento pequeno não pode alcançar conhecimento grande; o destino final de uma galinha de jogo é a panela de cozinhar, não é?

Quando a mente se agita, isso chama-se atividade. Atividade coordenada chama-se experiência. Experiência refere-se tanto ao interno como ao externo. Cujas mente não se agita? Quem não experiencia as atividades de miríades de seres? O padrão da atividade é recôndito; o ímpeto da experiência é de longo alcance. Portanto as pessoas não notam e não temem. A educação dos sábios é ser cuidadoso com a atividade, para que as pessoas estejam alerta, para que tenham cuidado com o agitar na mente.

Experiência interna chama-se acenar, e experiência externa chama-se resposta. Acenar é considerado a causa; resposta é considerada o resultado. As formas concretas e abstratas de causa e efeito estão todas envolvidas.

Agora, pois, o movimento na mente pode ser perverso, ou pode ser harmonioso; é por isso que surgem bons e maus sentimentos nela. Uma vez que ocorrem bons e maus sentimentos, então a calamidade e a fortuna vêm em resposta. Na medida em que os sentimentos são mais ou menos superficiais ou profundos, as consequências são mais ou menos leves ou graves. O leve pode ser alterado, mas o grave não pode ser removido.

O bom e o mau podem preceder ou seguir; a calamidade e a fortuna podem ser lentas ou rápidas. Mesmo após dez gerações, ou mesmo dez mil gerações, é impossível escapar de experimentar as consequências. Não se trata apenas de uma geração. Aqueles que duvidam disto apenas porque o bom e o mau não mostram resultados numa geração são ignorantes da causalidade.

Se as recompensas não se basearem na causalidade correta, então como podem as boas pessoas ser encorajadas na sociedade? Não vemos as árvores crescerem, no entanto florescem dia a dia; não vemos a pedra de afiar desgastar-se, no entanto diminui dia a dia. Assim é com as ações humanas, então como podemos não ser cautelosos?

HSUEH-TOU Histórias

Te-shan Guia a Multidão

TE-SHAN DISSE a um grupo: “Esta noite não responderei a nenhuma pergunta. Qualquer um que fizer uma pergunta recebe uma surra.”

Nesse momento, um monge aproximou-se e curvou-se, ao que Te-shan o acertou.

O monge disse: “Eu nem sequer fiz uma pergunta ainda!”

Te-shan disse: “De onde és?”

O monge disse: “Coreia.”

Te-shan disse: “Merecias uma surra antes de pisares no barco!”

Fa-yen trouxe isto à baila e disse: “A conversa do grande Te-shan é dualista.”

Yuan-ming trouxe isto à baila e disse: “O grande Te-shan tem cabeça de dragão mas cauda de serpente.”

Hsueh-tou trouxe isto à baila e comentou: “Embora os antigos mestres Fa-yen e Yuan-ming habilmente aparassem o longo e adicionassem ao curto, abandonassem o pesado e seguissem o leve, isso não é suficiente para ver Te-shan.

“Porquê? Te-shan era como se segurasse a autoridade fora da porta; ele tinha uma espada que não convidaria ao desordeiro mesmo quando não cortasse quando devia.

“Quereis ver o monge coreano? Ele é apenas um cego a chocar contra um pilar.”

Pai-chang e o Espanta-Moscas

Pai-chang visitou Ma-tsu pela segunda vez e ficou ali, atento.

Ma-tsu fitou o espanta-moscas na borda do seu assento.

Pai-chang perguntou: “Identifica-se com esta função ou desprende-se dela?”

Ma-tsu disse: “Mais tarde, quando abrires os lábios, o que usarás para ajudar as pessoas?”

Pai-chang pegou no espanta-moscas e ergueu-o.

Ma-tsu disse: “Identificas-te com esta função ou desprende-te dela?”

Pai-chang pendurou o espanta-moscas de volta no seu lugar.

Ma-tsu então gritou, tão alto que Pai-chang ficou surdo por três dias.

Hsueh-tou trouxe isto à baila e disse: “Extraordinário, ó dignos do Zen! Hoje em dia, aqueles que se ramificam em correntes são muitos, enquanto aqueles que buscam a fonte são extremamente poucos. Todos dizem que Pai-chang foi grandemente iluminado com o grito, mas é realmente verdade ou não?”

“Ideogramas semelhantes assemelham-se e misturam-se, mas pessoas de olhos claros não poderiam ser enganadas nem um pouco. Quando Ma-tsu disse: ‘Mais tarde, quando abrires os lábios, o que usarás para ajudar as pessoas?’, Pai-chang ergueu o espanta-moscas — considerais isto como insetos a roer madeira, acidentalmente fazendo um padrão, ou é romper e chocar contra uma casca ao mesmo tempo?”

“Quereis entender os três dias de surdez? Ouro puro, altamente refinado, não deve mudar de cor.”

O Riacho Antigo de Hsueh-feng

Um monge perguntou a Hsueh-feng: “Como é quando o riacho antigo é frio desde a fonte?”

Hsueh-feng disse: “Quando olhas diretamente para ele, não vês o fundo.”

O monge perguntou: “E aquele que bebe dele?”

Hsueh-feng disse: “Não entra pela boca.”

O monge contou isto a Chao-chou. Chao-chou disse: “Não pode entrar pelas narinas.”

O monge então perguntou a Chao-chou: “Como é quando o riacho antigo é frio desde a fonte?”

Chao-chou disse: “Doloroso.”

O monge disse: “E aquele que bebe dele?”

Chao-chou disse: “Ele morre.”

Hsueh-feng ouviu isto citado e disse: “Chao-chou é um buda antigo; a partir de agora, não responderei mais a nenhuma pergunta.”

Hsueh-tou trouxe isto à baila e comentou: “Todos na multidão dizem que Hsueh-feng não foi além da pergunta deste monge, e que é por isso que Chao-chou não concordou. Se entenderdes literalmente desta forma, decepcionareis profundamente os antigos.

“Eu discordo. Apenas aquele que pode cortar unhas e cisalhar ferro é um verdadeiro mestre Zen. Indo para o baixo, nivelando o alto, dificilmente se poderia chamar adepto.”

Ts’ao-shu e a Nação de Han

Ts’ao-shu perguntou a um monge: “De onde vieste recentemente?”

O monge disse: “A nação de Han.”

Ts’ao-shu perguntou: “O imperador de Han respeita o Budismo?”

O monge disse: “Que miséria! Sorte tua perguntares-me a mim! Se tivesses perguntado a outro, haveria um desastre!”

Ts’ao-shu perguntou: “O que estás a fazer?”

O monge disse: “Nem sequer vejo a existência das pessoas — que Budismo há para respeitar?”

Ts’ao-shu perguntou: “Há quanto tempo estás ordenado?”

O monge disse: “Vinte anos.”

Ts’ao-shu disse: “Um belo ‘não ver a existência das pessoas’!” E acertou-lhe.

Hsueh-tou comentou: “Este monge levou uma surra, mas quando for não retornará. Quanto a Ts’ao-shu, embora tenha executado o imperativo, agitou ondas onde não havia vento.”

A Casa de FA-YEN

HSUAN-SHA Dizeres

ALCANÇASTES o oceano puro e original de insight e conhecimento da essência e das formas? Se ainda não o alcançastes, agora que estais reunidos aqui, vedes as montanhas verdes à vossa frente? Se dizeis que vedes, como vedes? Se dizeis que não vedes, como podeis dizer que as montanhas verdes não são visíveis? Compreendeis?

O facto é que o vosso oceano puro e original de insight e conhecimento da essência e das formas inclui ver e ouvir. Se compreenderdes, é exatamente assim, e mesmo se não compreenderdes, ainda é exatamente assim.

Tudo é sempre assim; toda a essência é tal; basta não buscar fora. Se tiverdes uma grande raiz de fé, então os budas não são nada além da vossa própria experiência interior; quer estejais a andar, parados, sentados ou deitados, nunca deixa de ser assim.

Mas agora que vos disse isto diretamente, já estou a oprimir a vossa liberdade, tornando-vos escravos. Concordaríeis em dizer assim? Quer concordes ou não, como compreendeis?

Agora esta conversa já mostra ignorância do bom e do mau. Como assim? Porque discriminais desta forma e daquela.

O que andais todos a procurar com tanto esforço? Não me digais para mexer os lábios! Porquê? Nada se cumpre com conversa somente; não são palavras que podem trazer paz às pessoas. Deveis experimentar a unidade e a talidade antes de alcançardes a harmonia; não memorizeis apenas ditados e expressões, pois não há fim nisso. É apenas uma questão de concentração total. Não digais que tendes de atingir a função dos sábios antes de poderdes ser livres; como sois inferiores a eles?

A emergência de budas no mundo exercendo bondade e compaixão tem sido sempre como flores no céu, sem realidade sólida. Deveis realizar que há aquilo que nunca emergiu no mundo e nunca entrou em extinção.

Manifestações ilusórias e nomes ilusórios não têm realidade. Porquê? A natureza essencial dos elementos materiais é fundamentalmente vazia, por isso nunca passou e nunca veio a ser, e nunca ensinou as pessoas.

Porque a natureza essencial dos seres é tal, os seus corpos materiais também o são. Porque a natureza essencial dos seres é nirvânica, os seus corpos materiais também são nirvânicos. Mas realizais isto?

Se sim, então avançai e discutiremos todos. Se não, agora digo-vos que a essência intrínseca não produz essência intrínseca, e a essência intrínseca não aniquila essência intrínseca.

Então como se pode atingir o entendimento? Não digais que esta natureza essencial é como sempre. Se compreenderdes, por favor expressai o vosso entendimento às pessoas; se não compreenderdes, então como não sois comparáveis aos budas?

É assim que deveis ser antes de atingir. Aqueles de faculdades superiores compreendem tudo uma vez que ouvem; aqueles de faculdades médias também compreendem uma vez que ouvem; e aqueles de faculdades menores também compreendem uma vez que ouvem. De que estou a falar com este raciocínio? Sabeis? Tendes insight?

É inerente a todos; manifesta-se em todos.

O primeiro axioma do Zen é aceitar pessoalmente a completude da atualidade presente. Não há outro no universo inteiro; é apenas vós. Quem mais quereríeis que visse? Quem quereríeis que ouvisse? Tudo é obra do vosso monarca da mente, cumprindo o conhecimento imutável. Tudo o que vos falta é a aceitação pessoal da realização.

Isto é chamado abrir a porta da metodologia expedita, para vos fazer confiar que há um fluxo de verdadeira eternidade que permeia todo o tempo. Não há nada que não seja isso e nada que seja isso.

Este axioma só equivale a equanimidade. Porquê? É apenas usar palavras para descartar palavras, usar princípio para perseguir princípio, ensinar às pessoas equilíbrio e constância na essência e na manifestação para o seu próprio benefício. Em termos de Zen, isto ainda é entender o que vem antes mas não entender o que vem depois. Isto é chamado ordinariade uniforme, a experiência de realização parcial do corpo da realidade.

Sem expressão além dos padrões, morreis na declaração e ainda não tendes liberdade. Se conhecerdes experiência além dos padrões, não sereis compelidos por demónios mentais; eles vêm ao vosso poder, e podeis transformá-los sem esforço. As vossas palavras comunicam o

grande Caminho, sem cair na visão de equanimidade. Isto é chamado o primeiro axioma do Zen.

O segundo axioma é retornar à causalidade e atender aos efeitos, não se agarrando ao princípio da unidade constante. Isto é expedientemente chamado virar do estado para o potencial, avivar e matar livremente, conceder e retirar conforme apropriado, emergir na vida e entrar na morte, trazer benefícios a todos. Transcendentemente livre de desejos materiais e visões emocionais, isto é expedientemente chamado a natureza de buda que vai além do mundo inteiro de uma vez. Isto é chamado entendimento simultâneo de dois princípios, iluminação igual de duas verdades. Imóvel pelo extremismo dualista, funções subtis manifestam-se. Isto é chamado o segundo axioma do Zen.

O terceiro axioma é saber que há uma fonte raiz da natureza e características do grande conhecimento e penetrar a sua visão infinita, compreendendo tanto o negativo como o positivo, compreendendo o universo. A função aprimorada da única natureza essencial real manifesta-se, respondendo a desenvolvimentos sem convenção. Funcionando completamente sem esforço, totalmente vivo sem iniciativa, isto é expedientemente chamado o método de concentração de compaixão. Isto é o terceiro axioma do Zen.

KUEI-CH'EN

Dizeres

NÃO BAIXEIS AS CABEÇAS e penseis; o pensamento não pode alcançar. Se então disserdes que não precisáveis ser discernentes, compreendeis o suficiente para expressá-lo em palavras? Onde começareis o vosso discurso? Tentai dizer.

Há algo que vos pode aproximar mais? Há algo que vos pode afastar mais? Há algo que vos pode tornar iguais? Há algo que vos pode tornar diferentes? Então por que vos dais particularmente a tanto trabalho? É porque sois fracos e vos falta caráter, guardando ansiosamente a faculdade conceptual, com medo que as pessoas vos questionem.

Eu sempre digo, se tiverdes alguma iluminação, então revelai-a sem qualquer sentido de outros ou de si próprio; eu verificá-la-ei por vós.

Por que não aceitais o que está mesmo à mão? Não tomeis uma poça por um oceano. O Budismo permeia o universo; não cometais o erro de

definir subjetivamente conhecimento e visões no vosso pequeno coração e traçar os limites ali. Isto é percepção e cognição, pensamento e sentimento. E, no entanto, não é que isto esteja errado; mas se acenardes aqui e disserdes que encontrastes a verdadeira realidade, então não a tendes.

Agora, quanto ao antigo ditado “Só eu posso saber” — qual é esta perspectiva? Sabeis? Não é “Vós vedes-me, eu vejo-vos”? Não mal-entendido! Se fosse este eu, o eu vai junto com nascimento e morte: enquanto o corpo existe, está lá; mas quando o corpo já não existe, não está lá. É por isso que os antigos budas disseram, para o bem de vós pessoas de hoje, a diferença produz diferenças; quando não há diferença, as diferenças desaparecem.

Não tomeis isto de ânimo leve; o assunto do nascimento e da morte é sério. Se não evaporardes esta massa, haverá muita discórdia onde quer que estejais; se não romperdes som e forma, o mesmo será verdade para sensação, percepção, condicionamento e consciência. Mesmo se os vossos ossos estiverem a sobressair, não digais que os cinco agregados são originalmente vazios. Não depende da vossa reivindicação de ter entendido o vazio. É por isso que se diz que deveis pessoalmente atingir a penetração, e tendes de ser genuinamente autênticos.

Eu não sou o primeiro a falar assim. Os antigos sábios informaram-vos do que chamaram o tesouro esotérico indestrutível de luz inconcebível. Ele cobre o universo inteiro, dando nascimento ao ordinário e nutrindo o santo, permeando todo o tempo. Quem não o tem? Então em quem mais dependeríeis?

Assim os budas, na sua compaixão, vendo-vos indefesos, abriram a porta da metodologia expedita, apontando as características da verdadeira realidade. Agora estou a usar método expedito; compreendeis? Se não compreenderdes, não inventeis maravilhas na vossa faculdade conceptual.

FA-YEN

Dez Diretrizes para Escolas Zen Prefácio Próprio do Autor

EU LIVREI-ME DA GAIOLA de emaranhados na juventude e cresci ouvindo os essenciais do Ensino, viajando por aí chamando mestres por quase trinta anos. As escolas Zen, em particular, são generalizadas,

mais numerosas no Sul. No entanto, poucos nelas chegaram à realização; tais pessoas são raramente encontradas.

De qualquer forma, mesmo que o princípio numenal seja uma questão para entendimento súbito, as atualidades devem ser realizadas gradualmente. Os métodos de ensino das escolas têm muitas técnicas, claro, mas na medida em que são para lidar com pessoas para o seu benefício, o objetivo final é o mesmo.

Se, no entanto, as pessoas não tiverem experiência das doutrinas dos ensinamentos, é difícil romper a discriminação e a subjetividade. Galopando visões corretas por estradas erradas, misturando inconsistências em significados importantes, enganam pessoas das gerações seguintes e entram inanes em círculos viciosos.

Eu medi isto, e é bastante profundo; fiz o esforço para me livrar disto, mas não tive sucesso completo. A mentalidade que bloqueia os trilhos só cresce mais forte; a corrente intelectual subjacente não é útil.

Onde não há palavras, falo à força; onde não há dogma, sustento fortemente certos princípios. Apontando defeitos nas escolas Zen, explico brevemente dez assuntos, usando palavras críticas de erros específicos para resgatar uma era da decadência.

1. Sobre a Assunção Falsa de Mestre Sem Ter Limpo o Próprio Terreno Mental

O ensino do terreno mental é a base do estudo Zen. O que é o terreno mental? É a grande consciência daqueles que chegam à talidade.

Desde nenhum início, um momento de confusão confundindo coisas com si próprio, o desejo e a cobiça inflamam-se, e flui nas ondas do nascimento e da morte. O brilho da consciência é ofuscado, coberto pela ignorância; rotinas de comportamento empurram-vos, por isso não podeis ser livres.

Uma vez perdida a condição humana, não a podeis restaurar. É por isso que os budas emergiram no mundo com tantos métodos expeditos; se vos prenderdes a expressões e perseguirdes palavras, caireis de volta no eternalismo ou niilismo. Através da compaixão dos mestres Zen, o selo mental foi comunicado puro, para que as pessoas pudessem transcender o ordinário e o sagrado de uma vez, sem passar por etapas; apenas as fazia despertar por si próprias e cortar a raiz da dúvida para sempre.

Pessoas de tempos recentes levam muito de ânimo leve. Podem entrar em comunas, mas são preguiçosas em perseguir inquérito intenso. Mesmo se desenvolverem concentração, não selecionam um verdadeiro mestre; através dos erros de falsos mestres, como eles perdem a direção para o eterno. Não compreenderam as faculdades e campos dos sentidos, por isso têm entendimentos falsos que os levam a estados iludidos, onde perdem a base verdadeira completamente.

Preocupados apenas em lutar apressadamente pela liderança, são falsamente chamados mestres; enquanto valorizam uma reputação vazia no mundo, como podem considerar o facto de que trazem mal sobre si próprios? Não só ensurdecem e cegam pessoas de tempos posteriores, mas também causam a degeneração do ensino atual. Tendo subido ao alto e amplo assento de um mestre espiritual, em vez disso deitam-se em camas de ferro, sofrendo a vergonha final de Chunda [cujas ofertas causou a morte de Buda], forçados a beber cobre derretido.

Cuidado! Não é bom ser complacente consigo próprio. A punição consequente de caluniar o Grande Veículo não é menor.

2. Sobre Sectarismo Facciosos e Falha em Penetrar Controvérsias

O fundador Zen não veio da Índia para a China porque há algo a ser transmitido. Ele apenas apontou diretamente para a mente humana para a percepção da sua essência e realização do despertar. Como poderia haver um estilo sectário a ser valorizado?

No entanto, os ensinamentos provisórios criados pelos guias para a fonte tinham diferenças e consequentemente vieram a diferir uns dos outros. Por exemplo, os dois mestres Hui-neng e Shen-hsiu tinham o mesmo mestre, mas as suas percepções e entendimentos diferiam. Daí o mundo se referir a eles como a Escola do Sul e a Escola do Norte.

Uma vez que Hui-neng se foi, havia dois mestres, Hsing-ssu e Huai-jang, que continuaram o seu ensino. Hsing-ssu ensinou Hsi-ch'ien, e Huai-jang ensinou Ma-tsu. Ma-tsu também foi chamado Chiang-hsi, e Hsi-ch'ien também foi chamado Shih-t'ou.

Destes dois ramos divergiram linhagens individuais, cada uma ocupando uma região. O fluxo das correntes originais não pode ser registado na íntegra. Quando chegou a Te-shan, Lin-chi, Kuei-shan e Yang-shan, Ts'ao-shan e Tung-shan, Hsueh-feng, Yun-men, e assim por diante, cada escola tinha estabelecido dispositivos, com gradações mais altas e mais baixas.

Mas quando se tratou de continuação, os seus descendentes mantiveram seitas e faccionaram as suas ancestrais. Não se baseando na realidade, eventualmente produziram muitos desvios, contradizendo e chocando uns com os outros, de modo que o profundo e o superficial se tornaram indistinguíveis.

Infelizmente, ainda não realizam que o Grande Caminho não toma lados; correntes de verdade são todas do mesmo sabor. Estes sectários espalham embelezamentos no espaço vazio e espetam agulhas em ferro e pedra, tomando disputas por superconhecimento e bater de lábios por meditação. Pontas de espada de aprovação e desaprovação surgem, e montanhas de egotismo para com os outros erguem-se altas. Na sua raiva tornam-se monstros, as suas visões e interpretações ultimately transformando-os em outsiders. A menos que encontrem bons amigos, dificilmente poderão sair do porto da ilusão. Trazem maus resultados, mesmo de boas causas.

3. Sobre Ensinar e Pregar Sem Conhecer a Linhagem Sanguínea

Se quiserdes expor o veículo para a fonte e trazer os essenciais do Ensino, a menos que conheçais a linhagem sanguínea, tudo o que estais a fazer é propagar erradamente heresias.

Neste contexto, há primeiro exaltar e depois sustentar, criticar, ou louvar doutrinas, quebrar o ímpeto do intelecto. Quando se está no comando de executar o imperativo do Zen, avivar e matar estão nas vossas mãos.

Por vezes fica-se como uma parede de uma milha de altura, totalmente inacessível, ou por vezes pode-se consentir em soltar temporariamente e seguir as ondas. Como um rei manejando uma espada, o ideal é atingir autonomia.

Função ativa é uma questão de timing apropriado; concede-se ou priva-se como um grande general. Ondas saltam, picos elevam-se, relâmpagos piscam, e vento corre; o rei elefante passeia, o verdadeiro leão ruge.

Vemos frequentemente aqueles que não avaliam a sua própria força mas roubam as palavras de outros. Sabem soltar mas não sabem recolher; podem ter avivar, mas não têm matar. Não distinguem servo de mestre ou verdadeiro de falso; insultam os antigos e enterram a essência do Zen.

Todos calculam e calculam nas suas faculdades conceptuais, especulando e procurando dentro de elementos compostos de mente e

matéria. Como são ignorantes da iluminação mesmo à frente dos olhos, atingem apenas insight de imitação.

Como poderia ser uma questão fácil erguer o estandarte do ensino numa base não-abidante, pregar no lugar de Buda? Não vistes como o grande mestre Yun-men disse: “Em toda a China é difícil encontrar alguém que possa trazer uma declaração”? E não vistes como o Mestre Huang-po disse: “O Grande Mestre Ma produziu mais de oitenta mestres; quando questionados, cada um falava fluentemente, mas apenas o Mestre Lu-shan vale algo”?

Assim sabemos que quando se assume esta posição, se se entender como dar direção e orientação, então é-se um mestre Zen completo. Como sabemos isto? Não vistes como um antigo disse: “Conhece o solo pelos rebentos; conhece as pessoas pelo que dizem”? Já se revela de uma vez mesmo ao piscar os olhos e erguer as sobrancelhas; quanto mais em ser um exemplo. Como poderia não ser cauteloso?

4. Sobre Dar Respostas Sem Observar Tempo e Situação e Não Ter o Olho da Fonte

Qualquer um que queira ser um guia para a fonte primeiro distingue o falso do verdadeiro. Uma vez distinguido o falso e o verdadeiro, é essencial que o tempo e a situação sejam compreendidos. É, além disso, necessário falar com o olho da fonte, capaz de fazer um ponto e responder sem inconsistência.

Assim, embora não haja nada pessoal numa declaração, ainda fazemos uso provisório de discernimento do objetivo dentro das palavras. O Ts’ao-Tung tem “bater e chamar” para a sua função, o Lin-chi tem “intercâmbio” para o seu trabalho; Yun-men “contém, cobre e corta os fluxos”; enquanto o Kuei-Yang silenciosamente combina quadrado e redondo. Como um vale ecoando melodias, como talismãs combinando num passe, embora diferentes nas suas maneiras, isso não inibe a sua integração fluida.

Em gerações recentes, mestres Zen perderam a base; estudantes não têm orientação. Combinam inteligências egotisticamente e tomam o que é efêmero por um attainment. Onde está o coração para guiar os outros? Já não ouvimos de conhecimento para destruir falsidade. Bastonadas e gritos ao acaso, dizem que estudaram Te-shan e Lin-chi; apresentando símbolos circulares uns aos outros, afirmam que compreenderam profundamente Kuei-shan e Yang-shan.

Como não manejam a fonte que tudo abrange nas suas respostas, como podem conhecer o olho essencial nas suas ações? Enganam os jovens e enganam os sábios. Verdadeiramente trazem o riso de observadores objetivos e chamam calamidade sobre o seu estado presente. É por isso que o Iluminado da Noite disse: “Se não quiserdes incorrer em karma infernal, não calunieiis o verdadeiro ensino de Buda.”

Pessoas como esta não podem ser todas informadas. Apenas deixam a herança dos seus mestres sem insight próprio. Não tendo base na qual confiar, a sua consciência inquieta é incerta. Apenas devem ser piedosos, mas é difícil informá-los disto.

5. Sobre Discrepância entre Princípio e Facto, e Falha em Distinguir Defilement e Pureza

As escolas dos iluminados sempre incluem tanto princípio como facto. Factos são estabelecidos com base no princípio, enquanto o princípio é revelado por meio de factos. Princípios e factos complementam-se uns aos outros como olhos e pés. Se tiverdes factos sem princípio, ficais presos na lama e não podeis passar; se tiverdes princípio sem factos, sereis vagos e sem recurso. Se quiserdes que sejam não-duais, é melhor que sejam completamente fundidos.

Tomai o exemplo da maneira da Casa de Ts’ao-Tung: eles têm o relativo e absoluto, luz e escuridão. O Lin-chi tem anfitrião e hóspede, substância e função. Embora os seus ensinamentos provisórios não sejam os mesmos, as suas linhagens sanguíneas comungam. Não há um que não inclua os outros; quando mobilizados, todos são convocados. É também como a Contemplação do Reino da Realidade, que discute tanto princípio noumenal como facto fenomenal, refutando tanto solidez inerente como vazio.

A natureza do oceano é ilimitada, no entanto está contida na ponta de um cabelo; a montanha polar é enorme, no entanto pode ser escondida numa semente. Certamente não é a percepção de santos que a torna assim; o design da realidade é exatamente assim. Não é exibição milagrosa de poderes sobrenaturais, nem forçados apelidos de algo falso por natureza. Não é para ser buscado de outro; tudo vem da criação da mente.

Budas e seres sencientes são iguais, por isso se não realizardes esta verdade, haverá discussão ociosa, causando que o defiled e o puro sejam indistinctos e o verdadeiro e o falso sejam indiferenciados. Relativo e absoluto ficam presos no intercâmbio; substância e função

misturam-se na espontaneidade. Isto é descrito nestes termos: “Se uma única coisa não for clara, poeira fina cobre os olhos.” Se não puderdes eliminar a vossa própria doença, como podeis curar as doenças dos outros? Deveis ser mais cautelosos e thoroughgoing; certamente não é uma questão trivial.

6. Sobre Julgamento Subjetivo de Dizeres Antigos e Contemporâneos Sem Passar por Clarificação

Uma vez que as pessoas se juntaram a uma associação para estudo intensivo, devem selecionar um mestre e então associar-se com bons companheiros. Um mestre é necessário para apontar a estrada; companheiros são valiosos para refinamento. Se só quiserdes auto-entendimento, então como podeis liderar estudantes mais jovens e trazer o ensino da escola? Onde está a vontade para lidar com pessoas para o seu benefício?

Observai como os dignos do passado atravessaram montanhas e mares, não recuando da morte ou vida, pelo bem de um ou dois ditados. Quando havia o menor matiz de dúvida, o assunto tinha de ser submetido a discernimento certo; o que queriam era clareza distinta. Primeiro tornando-se padrões de verdade versus falsidade, agindo como olhos para a humanidade e os anjos, só depois disso erguiam o selo da escola no alto e circulavam o verdadeiro ensino, trazendo os direitos e erros de gerações anteriores, pressionando casos inconclusivos.

Se fizerdes o vosso próprio julgamento subjetivo do passado e presente sem ter passado por purificação e clarificação, como é isso diferente de realizar uma dança de espada sem ter aprendido a manejar uma espada, ou tolamente contar com atravessar um poço sem o ter medido? Podeis evitar cortar a mão ou cair?

Aquele que escolhe bem é como um ganso rei escolhendo leite da água; aquele que escolhe mal é como uma tartaruga sagrada deixando rastros. Especialmente neste contexto, onde há atividade negativa e positiva e expressão de intercâmbio mútuo, vir à vida de uma forma que se torna mórbida é relegar o absoluto ao relativo. Não é certo dar rédea solta à mente indisciplinada e usá-la como está para tentar sondar o significado dos sábios. Isto é especialmente verdade à luz do facto de que a essência do ensino de uma palavra tem miríades de métodos de estabelecer ensinamentos. Podemos não ser cautelosos disto, para prevenir oposição?

7. Sobre Memorizar Slogans Sem Ser Capaz de Função Subtil Atendendo às Necessidades do Tempo

Não é que não haja orientação para estudantes de insight transcendente, mas uma vez que tenhais orientação, é essencial que função expandida apareça realmente; só então tendes um pouco de realização íntima. Se apenas vos prenderdes a uma escola e memorizardes slogans, não é iluminação penetrante de todo, mas mero conhecimento intelectual.

É por isso que os antigos disseram: “Quando a vossa visão iguala a do vosso mestre, tendes menos de metade da virtude do vosso mestre. Só quando a vossa visão está além do vosso mestre podeis trazer o ensino do mestre.” O Sexto Patriarca, além disso, disse ao Ancião Ming: “O que vos disse não é algo secreto; o secreto está dentro de vós.” E Yen-t’ou disse a Hsueh-feng: “Tudo flui do vosso próprio coração.”

Assim sabemos que falar, bastonar e gritar não dependem de legado de um mestre; como poderia a função maravilhosa, livre em todos os sentidos, demandar assentimento de outro?

Quando os degradais, pérolas e ouro perdem a sua beleza; quando os prezeis, cacos e pedras brilham. Se ides quando e como deveis ir, princípio e facto são ambos dominados; se agirdes quando e como deveis agir, não há o menor erro.

O material de um homem real não é para mariquinhas. Não sejais um literalista servil e predeí-vos a expressões verbais como se esta fosse a maneira do Zen, ou batei os lábios e gengivas como se isto fosse entendimento sublime. Isto não pode ser penetrado por linguagem ou conhecido por pensamento. Sabedoria surge na aldeia do nada infinito; espiritualidade encontra-se no reino da insondabilidade. Onde dragões e elefantes pisam não está na capacidade de burros.

8. Sobre Falha em Dominar as Escrituras e Adduzir Provas Erradamente

Quem quiser trazer o veículo do Zen e citar as doutrinas do Ensino deve primeiro entender o que Buda quis dizer, então acordar com a mente dos mestres Zen. Só depois disso podeis trazê-los e pô-los em prática, comparando graus de proximidade.

Em contraste, se não conhecerdes as doutrinas e princípios mas apenas vos prenderdes a uma metodologia sectária, quando adduzirdes provas prontamente mas erradamente, trareis calúnia e crítica sobre vós próprios.

No entanto, o cânone de sutras não é nada além de apontar rastros; o Veículo Superior completo de uma vez é apenas como um poste de sinal. Mesmo se puderdes entender cem mil concentrações e doutrinas e métodos incontáveis, só aumentais o vosso próprio toil e não chegais à questão.

O que é mais, compreendendo o provisório e retornando ao absoluto, reunindo as excrescências de volta à fonte, não admitindo um único átomo no reino de pureza absoluta enquanto não rejeitando nada na metodologia de atividade iluminada, inevitavelmente decidindo o caso com base nos factos, chegando à substância e removendo as complicações, não tem conexão alguma com a fonte do Zen.

Há muitos grandes pessoas que são especialistas nas escrituras, verdadeiros devotos de amplo conhecimento dos antigos, que ostentam a sua eloquência como lâminas afiadas e expõem a sua riqueza de aprendizado como stocks num armazém; quando chegam aqui, devem ser ensinados a ficar quietos e silenciosos, para que a estrada da fala não possa ser estendida. Descobrimos que toda a sua memorização de palavras e frases tem sido uma conta de tesouros de outros, pela primeira vez acreditarão na especialidade do Zen, que é a transmissão separada fora da doutrina.

Jovens devem não se atolarem, incorrendo no ridículo de outros e desgraçando o caminho do Zen. Não digais que não precisais de cultivo, ou considereis um pouco suficiente. Como nem sequer entendeis as excrescências, como podeis realizar a raiz?

9. Sobre Indulgir em Compor Canções e Versos Sem Considerar Métrica e Sem Ter Chegado à Realidade

Há muitos estilos de canção e verso no Zen; alguns curtos, alguns longos, alguns modernos, alguns antigos. Usam som e forma para revelar aplicação prática, ou invocam eventos para expressar estados. Alguns seguem princípio para falar de realidade; alguns opõem-se à tendência dos assuntos para retificar costumes e morais.

Assim, embora as suas abordagens sejam diferentes — o que é inevitável, pois as suas inspirações eram diferentes — todos trazem a grande causa. Juntos exaltam as meditações de Buda, inspirando estudantes de tempos posteriores e criticando as pessoas inteligentes de tempos anteriores. Em cada caso, o significado principal está nas palavras, então como poderia ser próprio compô-las arbitrariamente?

Por vezes vejo mestres Zen estabelecidos e estudantes avançados de meditação que consideram canções e versos como atividades de lazer e consideram composição como uma questão trivial. Cuspiram o que sentem, e em muitos casos as suas obras são semelhantes a ditados vulgares. Compostas por impulso, são apenas como conversa comum.

Estas pessoas dizem de si próprias que não se preocupam com grosseria e não são exigentes sobre sujeira; assim tentam sugerir que as suas são palavras além da convenção mundana, publicitando-as como ouvir de volta a verdade última. Os conhecedores riem em derisão quando as leem, enquanto tolos acreditam nelas e circulam-nas. Causam que os princípios dos nomes gradualmente desapareçam, e adicionam à fraqueza crescente das escolas doutrinárias.

Não vistes as dezenas de milhares de versos da Escritura do Ornamento Floral e os milhares de poemas dos mestres Zen? Ambos são profusos e vívidos, com linguagem elegante; todos são refinados e puros, sem enchimento. Dificilmente são os mesmos que imitação de costumes mundanos com todas as suas bugigangas.

Para a escrita ser uma vereda em tempos posteriores e verdadeira nas bocas das multidões, ainda é necessário estudar precedentes, e então é essencial adequá-la à ocasião. Se acontecer terdes pouca habilidade natural, então sede natural e contentai-vos com simplicidade; por que fingir genialidade ou aspirar a brilho intelectual?

Se cuspires inanidades vulgares, perturbais a influência do Caminho. Tecendo equívocos miseráveis, causais problemas. Falsidades não convincentes aumentarão desgraça posterior.

10. Sobre Defender as Próprias Falhas e Indulgir em Contenção

Como a terra está cheia de comunas religiosas e as sociedades Zen são extremamente numerosas, com comunidades não menos de meio milhar reunidas ali, não há um ou dois a trabalhar para o avanço do Ensino?

Há algumas pessoas entre elas que abraçam o Caminho, pessoas de conduta pura, que concordam em ir temporariamente com os sentimentos da comunidade e exercer a sua força para continuar o ensino Zen, reunir colegas de todo o lado, e estabelecer um local de iluminação numa região. Com questionamento matinal e assembleia noturna, não fogem à labuta e dificuldades, querendo apenas continuar a vida de sabedoria dos budas, guiando iniciantes.

Não o fazem pelo bem de aumentar fama ou por ganância de lucro e apoio; em vez disso, como um sino soando quando batido, dispensam remédio quando encontram doença. Derramando a chuva do Ensino, não têm viés para grande ou pequeno; enquanto soam o trovão do Ensino, longe e perto todos respondem. A sua prosperidade ou austeridade varia naturalmente, a sua atividade e ocultação diferem; mas isto não é por causa de escolha ou por apego e rejeição.

Há aqueles que herdam sucessão por bajulação, que detêm posição roubando posição e então afirmam ter atingido o veículo mais alto e ter transcendido coisas mundanas. Defendem as suas próprias falhas e derogam as forças dos outros. Brincando em casulos de ignorância, fazer estalidos com os lábios à frente de mercados de carne. Enfatizando o seu poder temporal, orgulham-se de loquacidade.

Fofocam e chamam isso compaixão; são desleixados e chamam isso virtude em ação. Violando proibições e preceitos budistas, abandonando a dignidade da comunidade religiosa, depreciam os Dois Veículos e dispensam erradamente os três estudos. O que é mais, falham em investigar o grande assunto, no entanto aprovam-se a si próprios como mestres.

Assim, no fim da era da imitação, os demónios são fortes e o Ensino é fraco. Usam o manto de retidão do Buda para roubar a benevolência e a dignidade dos reis. As suas bocas falam da base da libertação, mas as suas mentes brincam com as obsessões de fantasmas e espíritos. Como não têm vergonha nem consciência, como podem evitar o malfeito?

Agora expus estas pessoas para alertar as pessoas no futuro. Encontrar uma oportunidade para a sabedoria não é uma questão pequena; escolher um mestre é o mais difícil. Se puderdes assumir a responsabilidade vós próprios, eventualmente realizareis o potencial máximo. Estou a dispensar à força um medicamento impressionante, disposto a ser sujeito a calúnia e ódio, para que as pessoas no mesmo caminho possam ser assistidas no despertar.

YUNG-MING

Cultos Falsos

POR CAUSA DA IGNORÂNCIA das qualidades da natureza inerente, as pessoas falham em compreender a verdadeira fonte. Abandonando a iluminação, seguem os pós, desistindo da raiz pelos ramos. Ficam

presas na teia demoníaca do ser e do não-ser, e vagueiam na floresta de erros da unidade e da diferença. Tentando dominar o vazio verdadeiro, alienam-se da natureza da realidade; baseados no surgimento e desaparecimento dos dados sensoriais, seguem o ser e o nada dos objetos. Agarrando-se ao niilismo, confundidos pelo eternalismo, perseguem o condicional e esquecem o essencial. Desenvolvendo erroneamente interpretação intelectual, cultivam a prática de forma errada.

Alguns amaciam o espírito, nutrem a energia e preservam a naturalidade. Alguns torturam o corpo, mortificando a carne, e consideram isso o caminho ultimo.

Alguns agarram-se ao não-apego e ficam enraizados no ambiente imediato. Alguns suprimem a mente errante em busca de meditação quieta.

Alguns livram-se de sentimentos e negam fenômenos para estabilizar o vazio. Alguns agarram-se a reflexos, envolvem-se em objetos e abraçam formas.

Alguns extinguem o verdadeiro brilho da fonte espiritual. Alguns eliminam a verdadeira base causal dos princípios budistas.

Alguns cortam a consciência e congelam a mente, experimentando um estado inanimado em consequência. Alguns limpam a mente e ignoram a matéria, permanecendo como resultado num tipo de estado celestial em que é difícil tornar-se iluminado.

Alguns agarram-se a fantasmas, agarrando-se à sua existência. Alguns tornam-se niilistas completos.

Alguns eliminam todas as visões e habitam em quartos escuros. Alguns insistem na percepção e habitam na cognição.

Alguns consideram ter consciência como a forma do verdadeiro Buda. Alguns imitam a insensibilidade, como madeira ou pedra.

Alguns agarram-se à ilusão como se fosse o mesmo que a realização ultimo, como considerar o barro em si como um jarro. Alguns buscam caminhos de libertação erradamente focados, como buscar água enquanto rejeitam ondas.

Alguns apressam-se para fora e na ilusão produzem estados de sonho. Alguns mantêm-se na interioridade e vivem em solenidade, abraçando a ignorância.

Alguns dedicam-se à unidade e consideram tudo o mesmo. Alguns veem diferenças e definem reinos de realidade individuais.

Alguns mantêm-se na não-discriminação ignorante e consideram isso o Grande Caminho. Alguns valorizam a noção de vazio e consideram a negação do bom e do mau como verdadeira prática.

Alguns interpretam o inconcebível como vazio insensato. Alguns entendem a verdadeira bondade e forma subtil como realmente existentes.

Alguns param os funcionamentos mentais e cortam pensamentos, como anjos com mentes poluídas. Alguns contemplam com consciência e atenção, caindo dentro dos limites da avaliação intelectual.

Alguns falham em investigar a natureza da ilusão, interpretando-a como o início desconhecido. Alguns são ignorantes da substância ilusória e fazem uma religião do nada.

Alguns reconhecem reflexos como realidades. Alguns buscam a realidade enquanto se agarram à falsidade.

Alguns reconhecem a natureza da percepção como uma coisa viva. Alguns apontam para objetos ilusórios como inanimados.

Alguns entretêm ideias voluntariamente e afastam-se do conhecimento silencioso. Alguns cortam pensamentos e assim faltam à função iluminada.

Alguns perdem de vista as qualidades naturais e concebem visões de matéria e mente. Alguns confiam no vazio ultimo e desenvolvem uma atitude niilista.

Alguns agarram-se ao princípio universal e abandonam imediatamente o adorno. Alguns interpretam mal o ensino gradual e tornam-se ativistas fanáticos.

Alguns desprendem-se de objetos confiando na essência mas fortalecem o apego ao eu. Alguns ignoram tudo e mantêm-se na ignorância.

Alguns decidem que pessoas e fenómenos são como são naturalmente, e caem na ideia de que não há causalidade. Alguns agarram-se à combinação de objetos e intelecto e concebem a noção de causalidade coletiva.

Alguns agarram-se à mistura de mente e objetos, confundindo atualidades subjetivas e objetivas. Alguns agarram-se a distinguir

absoluto e convencional, presos na tolice da obstrução pelo conhecimento.

Alguns aderem à unidade imutável, assim caindo no eternalismo. Alguns determinam o movimento de origem, permanência, decadência e nada, assim afundando no niilismo.

Alguns agarram-se ao não-cultivo e assim dispensam as fileiras de sábios. Alguns dizem que há realização, e assim afastam-se da realidade natural.

Alguns deleitam-se no ambiente e nas suas próprias pessoas, assim seguindo as rotinas do mundo. Alguns rejeitam a vida e a morte e assim perdem a verdadeira libertação.

Alguns, interpretando mal o vazio verdadeiro, dedicam-se a causas e obcecaram-se com resultados. Alguns, ignorantes da realidade último, anseiam pela iluminação e desprezam a confusão.

Alguns agarram-se a declarações expeditas, mantendo-as como verdade literal. Alguns perdem a realidade da expressão verbal e buscam o silêncio à parte das palavras.

Alguns dedicam-se a métodos doutrinários e desdenham a meditação espontânea. Alguns promovem contemplações meditativas e repudiam os dispositivos de medição do ensino completo.

Alguns competem em ser extraordinários enquanto só se preocupam com status, afundando subitamente no mar do conhecimento. Alguns inventam pureza para descobrir segredos escondidos, em vez disso ficando presos dentro de um reino de sombras.

Alguns produzem interpretações intelectuais extraordinárias, escavando carne e produzindo feridas. Alguns habitam na pureza essencial original mas agarram-se ao medicamento para que se torne insalubre.

Alguns perseguem a literatura, procurando significados, e acabam bebendo uma inundação. Alguns mantêm-se na quietude e vivem em isolamento, sentando-se na poeira do dogma.

Alguns discutem o Grande Veículo sem forma com a ideia de obter algo. Alguns buscam a verdade mística fora das coisas por meio de pensamentos calculadores.

Alguns rejeitam explicação e concebem a noção de não-verbalização absoluta. Alguns mantêm a explicação e invocam a crítica de se agarrar ao dedo que aponta.

Alguns aprovam a função ativa e permanecem na raiz fonte do nascimento e da morte. Alguns concentram-se na memorização, habitando dentro dos limites do pensamento consciente.

Alguns perdem a essência da consciência completa por modificação e ajuste. Alguns deixam ser o que for, e faltam a um método de entrar no caminho.

Alguns iniciam esforços físicos e mentais enérgicos e demoram-se na maquinação. Alguns mantêm-se em deixar ser sem preocupação e afundam na escravidão do insight.

Alguns concentram-se em focar pensamentos e contemplar diligentemente, assim perdendo a receção correta. Alguns imitam a liberdade desinibida e desistem do cultivo.

Alguns seguem compulsões vinculantes enquanto presumem sobre o vazio intrínseco. Alguns agarram-se à escravidão e tentam eliminá-la arbitrariamente.

Alguns são tão sérios que desenvolvem apego à religião. Alguns são tão frívolos que arruínam a base da iluminação.

Alguns buscam tão agressivamente que se afastam da mente original. Alguns afrouxam e tornam-se descuidados.

Alguns faltam realismo, a sua fala e a sua realização diferindo. Alguns violam o veículo da iluminação pela disparidade do ser e da ação.

Alguns mantêm-se na tranquilidade, habitando no vazio, assim perdendo a natureza da grande compaixão. Alguns ignoram condições e rejeitam o temporal, assim perdendo a porta da naturalidade.

Alguns agarram-se à noção de eu, assim sendo ignorantes do vazio da pessoa. Alguns confundem a experiência imediata e endurecem o apego à doutrina.

Alguns interpretam sem ter fé, aumentando visões falsas. Alguns têm fé mas não entendimento, aumentando a ignorância.

Alguns afirmam o subjetivo mas negam o objetivo. Alguns alegam que estados são profundos enquanto o conhecimento é superficial.

Alguns confundem-se sobre a natureza das coisas pelo apego. Alguns afastam-se da realidade imediata pela rejeição.

Alguns violam a causa por causa do desprendimento. Alguns esquecem consequências por causa do apego.

Alguns repudiam a realidade pela negação. Alguns arruinam expedientes temporários pela afirmação.

Alguns odeiam a ignorância mas assim viram as costas à porta do conhecimento imutável. Alguns desagradam estados variados mas assim destroem a absorção na natureza da realidade.

Alguns baseiam-se no princípio da igualdade mas assim desenvolvem presunção. Alguns dispensam diferenciações, assim destruindo os métodos de técnicas expeditas.

Alguns afirmam a iluminação mas repudiam o ciclo do verdadeiro ensino. Alguns negam seres sencientes e repudiam o verdadeiro corpo de Buda.

Alguns agarram-se ao conhecimento básico e negam a sabedoria expedita. Alguns perdem a verdadeira fonte e agarram-se a métodos temporários.

Alguns demoram-se no numeno, afundando num poço de inação. Alguns agarram-se a fenómenos, atirando-se à rede da ilusão.

Alguns aniquilam fronteiras e obliteram rastros, afastando-se da porta da iluminação dual. Alguns mantêm a retidão, mantendo-se no centro, mas perdem o sentido da técnica expedita.

Alguns cultivam concentração ou insight de forma unilateral, sem equilíbrio, assim apodrecendo os rebentos do caminho. Alguns executam votos sozinhos, enterrando a família dos iluminados.

Alguns trabalham na prática da inação para cultivar iluminação fabricada. Alguns agarram-se à mente do não-apego, aprendendo insight de imitação.

Alguns visam a pureza, interpretando mal a verdadeira natureza da contaminação. Alguns habitam no absoluto e perdem o vazio básico do mundano.

Alguns praticam contemplação sem forma, bloqueando a verdadeira talidade. Alguns concebem um sentido de saber mas assim afastam-se da essência da realidade.

Alguns agarram-se à explicação verdadeira mas desenvolvem visões literalistas. Alguns bebem o elixir da imortalidade mas morrem jovens.

Alguns são tão sinceros sobre o princípio da completude que desenvolvem uma atitude de apego aderente; bebem o néctar mas transformam-no em veneno.

O anterior foi uma breve nota de cento e vinte tipos de visões e entendimentos característicos de cultos falsos. Todos eles perderam a fonte e afastaram-se da mensagem essencial.

A Cooperação da Concentração e do Insight

No Zen e nos Ensinos há dois métodos, os mais honrados das miríades de práticas de dez perfeições. No início são chamados parar e ver, para ajudar novos aprendizes; mais tarde tornam-se concentração e sabedoria, raízes da iluminação.

Estes são apenas uma realidade, que parece ter duas partes. No silêncio da essência da realidade está o parar compreendendo a verdade; quando silencioso mas sempre consciente, o ver subtil está lá.

A concentração é o pai, o insight a mãe; podem conceber os mil sábios, desenvolvendo as suas faculdades e poderes, nutrindo o seu potencial sagrado, dando nascimento a budas e mestres Zen em cada momento de pensamento.

A concentração é o general, o insight o ministro; podem assistir o monarca da mente em atingir o inigualável, fornecendo para sempre meios para todos realizarem o Caminho, à maneira da iluminação dos antigos budas.

A concentração é como o luar brilhando tão intensamente que as estrelas do erro falso desaparecem. Se puderdes erguer o archote do conhecimento, tanto mais claro. Irrigando os rebentos da iluminação, remove a escravidão emocional.

O insight é como o sol brilhando, quebrando a escuridão da ignorância. É capaz de fazer com que o Zen dos ignorantes com visões falsas se transforme em sabedoria transcendente.

Um breve tempo de silêncio, um momento de quietude, gradualmente constroem-se em concentração correta. Os sábios, fazendo comparativamente pouco esforço, em última análise viram a essência subtil do pedestal do espírito.

Assim que ouvís mesmo um pouco do Ensino, pode influenciar o vosso subconsciente de tal forma que sementes de despertar se desenvolvem. No momento em que virais a luz da consciência, a cognição precisa abre-se; num instante podeis realizar o ensino de Buda assim.

O poder da concentração meditativa é inconcebível; muda o ordinário em sábios instantaneamente. Nascimento e morte ilimitados são assim cortados na raiz; o ninho de acumulados eras de labutas mundanas é destruído. Esta é a água que acalma a mente, a pérola que purifica a vontade; a sua luz engolfa miríades de formas, iluminando mil estradas.

Quando abris os vossos próprios olhos, não há obstruções; originalmente não há nada no mundo que constranja. Quando ladrões de atenção e reflexão são reprimidos oportunamente, então a doença da obsessão com objetos esclarece subitamente.

Lavando a sujidade de pensamentos e limpando a poeira da confusão revela o corpo da realidade e fortalece a vida da sabedoria. Como uma montanha imutável, como um mar quieto, mesmo se o céu virar e a terra virar, não sereis mudados. Brilhante como cristal imbuído de luar, sereno e desatado, sois independente.

Ninguém pode medir o insight da sabedoria; manifesta naturalmente a luz da mente de acordo com a ocasião. É o líder de miríades de práticas, o governante espiritual em todos os tempos. Evapora o oceano da miséria e estilhaça as montanhas da falsidade.

Quando as nuvens da ilusão se retiram completamente por um tempo, o ouro na casa da mulher pobre aparece de uma vez, e a pérola embutida na testa do lutador re-emerge. Cortando a teia da tolice, interrompendo o fluxo de desejos, o poder impressionante do grande herói não tem par; pode arrefecer as camas de ferro e estacas de cobre do inferno e causar que os resultados das ações de demónios e antagonistas cessem. Resolvendo disputas, cumprindo honra e justiça, em todo o lado mostra às pessoas a sabedoria dos budas. Conhecimento enviesado e pervertido é todo subordinado à fonte; tanto o menor como o maior recebem direção.

Cultivo unilateral de concentração é yin puro; corrói as pessoas e erode o sustento correto. Se usardes insight preciso para iluminar a meditação, todas as coisas serão naturalmente claras como um espelho.

Cultivo unilateral de insight é yang puro; murcha as pessoas e faz com que demorem no caminho. Deveis usar concentração subtil para ajudar o

exercício contemplativo, como a luz clara da lua removendo uma película de névoa.

Recomendo cultivo igual de concentração e insight, não prática unilateral. São originalmente uma entidade, não duas coisas. É como um pássaro voando pelo céu com duas asas, ou como uma carroça puxada por duas rodas. Assim no curso da vida ordinária subis à margem do despertar, depois navegaís o barco da compaixão no oceano do karma.

Há concentração no concreto, em que tudo é realizado colocando a mente num ponto. Há concentração no abstrato, em que se deve apenas olhar diretamente para a natureza essencial da mente.

Há contemplação do concreto, em que se esclarece as características das coisas e desenvolve julgamento. Há contemplação do abstrato, em que se realiza subitamente que não há Um e não há Além.

Na medida em que a concentração em si é insight, não são um, não dois, não qualquer cálculo da mente. Na medida em que o insight em si é concentração, não são o mesmo, não diferentes, além de olhar e ouvir.

Por vezes são operados juntos, para que sejais tranquilos mas perceptivos, penetrando o ensino do real. Por vezes ambos desaparecem; nem concentração nem insight, isto transcende padrões ordinários.

Entrar em concentração num átomo e surgir dela numa multidão de átomos é algo natural no contexto do insight transcendente. Enquanto absorvido no estado de uma criança, discutis as leis da realidade no estado de uma pessoa idosa.

Se puderdes ver num único objeto, todos os objetos são os mesmos; um átomo perto à mão ou uma terra distante — todos são compreendidos. Na estrada da verdadeira talidade, discorreis sobre nascimento e morte; no oceano da ignorância, expõe o religião completa. O olho pode fazer o trabalho iluminado do nariz; entrando em concentração num átomo de matéria, surgis da concentração num átomo de cheiro.

Mente e objetos são sempre os mesmos; são visões que diferem. Quem fala de não trabalhar no cultivo — ondas são originalmente água.

Nem silencioso nem brilhante, além de palavras e pensamento, mas tranquilo e perceptivo, efetivo sem comparação: temporal e verdadeiro ambos executados, abris a estrada correta; substância e função ajudando-se mutuamente, encarnais a mensagem subtil.

Exorto-vos a não desperdiçar tempo, pois é rápido como uma seta, veloz como um riacho. Distração é inteiramente devida à falta de concentração; estupidez e cegueira são causadas pela falta de verdadeiro conhecimento.

Palavras genuinamente verdadeiras devem ser admitidas nos ouvidos. Mil escrituras e dez mil tratados indicam a mesma coisa: o efeito total de concentração e insight nunca deve ser esquecido — num único momento retornais de uma vez ao estado de verdadeiro despertar.

A concentração precisa de prática; o insight precisa de aprendizado. Não deixeis que o pedestal espiritual seja ofuscado de todo.

Uma árvore massiva cresce de um rebento minúsculo; trabalho efetivo gradualmente acumulado produz valor e excelência. Mesmo um macaco que aprende concentração nasce num reino celestial; uma menina pequena, com um momento de pensamento, entra na porta do Caminho.

Quando puderdes ajudar-vos a vós próprios e também ajudar os outros, então causa e efeito são cumpridos; ninguém pode falar de fazer isto sem concentração e insight.

Glossário de Nomes Próprios, Termos Técnicos e Histórias Zen

Nomes Sânskritos

ANANDA Um dos principais discípulos de Buda, particularmente notado pelo aprendizado. Ver *Transmission of Light*, capítulo 3.

ARYADEVA Considerado o décimo quinto patriarca indiano do Zen, Aryadeva (também chamado Kanadeva) foi discípulo do grande filósofo budista Nagarjuna e também um metafísico distinguido. Ver *Transmission of Light*, capítulo 16.

AVALOKITESHVARA Um bodhisattva prototípico, ou ser iluminador. O nome significa literalmente “a capacidade de observação objetiva”. Esta figura representa a compaixão. Ver *The Flower Ornament Scripture*, páginas 1275–1279.

BRAHMA Um deus hindu, especialmente associado à criação.

DIPANKARA BUDDHA Também referido em chinês por uma tradução do nome, “Lamp”, Dipankara foi, de acordo com a tradição ilustrativa, um

buda de alta antiguidade em cuja presença Shakyamuni Buda foi originalmente inspirado a buscar o buddhahood.

INDRA “Rei dos deuses”, Indra é uma divindade hindu presidindo sobre trinta e três domínios celestiais.

MAHASTHAMAPRAPTA Um bodhisattva prototípico, representando poder espiritual, popular na tradição budista da Terra Pura. O nome significa “Imbuído de Grande Poder”.

MANJUSHRI Um bodhisattva prototípico, representando sabedoria e conhecimento. O nome significa “Glorioso”. Ver The Flower Ornament Scripture, livros 9 e 10.

NAGARJUNA Por vezes considerado o maior pensador budista depois de Buda, Nagarjuna é o autor da obra seminal sobre o vazio e o Caminho do Meio. Também se diz tradicionalmente que foi responsável por recuperar as escrituras Prajnaparamita e Avatamsaka de outro reino de consciência. Nagarjuna é tradicionalmente considerado o décimo quarto patriarca indiano do Zen e também um patriarca ou “santo padroeiro” do T’ien-t’ai, Terra Pura e Budismo Tântrico. Ver Transmission of Light, capítulo 15.

SAMANTABHADRA Um bodhisattva prototípico, “Bem Universal”, representando compromisso prático e ação. Também representa a totalidade do trabalho do bodhisattva. Ver The Flower Ornament Scripture, páginas 176–181 e 1503–1518.

SHAKYAMUNI Este nome refere-se a Gautama, o Buda histórico.

TATHAGATA Um epíteto de budas, significando aqueles que chegaram à talidade, ou realidade objetiva.

VAIROCHANA O primordial “Buda Sol Cósmico”, Vairochana representa a consciência pura ou o “corpo de luz”.

VIMALAKIRTI Uma figura escritural, um buda completamente iluminado que é também um chefe de família. Vimalakirti, cujo nome significa “Nome Puro” ou “Reputação Imaculada”, representa o Dharma em si. Ver The Blue Cliff Record, história 84.

YAJNADATTA Este nome refere-se a uma história ilustrativa comumente usada no Zen. Um homem chamado Yajnadatta olhou no espelho um dia e não viu o seu rosto. Não percebendo que o espelho tinha sido invertido e que estava a olhar para o lado traseiro não-refletivo, Yajnadatta correu em frenesi, pensando que tinha perdido a cabeça. Isto representa a

forma como tendemos a nos perder em objetos e influenciados por situações e assim esquecermos as nossas mentes reais e eus reais.

Nomes Chineses

GRAND MASTER MA Ma Tsu, um brilhante mestre do século VIII, discípulo de Huai-jang (q.v.) e mestre da maioria dos mestres Zen da geração seguinte. Ma Tsu e Hsi-ch'ien (Shih-t'ou) foram considerados os maiores mestres do seu tempo, e muitos dos seus alunos estudaram com ambos.

HSI-CH' IEN Mais comumente referido como Shih-t'ou. Um mestre proeminente do século VIII, autor do clássico inicial Ts'an T'ung Ch'i, ou "Integração da Diferenciação e Unidade".

HSING-SSU Um mestre do século VIII, discípulo de Hui-neng, o Sexto Patriarca do Zen de acordo com a contagem da Escola do Sul. Hsing-ssu foi o mestre de Shih-t'ou e é considerado o ancestral comum das Casas Zen de Ts'ao-Tung, Yun-men e Fa-yen.

HUAI-JANG Um mestre do século VIII, discípulo de Hui-neng, o Sexto Patriarca do Zen. Huai-jang foi o mestre de Ma Tsu e é considerado o ancestral comum das Casas Zen de Kuei-Yang e Lin-chi.

HUI-NENG O Sexto Patriarca ou Grande Mestre do Zen, de acordo com a contagem da Escola do Sul do Zen, que o seguiu e ultimately cresceu para predominância esmagadora sobre outras escolas de Zen, como a Escola do Norte e a Escola da Cabeça de Boi. De acordo com a tradição, Hui-neng, que morreu no início do século VIII, era um lenhador analfabeto que atingiu os graus mais altos de iluminação espontaneamente, através do "conhecimento que não tem mestre".

LI T'UNG-HSUAN Um budista leigo do século VIII especialista na escritura Avatamsaka ou Hua-yen, autor de um dos comentários mais famosos. Ver The Flower Ornament Scripture, apêndice 3.

LU-SHAN Mestre Zen Pao-yun, um sucessor do grande Ma Tsu do século VIII.

MA TSU Ver Grand Master Ma.

MASTER CHIH Pao Chih, um místico uncanny do século V ao VI, autor de poesia didática apreciada por budistas Zen; também figura em histórias didáticas.

SENG CHAO Um erudito e místico budista do século IV ou V, discípulo do famoso tradutor Kumarajiva, autor de vários ensaios unusual altamente estimados por estudantes Zen.

SHEN-HSIU Um mestre Zen do século VII, considerado o sexto patriarca do Zen de acordo com a Tradição do Norte.

SHIH-T'OU Ver Hsi-ch'ien.

SIXTH PATRIARCH Refere-se à Tradição do Sul: ver Hui-neng.

TE-SHAN Um mestre Zen do século IX, mestre do grande Hsueh-feng, ancestral da Casa Yun-men do Zen. Na lore Zen, Te-shan é representado como ocasionalmente acertando buscadores para os abalar de hábitos de pensamento em circuito fechado.

YEN-T'OU Um mestre unusual do século IX ao X, convencionalmente referido como sucessor de Te-shan; inspirou a iluminação final de Hsueh-feng.

Termos Técnicos

ERA DA IMITAÇÃO De acordo com a tradição budista, o ensino passa por três períodos gerais: verdadeiro, imitação e degenerado. Há diferentes contagens de epíclis históricos do ensino; aquele que coloca os mestres Zen clássicos da China no fim da era da imitação figura o ensino verdadeiro durando quinhentos anos, seguido por mil anos de ensino de imitação.

BODHISATTVAS Seres iluminadores; pode referir-se a pessoas dedicadas à iluminação universal, ou a seres supernos refletindo os princípios essenciais do Budismo.

AGREGADOS DE ELEMENTOS MENTAIS E FÍSICOS Forma, sensação, percepção, condicionamento e consciência.

ENSINO COMPLETO DE UMA VEZ O modo mais avançado de ensino e aprendizado, de acordo com a escola T'ien-t'ai do Budismo, em que a totalidade da verdade é representada como um todo e apreendida num modo não-sequencial.

CONCENTRAÇÃO E SABEDORIA Ingredientes essenciais da meditação Zen. Sem sabedoria, a concentração exagera e perpetua falhas de caráter; sem concentração, a sabedoria é instável e difícil de aplicar.

CONTEMPLAÇÃO DO REINO DA REALIDADE Um guia de contemplação seminal por Tu Shun (557–640), considerado o fundador da escola Hua-yen ou Ornamento Floral do Budismo na China, baseado na escritura com esse nome. O trabalho de Tu Shun também foi valorizado por budistas Zen. O trabalho em questão, com uma explicação detalhada por um mestre posterior, está traduzido na íntegra no meu *Entry into the Inconceivable: An Introduction to Hua-Yen Buddhism* (University of Hawaii Press, 1983).

OITO CONCENTRAÇÕES Um sistema de meditação consistindo nas quatro etapas de meditação (q.v.) mais as quatro attainments sem forma de absorção na infinidade do espaço, absorção na infinidade da consciência, absorção na infinidade do nada, e absorção em nem percepção nem não-percepção.

OITO ENSINOS Um esquema de classificação do Budismo T'ien-t'ai para englobar a diversidade total dos ensinamentos budistas dentro de um único quadro. Os Oito Ensinos referem-se a quatro níveis de doutrina e quatro modos de ensino. Os quatro níveis de doutrina são chamados Tripitaka, referindo-se aos ensinamentos elementares; Comum, referindo-se ao ensino do vazio comum a todos os bodhisattvas; Separado, referindo-se a ensinamentos unitários perceptíveis apenas por bodhisattvas superiores; e Completo, para os bodhisattvas mais altos, em que a totalidade da verdade é refletida de uma vez. Os quatro modos são gradual, súbito, não fixo e secreto.

ENFRENTAR UMA PAREDE Isto representa ignorância e incapacidade de lidar com diferenciação.

HEXAGRAMA DO FOGO Uma figura simbólica do antigo I Ching chinês. O trigramma do Fogo consiste em duas linhas sólidas com uma linha quebrada entre elas; o hexagrama do Fogo consiste em dois trigramas do Fogo, um em cima do outro. No uso Zen, esta figura simboliza a integração do relativo e do absoluto, e a integração dos modos discursivo e intuitivo de cognição através dos quais o relativo e o absoluto são discernidos.

CINCO TEMPOS Um esquema de classificação budista T'ien-t'ai, projetado para agrupar escrituras categoricamente de acordo com um tipo particular de ensino próprio a um tempo particular visionado na carreira de ensino de Buda. O primeiro tempo é o da Escritura do Ornamento Floral, quando Buda revelou pela primeira vez toda a sua iluminação após o seu despertar. O segundo tempo é chamado o dos

rasos, quando Buda retrocedeu para ensinar métodos elementares de autopurificação, em vista da incapacidade da vasta maioria de compreender o Ornamento Floral à primeira. O terceiro tempo é chamado o de repreensão, ou virar do pequeno para o grande. Isto é quando o apego à metodologia elementar é repreendido e a perspectiva do Budismo Mahayana é introduzida. O quarto tempo é o da perfeição da sabedoria, em que todos os apegos são resolvidos no vazio. O quinto é o tempo do Lótus e Grande Demise, em que Buda pregou a unidade e eternidade da verdade e a universalidade da essência do buddhahood.

CINCO VEÍCULOS Definidos variadamente no Budismo T'ien-t'ai e Hua-yen, estes representam diferentes níveis de aspiração e ação, variando de moralidade social, aprimoramento da consciência e paz interior a iluminação superior e despertar completo da mente.

QUATRO ETAPAS DE MEDITAÇÃO A primeira etapa é definida por atenção, reflexão, alegria, êxtase e unicidade mental. A segunda etapa é definida por pureza interior, alegria, êxtase e unicidade mental. A terceira etapa é definida por equanimidade, recolhimento, insight, êxtase e unicidade mental. A quarta etapa é definida por nem dor nem prazer, equanimidade, recolhimento e unicidade mental.

GHEE Um símbolo da natureza de buda, que é considerada um potencial latente dentro da mente humana, tal como o ghee (manteiga clarificada) é um potencial latente no leite.

BUDA LAMP Dipankara Buda (q.v.); simboliza a consciência primordial.

MONTE HENG Uma das cinco montanhas sagradas da China.

UM VEÍCULO Sânscrito Ekayana; este termo refere-se às manifestações mais abrangentes do Budismo. O Um Veículo é percebido, entendido e definido de formas diferentes. De particular interesse é o contraste complementar entre o unitarismo “centrípeto” do Saddharmapundarika-sutra, ou escritura do Lótus, e o unitarismo “centrífugo” do Avatamsaka-sutra, ou escritura do Ornamento Floral. O Sandhinirmocana-sutra, que dá a filosofia e tecnologia do yoga budista, expõe o conceito Ekayana em termos da unidade da verdade absoluta. O unitarismo do Zen está enraizado no que é chamado Uma Mente, ou uma mente unificada, da qual perspectiva é capaz de acomodar tanto as visões de unidade do Lótus como do Ornamento Floral, bem como a unidade da verdade absoluta.

SEIS CURSOS DE EXISTÊNCIA MUNDANA Animais (simbolizando tolice), fantasmas (simbolizando ganância), titãs (simbolizando agressão), infernos (simbolizando tolice, ganância e ódio juntos), humanidade (simbolizando virtudes sociais) e céus (simbolizando estados de meditação).

SEIS PERFEIÇÕES Generosidade, moralidade, tolerância, diligência, meditação e insight.

PARAR E VER Os dois lados da meditação; parar a delusão e ver a verdade.

TATHAGATA Um epíteto de budas.

DEZ MORADAS Determinação inicial; preparar o terreno; ação prática; nascimento nobre; cumprimento da habilidade em meios; estado mental correto; não-regressão; natureza juvenil; príncipe do ensino; e coroação. Ver *The Flower Ornament Scripture*, livro 15.

DEZ DEDICAÇÕES Dedicção a salvar todos os seres sencientes sem ter qualquer imagem mental de seres sencientes; dedicação indestrutível; dedicação igual a todos os budas; dedicação alcançando todos os lugares; dedicação de tesouros inexauríveis de virtude; dedicação causando que todas as raízes de bondade perdurem; dedicação adaptando-se igualmente a todos os seres sencientes; dedicação com o caráter da verdadeira talidade; dedicação desatada, não-vinculada, libertada; e dedicação ilimitada igual ao cosmos. Ver *The Flower Ornament Scripture*, livro 25.

DEZ FÉS Elementos de preparação mental: fé, mindfulness, diligência, inteligência, concentração, perseverança, estabilidade, dedicação, disciplina e compromisso.

DEZ GRANDES DISCÍPULOS DE BUDA Um grupo de discípulos de Buda, incluindo nomes frequentemente mencionados como Shariputra, Kasyapa, Subhuti, Ananda, Maudgalyayana, e assim por diante, representando uma variedade de personalidades e tipos psicológicos de alunos.

DEZ PERFEIÇÕES As seis perfeições (q.v.), mais voto, habilidade em meios, poder e conhecimento.

DEZ PRÁTICAS Dar alegria; ação benéfica; não-oposição; indomabilidade; não-confusão; boa manifestação; não-apego; superar

dificuldade; bom ensino; e verdade. Ver The Flower Ornament Scripture, livro 21.

DÉCIMA ETAPA A etapa mais alta do bodhisattvahood. Ver The Flower Ornament Scripture, páginas 789–799.

TRÊS CESTAS Um termo para o cânone budista.

TRÊS REINOS DE EXISTÊNCIA O reino do desejo, o reino da forma e o reino sem forma.

TRÊS ESTUDOS O currículo budista geral: estudos em disciplina, concentração e sabedoria.

TRÊS VEÍCULOS Seguidores, Auto-Iluminados e Bodhisattva; os dois primeiros são chamados menores; o terceiro é chamado maior. Os dois primeiros culminam na libertação individual, e o terceiro é dedicado à iluminação universal.

IMPLEMENTO RELÂMPAGO Um implemento ritual usado no Budismo Tântrico; no Zen Ts'ao-Tung, representa “cinco em um”, referindo-se aos cinco ranks do Zen como cinco facetas de uma realidade.

MUNDO TRÍPLICE O mundo condicionado, chamado tríplice em referência aos três reinos do desejo, forma e sem forma.

VINTE E CINCO DOMÍNIOS DO SER Uma representação do espectro de mentalidades condicionadas ou estados psicológicos.

DOIS VEÍCULOS MENORES Os cursos de seguidores e indivíduos auto-iluminados, cujo objetivo é a salvação pessoal; também chamados simplesmente “dois veículos”.

DUAS VERDADES Verdade relativa e verdade absoluta; todos os ensinamentos de Buda baseiam-se na assunção de duas verdades, frequentemente mudando o ponto de referência de relativo para absoluto e absoluto para relativo.

VEÍCULO UNITÁRIO Ver Um Veículo.

BOI BRANCO EM TERRA ABERTA Um símbolo da natureza de buda revelada.

LUTADOR COM UMA JOIA EMBUTIDA NA TESTA Um símbolo da natureza de buda oculta.

Histórias Zen

DITADO DO MESTRE AN SOBRE O SALÃO DE ENSINO Um monge entrou no salão de ensino do Mestre Ta-An, olhou à volta e disse: “Um belo salão de ensino, mas não há ninguém aqui.” O mestre veio pela porta e disse: “Como assim?” O monge não teve resposta.

DITADO DE PAI-CHANG “O QUE É?” O Mestre Pai-chang expulsou todos do seu salão de ensino, então assim que estavam a sair, chamou-os e disse: “O que é?”

RESPOSTA DE TUNG-SHAN AO DITADO DE YUN-YEN SOBRE CAVAR GENGIBRE Enquanto Tung-shan estava a cavar um lote de gengibre com Yun-yen, este último fez referência a um mestre Zen do passado. Tung-shan perguntou: “Para onde foi este homem?” Yun-yen permaneceu silencioso por um bom tempo, então disse: “O quê? O quê?” Tung-shan disse: “Tarde demais!”

WEN-SHU E BEBER CHÁ Enquanto Wen-shu bebia chá com Wu-cho, ergueu uma taça de cristal e perguntou a Wu-cho: “Também têm isto no Sul?” Wu-cho respondeu: “Não.” Wen-shu disse: “Então o que usam geralmente para beber chá?” Wu-cho não teve resposta. Mais tarde Tung-shan trouxe esta história: em nome de Wu-cho estendeu a mão e disse: “Deixando ‘sim’ e ‘não’ de lado por um momento, posso pedir emprestado isto?”

DITADO DE YAO-SHAN E CH’UN PU-NA SOBRE LAVAR BUDA Ch’un Pu-na estava a realizar a cerimónia de lavar um ícone de Buda: Yao-shan perguntou: “Podes lavar este, mas podes lavar aquele?” Ch’un respondeu: “Trá-lo para mim.” Yao-shan então parou.

DITADO DE YAO-SHAN SOBRE USAR UMA ESPADA Enquanto Yao-shan viajava nas montanhas com Yun-yen, a sua espada chacoalhava ao lado. Yun-yen disse: “O que está a fazer esse som?” Yao-shan sacou a espada e fez um gesto de corte. Mais tarde Tung-shan comentou esta história: “Vede como Yao-shan se deita para esta tarefa; se as pessoas do presente quiserem entender o transcendente, é necessário entender o significado disto primeiro.”